This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

M1495vi
1901
v.1
A 866,607

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

-eiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

VEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

iro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande dade de formulas e dados praticos com applicação á eria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito ntada. Este livro deve ser o companheiro indispen- do contra-mestre, do mestre, do architecto e final- do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho mente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — 800 réis br., 1$000 réis enc

1.025.877-68

fogueiro conductor de machinas de va- approvado pela associação dos engenheiros civis por- es. Livro escripto expressamente para servir de en- ento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br. 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—8.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

elementares de technologia, todos os que se dedicam á industria, ntes assumptos : — Madeiras. — Ro- vão. — Metaes. — Materias textis. — do de muitas gravuras explicativas. 00 réis enc.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cada vol. br. 200 rs. Enc. 300 rs. — Pelo correio 220 e 320

Volumes publicados

I. Coisas espantosas. — II. As tres irmans. — III. A engeitada. — IV. Doze casamentos felizes. — V. O esqueleto. — VI. O bem e o mal. — VII. O senhor do paço de Ninães. — VIII Anathema. — IX. A mulher fatal. — X. Cavar em ruinas. — XI e XII. Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e C. C. Branco. — XIII. Divindade de Jesus. — XIV. A doida do Candal. — XV. Duas horas de leitura. — XVI. Fanny. — XVII, XVIII e XIX. Novellas do Minho. — XX e XXI. Horas de paz. — XXII. Agulha em palheiro. — XXIII. O olho de vidro. — XXIV. Annos de prosa. — XXV. Os brilhantes do brasileiro. — XXVI A Bruxa de Monte-Cordova — XXVII. Carlota Angela. — XXVIII. Quatro horas innocentes. — XXIX. As virtudes antigas. — Um poeta portuguez... rico! — XXX. A filha do Doutor Negro. — XXXI. Estrellas propicias. — XXXII. A filha do regicida. — XXXIII e XXXIV. O demonio do ouro. — XXXV. O regicida. — XXXVI. A filha do arcediago. — XXXVII. A neta do arcediago. — XXXVIII. Delictos da Mocidade. — XXIX. Onde está a felicidade? — XL. Um homem de brios. — XLI. Memorias de Guilherme do Amaral — XLII, XLIII e XLIV. Mysterios de Lisboa. — XLV e XLVI. Livro negro de padre Diniz. — XLVII e XLVIII. O Judeu. — XLIX. Duas épocas da vida. — L. Estrellas funestas. — LI. Lagrimas abençoadas. — LII. Lucta de gigantes. — LIII e LIV. Memorias do carcere. — LV. Mysterios de Fafe.

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

N.º 14 — **O tanoeiro Nuremberg**, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag
N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka)**. costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — **Vida phantastica**, por Méry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — **O padre Daniel**, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — **Um coração simples**, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — **Yan**, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — **O tio Scipião**, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — **O crime do juiz**, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — **A Innundação**, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — Os Rantzau, de Erckmau Chatrian, 1 vol. de 210 pag.

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA—40.º Volume

A VIDA EM LISBOA

VOLUME 1.º

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

JULIO CESAR MACHADO

ALBERTO DE MORAES
1909

A VIDA EM LISBOA

ROMANCE CONTEMPORANEO

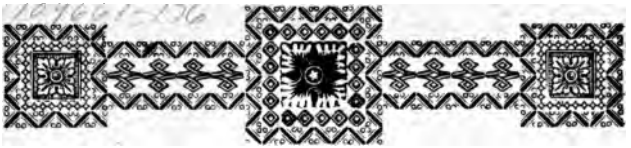
2.ª EDIÇÃO

VOLUME 1.º

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
Rua Augusta—50, 52, 54
1901

E.C.D.
M1405vi
1901
V.1

Typ. da Parceria Antonio Maria Pereira. — Rua dos Correeiros, 70, 1.º — LISBOA



Á CRITICA

Este livo, escripto sob o poder de impressões verdadeiras, aspira unicamente a ter côr local.

O panorama lisbonense é tão vasto que um estudo phisiologico sobre todos os vultos e logares seria trabalho para mui largo folego, e não sei até se, conseguida a difficuldade de alguem o escrever, venceria tambem a de alguem o ler!

Procurar as mais salientes feições da nossa terra, estudar os costumes e a indole dos lisbonenses, ligar a descripção dos typos á descripção de certos logares que em Lisboa tem mais distincta feição: inventar uma acção em que os elementos se combinem todos a auxi-

liar a pintura emprehendida dos logares e dos typos, amenisando-a pelo interesse e movimento de um enredo em harmonia com os caracteres que se pretende observar, e com os usos que se procura descrever — eis o plano desta obra, plano de uma seriedade extrema, que inevitavelmente devia tornar pesado este trabalho a um pulso litterario tão pouco experimentado como o do auctor.

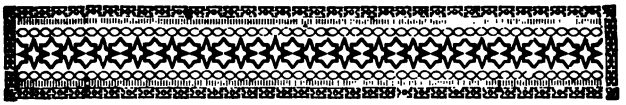
A critica será severa se apenas pela leitura do primeiro volume accusar a obra de não haver correspondido ao titulo. O plano é largo, e torna-se difficil desenvolvel-o nos primeiros capitulos, quanto mais realisal-o no primeiro volume de um trabalho extenso. O romance, conforme o titulo do ultimo capitulo deste volume indica, é no volume segundo que verdadeiramente principia; desejo vivamente fazer sentir que considero estes primeiros quinze capitulos como o prologo da acção que imaginei

Dou estas explicações, porque não pertenço ao numero dos que não reconhecem á critica o direito de questionar todos os elementos, que constituem um livro, tanto mais que tento pela primeira vez um trabalho de algum folego, e

que não posso apresentar-me escudado por uma reputação justificada.

Devo ainda uma explicação. Quando se tem em vista retratar os costume de uma sociedade, ou essa sociedade é um modelo de virtudes, ou o escriptor terá por vezes de esboçar phisionomias pouco sympathicas, e caracteres não extremamamente honestos. Fugi sempre nesta obra a ser immoral, mas não quiz nunca deixar de ser verdadeiro. Os que me accusarem dar-me-hão o gosto de os conhecer; por que quando se tracta de castigar a immoralidade, os hypocritas e os devassos são sempre os primeiros a gritar «Aqui d'el-rei!»

Lisboa, 19 d'Agosto, 1857.



I

No Marrare

Tem-se dito que somos um povo sem costumes. E' uma d'essas phrases sem alcance, que passam como aphorismos, não pela idéa que contêm, mas porque as palavras vão ahi dispostas com uma certa euphonia que o ouvido não rejeita, e que a reminiscencia não hesita em acceitar.

Penso de outro modo. Julgo haver n'esta terra costumes, e costumes muito differentes dos do estrangeiro. Se a nossa indole diverge, como hão de parecer-se os nossos usos?

A nossa alegria não tem o menor parentesco com a dos francezes: nós rimo-nos com gravidade diante de gente: largamos uma gargalhada franca e despretenciosa, apenas de portas a dentro.

A nossa gravidade, todavia, não tem o menor ponto de contacto com a sisudez britannica: essa,

é uma seriedade de lenço branco; a nossa, é uma seriedade... sem lenço no pescoco. O que n'elles se encontra de aristocratico no porte só transparece aqui como predicado da burguezia enriquecida; o que nelles vem de educação, entre nós nasce do dinheiro; e se elles são sisudos por temperamento, nós apenas o somos por filaucia!

Os costumes são os symptomas do espirito e do caracter das nações: por isso teriamos o melindre de não falar dos nossos, se alguns não entrassem no dominio da caricatura.

Como teremos occasião de observar em capitulos que hão de vir, em Lisboa a população acorda a uma certa hora, tira o barrete de dormir d'alli a uns certos minutos, ergue-se, almoça, janta e toma chá em periodos marcados e inalteraveis por qualquer circumstancia possivel. Mas quero que a principiemos a observar de vespera, e a contemplemos algumas horas antes de ir deitar-se. Se não arredondo o periodo dizendo: «deitar-se, e dormir» é porque desejo evitar os pleonasmos: para a população lisbonense, deitar-se e dormir é um acto simultaneo: ella já dorme quando se deita!

Oh Lisboa! para que havia de vir o gaz annunciar que a roda fatal do progresso vinha roubar-te parte dos encantos da tua insipidez? Para que havia, oh Lisboa, enviar-te o destino esses inimigos da tua patriarchal nullidade que tomaram os nomes de «Caminho de Ferro» e de «Telegrapho Eletrico» e que debalde, talvez, se propõe a engrandecer-te e illustrar-te?!

Pois, dize, não fazias tu consistir a tua gloria na mediocridade do teu alcance commercial, e não cuidaste sempre que havia de durar *per sæcula sæculorum* o reinado das cabelleiras, que condemnavam o talento, accusavam as invenções, execravam a actividade, e absolviam do cume da sua insufficiencia a terra que tinha paciencia para os soffrer!?

Que! Todas estas tentativas de progresso, que tendem a vencer o espaço e o tempo, e a aproveitar os breves dias que o homem tem de passar sobre a terra, não escandalisam por ventura os teus brios de ociosa, nem despeitam a indole pachorrenta do teu caracter conservador?

Pois sim, que importa! querem-te com resaibos parisienses, e tentam aformosear-te á estrangeira: tu és boa de todo o modo! boa ao dia de semana, e excellente ao domingo, quando calças luvas, pões a historica casaca preta, e te dispões a ir passear serena e pausadamente, tendo em vistas aborreceres-te com gravidade!

Todavia, eu amo-te, Lisboa! amo-te e a tudo quanto vem de ti! e se n'uma ou outra pagina d'este livro, alguma das tuas feições se acha daguerreotypada folhetinisticamente, porque este livro apesar de ser um romance, é todavia um verdadeiro folhetim em 400 paginas, nem por isso me queiras mal. Aqui, o céo é azul, o sol scintillante e esplendido, a natureza opulenta e magnifica, o clima consolador e sympathico; mas os monumentos são acanhados e ridiculos pela maior parte, as artes desfallecem, as sciencias vegetam sem im-

pulso nem auxilio, o talento rasga se entre as garras da miseria! Aqui, é grande e magnifico o que Deus fez—feio e ridiculo o que os homens fizeram!

E agora que a minha profissão está feita, e eu livre já d'esse encargo de consciencia (porque hoje não ha obra possivel sem uma profissão de fé!) comecemos a ver Lisboa á medida que a acção d'este romance folhetim caprichar em que mudemos de rumo.

Estamos no Marrare.

O Marrare é o primeiro caffé de Lisboa, apesar de ser o peior, o mais mal servido, o que tem bebidas menos gostosas, e commodidades mais insufficientes.

O Marrare, é para Lisboa uma especie de monumento historico que ella supporta, porque o habito lh'o tornou necessario. E' o *rendez-vous* dos janotas e dos jornalistas, dos parias e dos homens de pensamento: é um sitio onde nem todos tem direito de entrar, apesar de ser publico! Adquire-se esse direito pelos seguintes titulos:

Artigo 1 º É necessario para ser admittido a frequentador do Marrare ser um homem fóra do commum.

§ *unico.* Consideram-se homens fóra do commum os homens de talento, os janotas, os ociosos puros, e todos os exceptuados da sociedade constituida, que descobriram modo de gastar dinheiro sem ter dinheiro, ir ao theatro sem comprar bilhete, ter fato sem o pagar, andar de sege sem saber a conta.

Estamos no Marrare.

Quatro jornalistas commodamente agrupados em roda de uma das mezas d'aquelle eterno corredor, fumam, bebem cognac, e cavaqueam. São oito horas de uma noite de domingo gordo.

— Que fortuna suppõe ao barão de Sousa? diz Estevão de Mello a Guilherme da Cunha, o mais moço dos quatro, neophito inexperiente, em vesperas ainda de fazer as suas estreias litterarias, e que julga o seu futuro tão rico de vantagens, como o seu presente é de illusões.

— Duzentos contos, com certeza.

— Com certeza! pondera Luiz de Lima, com um sorriso de compaixão ironica; tu ignoras ainda meu caro amigo que ninguem tem a fortuna que se lhe attribue: ou tem muito mais, ou muito menos! Além de que, o teu barão de Sousa é um Nababo de comedia, um tio que vem do Brazil, um lord de novella ingleza! Eu conheci ha doze annos um homem pobre como eu: havia apenas uma differença, que era a d'elle parecer incapaz de vir a ser rico, porque não jogava, não entrava nas loterias, não trabalhava, e não sabia ganhar rasoavelmente um ceitil: pois bem, este homem que era nullo, insignificante, parvo e estupido, andou melhor do que qualquer de nós; não se entreteve com a patria, nem tomou amores com a politica — namorou. Mezes depois, encontrei-o casado com uma fortuna, segundo se dizia, de *cincoenta contos*—n'esse tempo, tu lembras-te Estevão? ainda toda a gente chamava uma fortuna a cincoenta contos. — Este homem foi considerado como um ente

valioso, e importante: deram-lhe um logar que elle teve a condescendencia de sollicitar, fizeram-no consul não sei para onde, para o Maranhão se bem me lembro; partiu, ganhou por lá o mais que poude e voltou, ao cabo de cinco annos de economias e de grandes sopros de felicidade com trinta contos. Pergunta-se:—em que gastou este homem o resto? E sabe-se a final que elle apenas recebera o dote de novecentos mil réis, disfarçados em cincoenta contos!

— Saibamos, acode José d'Athayde, — noticiarista effectivo de jornal, um d'estes homens que tem espirito e não tem talento, mas que se dão melhor com isso — a tua namorada tem prendas de caracter? Por outra, sabe fingir um deliquio, imitar um accidente, e fazer acreditar ao pae que está resolvida a deitar-se da janella abaixo?

— Estás fóra da questão, replica Estevão de Mello, o pae é muito mais esperto do que nós todos, e se lhe désse para ser escriptor publico seria o rei dos folhetinistas. E' um homem que tem visto o mundo!

— N'uma carta geographica! redargue Luiz de Lima. Não acredito na perspicacia dos homens que teem fama de espertos. Quasi sempre são tolos! e, *vice-versa* dos parvos de reputação saem de ordinario homens velhacos e intelligentes!

— Tu conheces o pae? pergunta José de Athayde a Guilherme da Cunha.

— Não. Nunca o encontrei no mundo, julgo até *que frequenta* pouco a sociedade. Conhecem-no?

— De nome, responde Estevão.

— Tambem eu, diz Luiz.

— E eu tambem, diz José d'Athayde.

N'esta occasião entrou no Marrare um homem de cincoenta annos approximadamente, ainda elegante e apresentavel. Sentou-se a uma meza proxima á dos jornalistas, e pediu um refresco.

A cavaqueação continuou.

— Elle mora a Santa Apolonia? pergunta Lima.

— Exacto. Na casa grande...

— Bem sei, diz Estevão, uma casa famosa para aventuras de namorado, casa que parece edificada por Cupido com cal e areia temperada por Venus e amassada por Mercurio!

— Deves pedir-lhe que te deixe admirar a lua atravez das parreiras da quinta. Percebes-me? Em quanto limitares as entrevistas a gargarejar da rua para a janella não vejo probabilidade de conseguires senão alguma *angina-pectoris!* A quinta, meu amigo! Desperta á namorada tendencias campestres! Accorda-lhe n'alma o gosto pela solidão das noites; dize-lhe que n'um jardim o aroma das flôres depois da meia noite vem casar-se ao perfume dos affectos, e formam um incenso de amor grandioso e divino! A quinta, é a tua unica taboa de salvação!

— Discuta-se o caracter e qualidades adventicias, grita Estevão. Para sabermos se ella é romantica, basta conhecermos-lhe: como se chama ella?

— Sophia, responde Guilherme.

— Nome de ingenua de algumas das eternas sem-

saborias sentimentaes que enriquecem o repertorio do nosso theatro normal! diz o noticiarista. Já se vê que a namorada tem queda para a lettra redonda. Leu de certo versos teus no album de alguma visinha. Todas as Sophias são litteratas, desde a de Mirabeau até á tua heroina de Santa Apolonia!

O homem que se sentara á meza proxima á dos jornalistas levanta se e sae.

— E' um caso singular! diz Guilherme da Cunha, a physionomia d'este homem que vae saindo parece-se immenso com a da minha namorada.

— No branco dos olhos! diz José de Athayde.

Neste momento ouviu-se um grande alvoroto de musica e algasarra. Ia passando uma dança de carnaval. Sentiu-se depois o prolongado rodar dos trens, e o motim da festa popular. O Marrare começava a estar deserto, o que sempre lhe succede nas noites de entrudo.

— Que faremos esta noite? pergunta Estevão, pousando na meza a garrafa exhausta já de recursos. Vamos ao theatro?

— Tenho um *rendez-vous* na Floresta, acode José de Athayde n'um tom de homem conquistador e importante.

— Com aquella comparsa do theatro hespanhol, diz Estevão rindo, a quem tu prometteste uma menção honrosa no teu primeiro nòticiario, dez linhas laudatorias a troco de uma entrevista?

— Não! diz José d'Athayde de mão na ilharga, não se trata de uma comparsa, nem de uma

duqueza: é um *rendez-vous* de maior gravidade e mysterio.

— Has de dizer-nos quem é, acode Luiz de Lima.

— Paga primeiro o cognac, depois saberás tudo.

— Rapaz! grita o medico. Esta garrafa de cognac; dois pintos, guarda o resto. Depois, voltando-se para Athayde:

— Estou esperando!

— Tenho um *rendez-vous* na Floresta, diz o noticiarista em tom mysterioso, ás onze horas em ponto; á entrada da sala de crystal... com o meu agiota!

— Estou roubado! diz Luiz de Lima, cuja balda era saber todos os *cancans* da vida alheia, e que já contava com um escandalo! Emfim vamos para a Floresta!

— Para a Floresta! disseram todos.

II

Na Floresta Egypcia

PARA os que não assistiram ás festas do *Tivoli*, a Floresta Egypcia é o melhor divertimento de verão que Lisboa tem possuido; não só a sociedade que o frequenta é de ordinario escolhida e da melhor esphera, mas tudo parece reunir-se para que sejam agradaveis as noites passadas n'aquelle grande jardim illuminado a *giorno*, abundante em jogos, enriquecido pela já historica montanha egypcia, especie de caminhos de ferro mais vagarosos talvez, mas que sairam mais baratos ao povo.

Pelo carnaval as salas de baile preparadas *ad hoc* recebem uma quantidade infinita de mascaras e de visitadores. São ao todo nove salas, a maior parte d'ellas pequenas, onde n'essas noites é quasi impossivel transitar, quanto mais dar rendez-vous

a alguem. Os *rendez-vous* de ordinario teem logar nas salas do *rez-de-chaussée*, n'algum dos gabinetes do botequim, ou no salão terreo, que precede a *sala de crystal*, que não é mais nem menos do que um predio de vidro, que serve de theatro, de sala, de tudo que se precise!

Quando os jornalistas e o doutor Luiz de Lima chegaram á Floresta, o relogio da entrada marcava dez horas. A concorrencia era immensa e quando algum mascara entrava, dirigia-se em linha recta á *sala de crystal* e cedia d'aquelle prologo de intriga que costuma ter logar no corredor da entrada, e que constitue, a meu ver, a menos incommoda face d'essa grande medalha de semsaborias. Mas na chamada sala do tanque agrupava-se uma reunião de elegantes, e entretinha a conversação um dominó preto que pela pequenez da mão encadernada n'uma irreprehensivel luva *paille*, e pela graciosidade do pé que desvanecia a reminiscencia de *Cendrillon*, dava toda a probabilidade a quem quizesse apostar que era uma mulher.

Os janotas deixavam-se intrigar com a melhor vontade porque — oh! maravilha dos tempos modernos! — o dominó tinha espirito!

— Mas quem és?! exclamava um dos que constituiam o grupo. Pelo tamanho do pé, ia jurar que te conheço!

— Trago as chinelas de Rhodope, meninos! A linda esposa de Pharaó estava a tomar um banho no Nilo, mas esqueceu-lhe o seu fato na praia. Succedeu passar uma aguia, roubar os seus sapatos,

reerguer-se aos ares com elles, e passando depois pelas alturas de Lisboa deixal-os cair a meus pés; calcei-os e vim para a Floresta!

Os jornalistas e o medico entraram neste momento e augmentaram o grupo dos intrigados

— O teu logar não é aqui, Luiz de Lima! disse o dominó dirigindo se ao medico. Leviano! Já por tua causa uma linda mulher se suicidou, e foste embotar as tuas recordações d'amor, decorando livros de medicina na Universidade! Curaste uma paixão d'alma com um curso de cirurgia! Ès capaz de receitar duas onças de *Gall*, meia oitava de *Broussais*, como remedio infallivel para dissecar o coração!

— Desconfio que este mascara é algum boticario illustre! disse o doutor, com um breve sorriso.

— E era uma interessante mulher, essa de quem lhes falo! continuou o dominó. De dezeseis annos casou, e de dezeseis annos morreu! Devorou a aquella febre de impotencia que acompanha os amores fataes; fanou-se como flôr de pouca dura: atravessou a Zona Torrida do amor, e avistou seu marido no pollo contrario! Depois, creança imprudente, por ti, que a tinhas perdido, por ti quiz morrer!

Luiz de Lima, n'um impeto de cholera agarrou o mascara por um dos braços, conduziu-o para junto de uma columna, e disse-lhe em voz alterada pela inquietação e pela anciedade:

— Dirme-has quem és, ou seguir te-hei toda a noute, e não conseguirás sair sem que na rua te reconheça!

O dominó, ergueu os hombros em signal de des-

dem; depois, descalçando uma luva e estendendo para os labios de Luiz de Lima a mais linda, a mais branca mão de que uma mulher possa ser vaidosa, encostou um annel aos labios palidos e frios do medico.

O doutor fez reparo no annel, examinou bem a figura do mascara, depois retorquiu com um d'estes sorrisos amarellos que são vulgares nos bailes mascaras.

— Já tinha toda a probabilidade de ter adivinhado quem era. Mas aqui! Na Floresta!? Todavia, a graça desses pés de fada não se confunde. Já tomou chá?

— Prometti ir cear com a Annica, respondeu o dominó. Mas são ainda agora onze horas, creio eu, e ella volta de S. Carlos á meia noute exacta. Temos uma hora para conversarmos, se é que tambem deseja ter uma explicação commigo.

O medico deu o braço ao dominó, e atravessaram a sala do tanque em direcção ao atrio da entrada.

— Cuidado! Não seja o meu agiota que se disfarçasse para saber em que opinião o consideramos! disse José d'Athayde.

Nesta occasião bateram-lhe no hombro. O noticiarista voltou-se, e deu com o seu homem.

— Faltou á hora, disse o agiota, consultando o relogio, e contando minuto por minuto; no meu já passam... dez e cinco quinze, e dois dezesete... já passam dezesete minutos das dez e meia!

— Meu caro amigo, disse José d'Athayde, estava

pensando agora mesmo na sua sympathica pessoa! Venha tomar um *grog*.

—Dispenso, disse o agiota.

—Então venha tomar dois *grogs*? Tambem não! Nesse caso venha o seu braço a todos os respeitos illustre, e vamos conversar ao ar livre.

O agiota e o noticiarista foram de braço dado tambem na mesma direcção do medico e do dominó, passear e conversar para o atrio como elles.

Demoremo-nos um instante para pôr o leitor ao facto de quem são os personagens com quem agora o estamos occupando.

Luiz de Lima, já o leitor conhece do primeiro capitulo. É um homem de trinta annos alto, elegante, rosto intelligente e agradavel expressão e attitude sempre doutoraes. Dizia-se no mundo que a marqueza de Villar o distinguia. Entretanto elle era o primeiro a desvanecer tal boato quando alguem lhe suscitava conversação sobre o assumpto. Mas os *roués* da nossa sociedade asseguravam que o medico era um fino espertalhão capaz em questões de mulheres, de levar o bolo á gloria!

Havia um motivo para que se pensasse assim. Tenho observado que as mulheres de ordinario entregam-se por curiosidade ou por amor; mas muito mais a miudo por curiosidade. Ora, Luiz de Lima fizera aos vinte annos as suas entradas no mundo e debutara por apaixonar uma das mais formosas senhoras da nossa sociedade, que achando-se preza entre o dever e o amor, porque infelizmente era casada, teve o sublime instincto de respeitar a sua

propria dignidade; mais tarde, victima do amor, succumbiu á lucta e preferiu envenenar-se. Deixou-se morrer ao som de uma walsa, e quando a palidez da morte lhe desbotou as faces ella disse a todos que era devido ao cançasso o suor mortalmente frio que lhe innundava o rosto!

Luiz de Lima foi o assumpto de mexericos de baile e de espectaculos. As damas assestavam o oculo para o examinarem, perguntavam umas ás outras se já haviam falado com elle, se já o tinham visto dançar, se já o haviam amado emfim!

Porque o amaria ella tanto? Era a pergunta constante do sexo amavel. Que tem elle de mais que os outros para que ella se envenenasse por causa d'elle?! diziam comsigo mesmo as Pompadours d'esta terra e d'esta epocha, desejosas de o conhecerem de perto.

O medico era um homem de mundo a este tempo. Comprehendeu o alcance prodigioso da sua situação. Tratava-se de escolher! Todas essas mulheres que haviam desdenhado d'elle, agora que causara a morte de uma pobre apaixonada, viam n'elle um homem de moda, e era a qual d'ellas o possuiria primeiro.

Luiz de Lima já não estava na idade dos devaneios. Espirito meditador e calculista, viu na sua situação uma estrada para um futuro, e lançando a vista sobre as mais distinctas mulheres da sociedade lisbonense, elle disse no meio de um baile:

— Será a marqueza de Villar!

N'estes ultimos tempos Portugal tem visto er

guerem-se e cairem por si proprios tantos partidos politicos em que se defende homens em vez de causas, que á historia contemporanea não será facil de certo mencionar bem todos elles. O marquez de Villar era um exemplo do que avançamos. Influencia de um dia, gloria de momento, fortuna de occasião, luz de perilampo, tudo em fim que dê uma idéa da pouca duração do seu poder, mas durante esse pouco tempo o marquez de Villar, foi um homem importante. Ora, felizmente para Luiz de Lima estava-se n'esse tempo, isto é o marquez de Villar segundo a phrase de José d'Athayde, era *trunfo!* O medico sabia a fundo que não ha protecção que valha a de uma mulher que nos ame e estèja bem situada. Ambicioso e calculista, vio na marqueza um instrumento para derribar as difficuldades do seu futuro. Incapaz já de amar elle disse comsigo — «A ter que representar, seja com uma actriz que me dê honra!» Idéa de comico, que julga engrandecer-se por estar em scena com algum talento festejado!

A marqueza, effectivamente, era uma das *curiosas* de conhecer o medico. Foi assalto sem perigo. Ao fim do quarto baile em que se juntaram julgou-se até inutil arrear bandeiras em signal de ir entregar-se a praça.

Mas souberam ambos depois manter no mundo um tão perfeito disfarce que chegaram a illudir os litteratos, gente indagadora dos *cancans* de sociedade, e que saborea um escandalo com melhor vontade do que um livro de Herculano.

Apenas alguma fidalga velha, das que se sentam ao canto das sallas, e cerram os olhos como quem cae de somno em quanto tem a habilidade de não perder de vista o mais breve movimento de algumas das cem pessoas que estacionam deante d'ellas, apenas alguma d'essas, dizemos, affirmava que a marqueza durante uma noite inteira não dirigira a palavra a Luiz de Lima, apesar de estar palestrando alegremente com tres ou quatro homens, amigos intimos do medico, e que se achavam ao lado d'elle. Excluir da honra de lhe dirigir a palavra um unico homem que está e se deixa ficar toda a noite n'um grupo de mais tres com quem uma mulher conversa continuamente, prova ou não prova que o disfarce vae longe de mais, e que elles falam tanto a sós que combinaram não se dirigirem a palavra diante de gente?

Faça-se justiça ás fidalgas velhas! Para este genero de coisas não ha cartilha como a d'ellas!

A intimidade da marqueza com Luiz de Lima durava havia já dois annos. Era mais vehemente cada dia o interesse que ella tomava pelo medico; mas era singular e melindrosa a situação em que n'essa occasião se encontrava. Expliquemo-nos.

Dotada de um temperamento facil a affectos, a marqueza amára dois homens depois de casada. Victor Marrocos, e Luiz de Lima; o primeiro ha de o leitor ficar sabendo quem é, depois de ler um dialogo que n'este mesmo capitulo se encontra; o segundo é o medico já conhecido por quem está lendo esta obra.

Casára por imprudencia e leviandade de creança, casára aos quinze annos, e agora que já contava vinte e nove, a marqueza chorava com lagrimas de sangue as leviandades da sua infancia, que para sempre por um capricho pueril a haviam encadeiado a um estado social para ella insupportavel, agora mais do que nunca!

Aos vinte annos, prendera-se d'amor a Victor Marrocos: enfeitiçara-a a errante existencia d'esse revolucionario moderno, que por um momento se dignou fazer-lhe a côrte, acceitar os favores da sua intimidade, para depois e de repente desapparecer de Lisboa. Voltou de novo, quando a revolução de 1846 serenou; appareceu coberto do pó da batalha, no meio de uma *soirée* do marquez de Villar, e explicou no intervallo de uma polka a uma contradança, a siuação politica de Portugal ao marquez que morria por ouvil-o falar, á marqueza que ficou meia morta de alegria ao vel-o, e á sociedade que prestou ao homem politico uma attenção misturada de interesse que o obrigou no fim a dizer—«Os acontecimentos de Torres Vedras, ainda assim, não devem ser tidos em tal importancia que por causa d'elles se altere a ordem das *redowa* e das *shotish!*

A marqueza encontrou-se de novo no seu paraiso de felicidade, mas conheceu mais tarde com que homem lidava; viu que elle a sacrificava á politica, essa amante perigosa e deslumbrante dos homens publicos, e ponderou então que só fora amada por devaneio, por passatempo, por capricho, e que o coração do seu amante só era perceptivel de pal-

pitar toda a vida pela gloria, rival invencivel aos olhos d'essa mulher fraca, que não se lembrou que a ambição quebra-se entre os dedos frageis do amor, e que ella podia ainda vencer e apaixonar aquelle pretendido grande homem!

A pouco e pouco desvaneceu-se entre elles até a mais leve sombra d'amôr, ou mesmo de reminiscencia do passado. Constituiu-se entre ambos uma intimidade sincera e despreocupada de idéas amorosas. Falavam em politica, em theatros, em toilettes, a sós, como poderiam fazel-o diante de gente por alguma combinação especial. Era como se nada houvesse existido entre elles, e se o passado fosse um sonho apenas de que nem ao acordar durassem ainda bem vivas as lembranças!

A alma da marqueza soffreu então, ao atravessar as crueis desillusões de um primeiro amor. As mulheres romanticas desenvolvem nessas occasiões todo o seu espirito, e sabem tirar-se com vantagem e prestigio d'estas situações delicadas: Sapho trahida pelo seu amante, resolve-se a atirar comsigo do alto do monte Leucate: a marqueza, n'uma situação não menos triste hesita perante a idéa do suicidio como immoral, e prefere escolher outro amante e esquecer o antecedente!

O amante escolhido foi Luiz de Lima, que, como é facil perceber, representava mais do que um homem — representava a vingança! a marqueza quiz poder de novo apparecer de fronte alta, e hoje é maxima corrente que não se pode passar sem leque *e sem amante!*

Mas ao marquez de Villar, nada lhe passava sequer pela idéa de tudo que acabamos de mencionar. Julgava bem sua mulher, ou para melhor dizer, não a julgava bem nem mal, porque não perdia tempo a meditar na virtude da marqueza.

Por isso reinára sempre entre os dois amantes o maior disfarce no mundo, e a melhor harmonia quando se encontravam a sós. O medico via na marqueza um amor util, a marqueza via em Luiz de Lima, o seu ultimo amante, e por isso esmerava-se em prendel-o e enleal-o.

Ora. não sei porque excentrica casualidade, observa se que na sociedade lisbonense as senhoras casadas que tem um amante escolhem sempre para esse cargo honorario um homem tambem casado. E' talvez para por este modo promover ainda mais o systema das infidelidades conjugaes; ou então, será para que o mundo não observe tão facilmente nem tão facilmente desconfie: ou será finalmente uma vingança de rivalidade da parte de metade, do sexo amavel para com a outra metade firmando-se em não haver mandamento que prescreva — Não desejarás *o marido* do teu proximo!

Certo é que a marqueza não queria prescindir do luxo da situação, e via com desgosto que Luiz de Lima não fôra abençoado pela igreja ligando-se para sempre a uma mulher a quem depois atraiçoasse.

— Sabe o que hoje aqui me trouxe, Luiz? disse-lhe a marqueza, dando-lhe o braço, e deixando-se conduzir, como dissemos, até ao atrio de entrada.

Quiz convencer-me de que não era por doença que o meu querido Luiz me não apparece ha cinco dias quando eu na minha carta lhe pedia para só não apparecer agora tanto a miudo, porque o marquez notou que o doutor ha mais de dois mezes que não joga, sem todavia deixar uma só noite de visitar-nos! Para que foi mais longe das minhas prescripções?! Não adivinhava que eu não resistiria á saudade de o ver?!

— Não me argua sem me ouvir primeiro, marqueza! cuida por ventura que ignoro o que se tem passado? Sei bem que a carta que me dirigiu sob pretexto de que o marquez desconfiava ou sabia tudo talvez, foi escripta dez minutos depois de Victor Marrocos desembarcar em Lisboa e enviar o criado a dar parte á marqueza do seu regresso!

— Victor Marrocos, bem o deve saber, Luiz, é amigo do marquez e antiga visita de nossa casa. No dia em que elle deixasse de visitar-nos faltar-nos-hia o mais espirituoso dos convivas das nossas ligeiras funcções. Bem o conhece: não é exagero dizer que elle tem sido o homem de mais fina graça e da mais elegante originalidade que pode crer-se. Arrebatado ás vezes, e parecendo até descortez mas sempre d'uma excentricidade sympathica mesmo quando é um pouco petulante.

— Ai! marqueza, não queira saber o que o mundo diz d'esse homem que tanto vale a seus olhos, e que toda a gente considera como um especulador politico, que, depois de haver feito epocha, sacrificou a energia das suas convicções aos interesses

de um contracto, e tornou-se de repente conservador e ordeiro! Isto é, pelo que lhe diz respeito como homem publico. Quer saber agora o que se entende d'elle como homem particular? um caracter falso e desigual: tão susceptivel de um bom rasgo de generosidade de alma, como de um grande attentado ou de uma grande vilania. Isto nasce de um grande defeito do seu genio: elle não tem estima por si proprio! Vaidoso, mas a um ponto que sacrifica tudo á vaidade, este homem, incapaz de amar alguem, illude as amantes illudindo-se ás vezes a si proprio, quando tenta persuadir-se de que gosta d'ellas por ellas e não por si! Victor Marrocos, marqueza, é uma alma gasta e esteril como Estevão de Mello, como Antonio Roma, como mil filhos d'este seculo, sem crenças e sem temores! Elle só poderá ainda inflammar-se para satisfazer um capricho da sua presumpção sem limites, ou então pelo que lhe deslumbrar os sentidos. Nunca estimou aquella *lady* que lhe acceitou a corte senão pelo facto de ser bem feita e ter o pé pequeno!

—Attenda. Quero desvanecer-lhe esse conceito em que o tem: depois mudaremos de conversa. Vae adiantada a noute, e tenho bem que lhe dizer! Isso de que o accusa nasce mais de uma fervorosa paixão pela arte, por tudo que é bello e perfeito, por tudo que realise o ideal do poeta e do artista, do que da ausencia de instinctos elevados e grandiosos. Victor Marrocos é um homem gasto nas luctas da vida politica, e que de ha muito perdeu todas as

illusões que despertam o enthusiasmo á simples idéa da perfeição moral. E' um homem que conhece a vida, e que tem visto o mundo. Admira uma mulher formosa, como aprecia um bonito trecho musical. Para elle a mulher e a musica servem-lhe apenas aos sentidos, me dirá: é possivel; mas ha ao menos n'este homem uma grande qualidade a respeitar, é o talento. Não é a esperteza vulgar dos nossos homens publicos, nem a incommoda pretenção a ter espirito; é mesmo mais do que talento, é o genio. Victor Marrocos tem tomado parte activa e muitas vezes a parte principal nas revoluções modernas do paiz. Soldado da liberdade, combateu pela emancipação da sua terra...

— Em quanto esperou que a sua terra lh'o pagasse. Mas quando os destinos de tribuno o seduziram mais do que os de emigrado, poz de parte as suas crenças e abraçou a causa dos seus interesses defendendo o que até então accusára!

— Pois seja assim! dir-se-hia que tenho interesse em defendel-o, se a tua perspicacia não conhecesse n'isto mesmo uma prova de que estou innocente: aliás seria eu a primeira a condemnar-me pelo proprio ardor das minhas palavras? Pobre louquinho! e queres fazer-me acreditar que estás convencido de que te sacrifiquei a outro, e que pude desejar que interrompesses a assiduidade das tuas visitas, em honra de um preferido! Que merecias?!

Isto foi dito n'aquelle tom de amuo galante que dá mais graça ainda ás mulheres quando ellas não *passam já dos trinta* annos, e que as pregas dadas

ao rosto durante o ligeiro espaço de um assombrear de phisionomia se não podem confundir ainda com as que o tempo marca com o seu sello indelevel.

O medico gostou d'aquella estrategia feminil, disfarçada habilmente em pieguice amorosa. Gostou de se ver encartado em tyranno, em despota, em sultão absoluto no imperio alheio do coração do coração da marqueza. Todos nós, homens, gostamos de que se nos faça sentir a nossa superioridade e que a cabeça que constitue o alvo das nossas adorações, se curve submissa, escrava, sendo rainha. Variações infinitas sobre o eterno thema da vaidade.

— Amas-me então como d'antes? perguntou Luiz de Lima, perscrutando atravez da mascara do dominó que expressão annunciava o olhar da marqueza.

— Amo-te como sempre... Isto é, parece-me que não digo bem, nem avanço a verdade inteira...

— Como?! interrompeu o medico.

— Estou persuadida de que te amo agora... um pouco mais ainda!

N'esta occasião passaram hombro a hombro com José de Athayde, que tão embebido estava na sua conversa com o agiota que não deu por elles. O noticiarista dizia n'essa occasião:

— A mais de dez por cento, é o mesmo que dizer-me que deseja ver-me *entalado!*

O medico ponderou comsigo mesmo:

— Ambos nós estamos negociando!...

A marqueza foi guiando Luiz até ao portão de ferro da entrada para a quinta onde a claridade era tão fraca que poude tirar por um momento a mascara, sem susto de que podessem conhecel-a.

— Ouve, disse ella. D'ora em diante irás apenas passar a noite a nossa casa ás quintas-feiras e aos sabbados: em compensação ver-nos-hemos ás segundas-feiras e ás sextas em casa da minha modista. A'manhã principiará a ser assim. Da uma hora da tarde ás tres estarei livre: antecipa a hora para que não chegues depois de estar á porta o meu trem. Tenho mil coisas que dizer-te, e a mais insignificante d'ellas seria de sobra para provar o amor de uma outra mulher! Em quanto eu cuidava de melhorar a tua posição e preparar o teu futuro, entregavas-te á idéa de já não seres amado! vejam se não é sina nossa, infelizes mulheres, sermos sempre mal julgadas!

— Perdoas-me!? perguntou o medico, adoçando a voz e preparando um olhar mavioso.

— Merecias que te perdoasse e te esquecesse, mas prefiro não te perdoar e castigar-te amando-te sempre!

— Adoravel! exclamou Luiz de Lima, que principiava a tomar a scena como uma intriga de baile de mascaras. Que queres então dizer-me de tanto valor, anjo meu?

— E' o meu segredo, replicou a marqueza pondo de novo a mascara. Só te pergunto uma coisa — se eu quizesse ver-te rico e feliz e sacrificasse até à *minha tranquillidade* para que o conseguisses a

troco embora dos meus ciumes, acreditarias então que te adoro?

— Minha querida Thomazia, não sei entender-te!...

— Saberás tudo amanhã. Não é promessa de dominó! Está dando meia noite e tenho que partir. Adeos! Escuso lembrar-te o que disse: á uma hora da tarde!

— Beijo-te as mãos!

— Não me acompanhes.

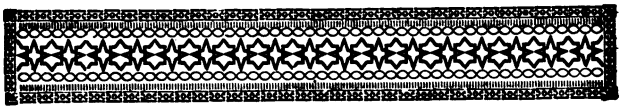
Durava ainda o aperto de mão da despedida quando quatro homens que acabavam de entrar se approximaram dos dois amantes: o dominó soltou um ligeiro grito, e apertou com ancia o braço de Luiz de Lima. O medico tomou uma expressão inquieta, e vendo que os quatro homens se dirigiam para o seu lado apressou-se a evitar suspeitas, sendo o primeiro a cumprimental-os.

— Sr. marquez, disse elle, dirigindo a palavra a um d'elles que não tirava os olhos do dominó, V. Ex.ª tem bastantes fortunas amorosas todo o anno, para que não precise disputar-me a unica quadra das minhas conquistas e galanteios — o carnaval!

— Não me atrevo a entrar na lucta, meu caro doutor! Demais a mais tenho a noite presa. Deixemol-o em paz com essa interessante incognita! mas sempre deve consentir que lhe diga que se é intriga d'esta noite, esse mascara sae por força alguma victima da clausura conjugal, que escapou ás garras de um marido feroz para vir respirar a athmosphera encantada dos bailes de mascaras.

— Imbecil! disse o dominó entre dentes e escapando do circulo sem ser vista. A indiscripção ha de ser sempre a sua unica qualidade!

Era o marquez de Villar, que dirigira a palavra, sem o saber, a sua mulher = escapada ás garras de um marido feroz = segundo a sua previdente idéa!



III

Uma ceia de domingo gordo

Nas tres noites de carnaval Lisboa parece illuminar-se do reflexo pallido dos *petits soupers* da Regencia, e prescrever do Codigo Civil que o cidadão ceie em sua casa.

É caso entendido que o *Matta*, a *Horta Secca*, a *Pomba de Ouro*, e o *José Manuel*, são no domingo gordo e na terça feira, sobretudo, o bem parado da população escolhida, que vae depois do theatro ou do baile de mascaras *bras-dessus bras-dessous* com alguma amantesinha de aspirações não ruinosas, cear n'um agradavel e doce *tête-à-tête* acompanhado de dois ou tres pares que procuram igual destino. Reune-se tudo, faz-se um *rancho;* e *en-avant-quatre* sem receio nem escrupulo, porque para este genero de divertimentos onde ha quatro, seis, ou oito, comtanto que seja aos pares, é sem-

pre o mesmo que estarem só dois, e ninguem faz ceremonia com o visinho!

O marquez de Villar em companhia do barão de Sousa e de duas dançarinas do theatro de S. Carlos, convidou Victor Marrocos e Luiz de Lima para cear depois de sairem da Floresta. Uma das dançarinas era, em phrase de bastidores, *entretida* pelo barão, que adorava n'esta rapariga uma grande robustez de fórmas pouco em harmonia com a arte da dança, mas excellente para a *arte* do amor. Ritinha, que assim se chamava, era um contraste completo com a sua companheira Bemvinda. Esta, magrita e pallida, porque tinha a balda de se apaixonar pelos primeiros tenores: aquella anafada e vermelha, porque tinha o bom gosto de não se apaixonar por ninguem. O barão sabia com quem lidava: não o levavam por simples! mas apesar de ter a consciencia de que o aturavam pelo seu dinheiro, elle conservava a Ritinha como que por habito e considerava-a um objecto de luxo, que lhe agradava por ser bonito.

Do barão de Sousa hade fazer-se o retrato demoradamente no seguinte capitulo. Em quanto ao marquez de Villar, era um homem de cincoenta annos, quasi da idade do barão. Amigos de ha muito, tinham acabado por se parecerem um com o outro, vestirem do mesmo modo, falarem no mesmo sentido, e constiparem-se ao mesmo tempo. Isto succede quasi sempre ou aos casados de muito tempo, ou ás pessoas que se dão muito, tornando-se *inseparaveis* no mundo, e promovendo a tal

ponto as idéas associadas, que é impossivel alguem lembrar-se de um sem se lembrar do outro, falar de um só d'elles, não os conhecer ambos, não os convidar a ambos, não os tomar emfim por um só homem.

Pois que!? estranham! Acaso não tem ainda encontrado no mundo exemplos frequentes do que estou contando?! Não conhecem dois homens que á força de falarem sempre um com o outro, tomam o mesmo ar, as mesmas maneiras, e até as mesmas maneiras, e até as mesmas idéas de um só?!

Se um gosta da Alboni mais do que da Castellan, são ambos Albonistas: se o outro diz que a fôrma das botas de *Stelpflug* é desairosa, dirão ambos que Stelpflug dá ás botas uma fórma desairosa. A historia de um é a historia de ambos. Acordam á mesma hora, lavam-se dez minutos depois com sabonetes comprados na mesma loja, e em agua do mesmo chafariz! Saem na mesma direcção, dizem as mesmas palavras, contam as mesmas anecdotas, dizem mal das mesmas pessoas, e quando um d'elles sente esfriar o tempo vão ambos a casa vestir o *paletot!*

Era pouco mais ou menos assim tudo que se dava entre o marquez e o barão. O marquez quando tinha que documentar uma phrase, certificar uma idéa ou apresentar uma opinião, citava por força o barão. Do mesmo modo o barão na mais insignificante conversa citava sete vezes o marquez.

Ha na sociedade lisbonense pessoas que conseguem por este modo grangear creditos uma á outra.

«A proposito de sciencia, diz Thomé, dir-lhes-hei que ainda não encontrei na minha vida nem mais poderoso engenho, nem maior quantidade de dados scientificos, nem mais portentosa reminiscencia do que a de Thomaz!

«Já que falâmos de sciencia, diz Thomaz, aproveito a occasião para os advertir de uma circumstancia que talvez não ponderassem ainda: observaram já a reminiscencia portentosa, a enorme quantidade de dados scientificos, e o poderoso engenho de Thomé?!»

Assim eram o marquez e o barão, verdadeiros Thomaz e Thomé da anecdota. Se haviam começado por ser agradaveis um ao outro, terminaram por se considerarem mutuamente indispensaveis; qualquer d'elles era para o outro o typo do *alter ego*.

Deve todavia fazer sentir-se uma circumstancia: por mais amigos que sejam dois homens, ha sempre um que obedece ao outro por indole, por habito, ou por necessidade. A situação do marquez e a protecção que sempre dera ao seu caro Antonio Cypriano, que eram estes os dois primeiros nomes do barão, haviam-lhe dado o direito de ser elle o Dom Quixote d'aquelle Sancho Pança, a alma d'aquelle corpo, o recheio d'aquelle empadão!

O marquez de Villar, conforme o leitor já viu do que se disse no capitulo antecedente, era chefe de um partido politico; Antonio Cypriano de Lemos era, em consequencia da fortuna que possuia, um dos mais importantes sectarios da politica do marquez. O que o marquez não alcançava por enge-

nho, o barão conseguia-o por dinheiro Já d'isto se vê de que importancia era para o partido este Antonio Cypriano de quem os Villaristas diziam — «é uma das melhores cabeças do nosso partido!» — querendo dizer de certo que era uma das melhores «bolsas.»

Sem alcance de idéas politicas, elle limitava-se em não acreditar senão no marquez e nem se dava ao incommodo de tentar comprehendel-o. Quando se segue a politica de um homem e se partilha em tudo os altos juizos d'esse homem, a politica torna-se questão de compadres, e a causa é sempre antipathica; por isso á medida que o Villar e o seu partido iam caindo, Antonio Cypriano ferido no seu amor proprio mais se resolvia a empregar todos os meios monetarios unicos de que podia dispor para o triumpho das suas idéas, tentando ainda sustentar uma causa perdida no animo publico.

O marquez apresentou-lhe por essa occasião Luiz de Lima, a quem o barão, que raras vezes frequentava o mundo, não conhecia senão de nome. Em quanto a Victor Marrocos, esse conhecia o elle como um diabolico revolucionario prompto sempre a orar ás massas no furor das crises do parlamento, e a jogar epigrammas no remanso das tavaqueações domesticas. Nem se estimavavam nem se aborreciam; e apesar de se conhecerem havia annos, era talvez a segunda vez que se encontravam reunidos. Desconfiado por indole, o barão não o olhava com bons olhos, porque via n'elle um antigo inimigo politico, que só nos ultimos tempos se che-

gára ao gremio dos villaristas, por especulação.

Depois do quinto copo de Porto, a conversação occupou-se, como é de uso nas ceias, das mulheres em geral, e de algumas em particular O barão de Sousa era homem que saboreava uma boa anecdota. As historietas crusaram-se. Os convivas tão depressa tratavam de uma duqueza, como de uma comparsa. Esboçou-se um par de biographias. O marquez de Villar tomou insignificante parte na discussão porque as mulheres não eram o *seu forte*, e o barão de Sousa, que se achava encartado em presidente da festa, decretara que o sexo amavel seria o unico assumpto permittido até ao Champagne; em principiando a sobremeza conceder-se-hia a palavra sobre a politica do paiz, porque se contava que a esse tempo as mulheres estivessem a dormir, e os homens a vomitar.

O barão de Sousa era, por fim de tudo, um soffrivel homem de mundo. Para elle a moral era uma especie de bengalla como que batia nos outros dispensando-se, como é natural, de dar com ella em si mesmo. Seriedade! Ninguem como elle pronunciava n'um tom de mestre de capella esta santa palavra, porque ninguem melhor do que elle tinha a consciencia de que isto de seriedade é uma historia que toda a gente exige nos outros, e sem a qual passa divinamente.

— Á saude do corpo de baile! gritou Victor Marrocos, olhando para o barão de Sousa com uma expressão de ironia e menos-preço que era habitual á *physionomia* d'este homem publico.

— E' innegavel, ponderou o barão, que o corpo de baile faz progressos na arte... e na belleza que tambem é arte n'ellas, se me não engano. A Ritinha desde que passou á classe das primeiras, e que o choreographo compoz uma variação expressamente para ella, encarregou-se de provar que a gloria tambem engorda! Vejam que bochechas! continuou elle fazendo uma caricia á dançarina que estava com a bocca cheia com uma salchicha frita; e que excellente côr, que côr de saude! ó marquez, que diz!? Palavra de honra, Ritinha, sou um cego admirador dos temperamentos rijos e das constituições saudaveis. Deliro deante de tão rosadas faces! Para mim as mulheres pallidas, has de perdoar Bemvinda! enjoam-me quasi tanto como os romances que as elogiam. Não é do meu voto, Marrocos?

— Reconheço a superioridade da Ritinha, e admiro-lhes as côres: mas não me obrigue a dizer mais porque não entendo nada de pintura!

Este epigramma foi saudado com solemnes gargalhadas dos homens, e respeitabilissimos amuos da parte das duas dançarinas.

— Tu has de ser toda a vida, exclamou o marquez dirigindo-se morto de riso a Victor Marrocos, o mesmo e inalteravel insolente que temos a desgraça de conhecer hoje! n'um salão ou n'um botequim, n'uma egreja ou n'uma praça, na tribuna ou na casa de pasto! Não lhe queiram mal, amorinhos, desde creança que elle não acredita nas mulheres.

— Porque não acredita o meu amigo nas mulhe-

res? perguntou o barão que principiava a beber de mais, e a desenvolver uma vivacidade que a natureza lhe não havia querido conceder adivinhando que elle viria a ser bastante rico para poder compral-a por intermedio de vinhos generosos. O senhor ha de acreditar por força nas mulheres, ou eu não hei de ser quem sou. Pois em presença de duas tão galantes meninas atreve-se a offendel-as menospresando a *mais bella metade* da creação a que estas prendas teem a honra de pertencer!

Victor Marrocos que percebeu que o barão tinha o vinho bulhento e palrador, tomou a palavra e defendeu as mulheres. Foi um d'esses discursos de ceia de domingo gordo, em que as idéas andam a nadar em Champagne. Para ganhar as boas graças do barão, porque antevia que para a sua missão de especulador politico isso lhe podia servir ainda, attendendo á fortuna d'elle, o revolucionario elevou ás nuvens as senhoras de sociedade e sobre todas, as meninas solteiras do mundo elevado, adoraveis pela educação e pelo perfume da atmosphera em que nascem, «porque só um homem de mundo sabe educar uma filha», lisongeando, como se percebe sem custo, as vaidades do barão que o levavam á mania de se considerar o primeiro educador d'este seculo, e que eram á mesa sobretudo de uma susceptibilidade que a cada instante lhe fornecia excellentes quixotadas.

— Alto lá! gritou Luiz de Lima, que sempre por estas festas se julgava ainda em Coimbra e remoçava dez annos. Assim mesmo acredito mais na

Ritinha e nas suas companheiras do corpo de baile de S. Carlos, do que nas meninas educadas por homens de mundo, que merecem ao sr. Marrocos tão notavel menção. A educação que se dá ás mulheres de Lisboa em logar de as tornar instruidas torna-as pedantes, desregradas em vez de virtuosas. Eu sou um pouco selvagem em questão de mulheres — quero-as innocentes e ignorantes: só assim poderão ser religiosas; a educação que se dá em Lisboa ás damas ou as converte em beatas por aristocracia, ou em irreligiosas por pretenção. A simplicidade é a poesia da mulher. A Ritinha e a Bemvinda aproveitando o intervallo da opera á dança para seduzirem entre dois bastidores um millionario de boa fé, que quando olha para o corpo de baile julgo ter deante de si o painel das onze mil virgens, parecem-me, ainda assim, mais acceitaveis e menos repugnantes, do que as meninas educadas de Lisboa que se vendem a um marido, renegam do amor e do amante quando elle é pobre, e aproveitam a educação para saberem enganar um homem a quem juram amar tendo em vista apenas a americana e o camarote em S. Carlos que esse casamento lhe póde alcançar! Ah! quando o casamento se converte n'uma prostituição legal, como por ahi se vê, é a instituição mais immoral e degradante a que uma familia possa recorrer! Que querem! — exclamou o medico com uma expressão de franqueza sublime, fructo de um jesuitismo que nem só os frades possuem, mas tambem os medicos — confesso-lhes que gosto de poder dizer aqui

livremente os minhas opiniões: tenho muito menor antipathia pelo vicio que não tem senão a consciencia da desgraça, do que pela devassidão elegante e regrada, das que não peccam por haverem recebido por hospede no seu lar durante longas noites de inverno a figura pallida da miseria vindo sentar-se ao pé do seu brazeiro apagado, mas porque o demonio da vaidade lhes soprou ao ouvido que não vale a pena de amar e soffrer, e que o casamento á a loteria das mulheres, em que o premio grande é um marido rico, e em que o merecimento sem dinheiro se considera como numero branco! Demais, ponderou voltando-se para o barão, desde os dezoito annos, que eu tenho os meus motivos para não sympathisar com as meninas educadas. E' uma anecdota, que ainda lhe não contei, marquez! uma historieta da minha entrada no mundo, que tem apenas o merecimento de marcar bem o espirito da epocha.

As dançarinas meias adormecidas pela fluente catilinaria de Luiz de Lima que esquecêra d'esta vez o ar doutoral e emphatico que o distinguia, pela consciencia que o acompanhava de possuir o dom da palavra, e que á força de costumar ser escutado acabára por gostar de se escutar a si proprio e perorar a cada instante, acordaram, graças ao marquez e ao barão que lhe gritaram ao ouvido — «Vae-se contar uma historia!»

É incrivel o valor que esta casta de raparigas liga a escutar um conto. Os aventureiros e as mulheres de theatro, por outra, toda a gente que tem

uma vida incerta e errante présa as historias, e morre por ouvir um conto.

O marquez, o barão, e Victor Marrocos gritaram então em côro com as duas coriphéas — «Venha a historia!»

Luiz de Lima preparou um sorriso d'aquella certa ironia estudada, que a maior parte da gente adopta á custa de longos ensaios ao espelho quando ninguem póde vel-os, aprendendo em casa o melhor methodo de se mostrarem no mundo, e principiou a historieta.

Não valeria a pena contal-a, se não fosse para fazer sentir ao leitor como foi que da conversação d'essa noite durante a ceia, resultou uma antipathia formal da parte do barão para com o medico da moda, e a influencia que, como mais tarde se verá, a catilinaria do doutor teve sobre o seu futuro, e, o que peior é sobre o futuro de muitas outras pessoas. Quantos factos da vida resultam muitas vezes de uma palavra, de um gesto, de um sorriso!

— Era em 1842: eu tinha dezoito annos como lhes disse, chegára da universidade a ferias do meu primeiro anno juridico, e tinha a cabeça recheada de todas as illusões poeticas das margens do Mondego. Para mim que ainda não tinha sido amado, uma mulher moça e bonita que se dignasse volver olhos piedosos para a minha humilde creatura, seria um verdadeiro anjo salvador. Procurava-a como Don Quixote procurou a celebridade, como Jeronymo Paturot procurou uma posição social, ou mesmo como Salomão procurou a palavra myste-

riosa que resolvesse o problema dos destinos humanos. Ao cabo de uma semana essa mulher, *a minha mulher*, appareceu! Era uma creatura loira e angelica, em quem a natureza parecia haver adivinhado as phantasticas e seductoras creações de Ossian e Lamartine. Tinha olhos de um azul celeste, e a mais doce e meiga expressão de olhar que um pintor possa ter sonhado! A fronte pallida e sympathica pendia levemente sobre o peito como abatida pelos ardores da imaginação e cançada pelos sonhos da phantasia. Julguei por vezes quando a olhava que era um sonho o que via, ou que estava lendo o *Don Juan* de Byron quando elle nos descreve Haydée, aquella poetica figura de mulher, melancholica e suave, que andava sempre sonhando com um mundo melhor! Dizer-lhes que a amei é tornar vulgar o que senti por ella. O homem gasto na aridez da sciencia, e nas tristes comedias da vida, o homem que conhecem hoje em mim, positivo, calculista e frio, estremece ainda ao lembrar-se que o amor lhe devorou a alma por essa mulher de quem lhes fala, e declara até que se ainda não contou esta singela historieta é porque mesmo agora a lembrança d'esse amôr de creança o incommoda pela simples reminiscencia! — Encontrei-a no theatro, continuou elle depois de uma d'essas breves pausas com que os habeis contadores de historietas prendem em certas situações a attenção dos que os escutam. Ella era assignante de S. Carlos, de uma das frisas de bocca, a terceira por baixo do camarote real. Namoramo-nos durante tres re-

citas successivas, ella da frisa, eu da platea. Uma noite, no corredor, á saida pelo chamado Picadeiro, tive occasião de lhe entregar uma carta. Na recita immediata, á saida tambem, e no mesmo sitio, ella entregou-me um bilhete. Dentro do bilhete vinha um annel. Embrulhando o annel, estas palavras:

— «E-me impossivel escrever-lhe. Conserve esse annel como uma lembrança da sua *E*...»

— Era um annel com um magnifico brilhante. Por prudencia, talvez, preferi o annel ao bilhete e rasgando o bilhete metti no dedo o annel. E continuamos a namorar-nos no theatro, sem nunca nos falarmos, sem nunca nos escrevermos. Sabia apenas que ella era solteira, e, como se dizia no mundo, muito bem educada.

Aqui, Luiz de Lima olhou para os convivas, e para o barão especialmente, e disse-lhes com um sorriso magnifico: — era das muito bem educadas!

— Certo dia, continuou elle, eu jantava n'uma casa de pasto detestavel, e servia-me de sobremeza a leitura do annuncio de espectaculos que encontrei nas columnas rachiticas de um jornal da opposição, que estacionava n'uma das mezas. Não sei o que ha de grande no desejo phrenetico de um homem moço que vê atravez de mil difficuldades pecuniarias a duvidosa realisação de um capricho d'amôr. E' uma lucta curiosa e ás vezes heroica! D'essa vez, eu distingui em cada linha do annuncio do *Don Pasquale* uma serie infinita de quesitos irrevogaveis. Lembrei-me de luvas brancas, de um bilhete da superior, e de um collete branco ou preto.

Por desgraça fatal, não tinha dinheiro para o bilhete nem para as luvas, e estava redusido a dois colletes de côr! Enchi-me de animo, e tomei um partido que já vão saber qual foi. Tirei um palito com a soberania magestosa com que Napoleão empunharia o seu occulo das batalhas. Depois, chamando o criado, expliquei-me assim:

«Responde ao que te vou dizer sem admiração nem replica. Onde ha aqui perto alguem que empreste sobre penhores?

«O criado olhou para mim sem pestanejar; ou adivinhasse que esta pergunta encerrava um pequeno poema de contrariedades do destino, ou estivesse habituado a presenciar essas crises vulgares da vida de rapaz, certo é que nem se admirou.

«Saberá o senhor, respondeu o criado modestamente, que conheço alguem que se presta a esse negocio.

«Quem é?

«Isso agora, replicou elle torcendo-se n'um risinho misterioso, isso agora é segredo. São ás vezes pessoas que não querem que isto conste!

«Bem! accudi eu, toma lá este annel. Oito libras sobre elle, trez pintos para ti, tudo prompto n'um quarto de hora: serve-te?

O criado poz o chapeu, agarrou no annel, e saiu a correr. Era um criado conhecido e fiel a quem eu confiaria as minas do Perú, se accaso as possuisse por qualquer casualidade.

Um quarto de hora depois, o criado voltou.

«*Oito libras*.

«E contou-as sobre a toalha.

«Tres pintos para ti, disse eu entregando-lh'os; e dispondo me a sair. Tirarei o annel d'aqui a 5 dias.

— Á noite dava-se effectivamente o *Don Pasquale*. A minha *E*... assistia, e eu via-a logo que entrei: fui procurar o meu logar por baixo da frisa, como costumava. Então, ella collocou a mão esquerda sobre a face, e eu vi o meu annel n'um dos dedos da minha namorada!... Debalde torturei o meu espirito para alcançar a incognita de tal problema. — Porque acaso tem ella o meu annel? — perguntei a mim proprio durante toda a noite, observando de mais a mais que ella já não me prestava a attenção costumada. No dia seguinte, nem já me lembra por que inauditos meios, arranjei as oito libras, corri á casa de pasto, e enviei o criado a retirar o annel. Dez minutos depois, o criado voltou com o dinheiro acompanhado por um bilhete em que li estas palavras: — Comprei ao sr. Luiz de Lima o *meu* annel por oito libras. — A assignante da frisa e frequentadora impreterivel de bailes e concertos, a elegante effectiva de Cintra e dos passeios a Sitiaes, a *muito bem educada E*... emprestava dinheiro sobre penhores ás escondidas do pae, e de sociedade com a sua aia! Esta lição fez com que eu nunca mais procurasse a poesia na mulher, nem acreditasse nas vantagens da educação moderna que já não faz victimas da clausura conservando-as n'um convento a educar, mas que lhes ensina quaes são os juros da lei proporcionando-nos uma amante-agiota!

As dançarinas exultaram de prazer ouvindo o narrador e saudaram a anedocta: Bem-vinda fazendo uma saude a seu pae e sua mãe por não a terem mandado educar, favor de que ella agora reconhecia o alcance: a Ritinha pondo de parte os decóros, e dando um abraço no medico para lhe provar até onde chegava a sua admiração pelos seus talentos.

Para se comprehender bem em que deu a tal historieta do doutor, será talvez util que precedâmos o facto de algumas observações.

A maior parte das mulheres de theatro, costumadas a viver com gente de má esphera e de peior instrucção, sentem uma grande admiração por todos os dotes naturaes: a belleza, a força, ou o talento. Um homem bonito agrada-lhes, um athleta impressiona-as, um homem de talento encanta-as. Habituada á cavaqueação estupida dos primeiros dançarinos, e das bailarinas suas companheiras, circumscripta áquella athmosphera de grosserias, de mexericos, e de fumo de cigarro, a rapariga encontrava-se agora pela primeira vez na sua vida ao lado de um homem notavel e celebre pelo seu merito, que fazia consistir a sua eloquencia no esplendor das idéas e na fluencia da phrase, tão diverso do barão, que só era eloquente quando abria o *porte-monnaie* e o apresentava cheio de libras á rapariga que só por ellas o aturava.

Passou como que um relampago pela imaginação da pobre dançarina, um relampago de esperança e *de gloria: ser* amada por um homem assim! Moço

e na flôr da vida e das illusões, ella não o teria desejado; mas assim como elle agora lhe apparecia, farto da vida e gasto de crenças, via n'elle um ente interessante e sympathico, e sonhava em fazer de novo palpitar aquelle coração envelhecido, acordando na alma abatida de Luiz de Lima novas impressões de felicidade e de amor.

Ella fitou no medico o olhar avido das mulheres perdidas, quando finalmente um desejo as incendeia. Não o olhar que nasce da cubiça dos sentidos, porque as mulheres habituadas ao prazer como genero de vida, cedo se enfastiam dos gosos materiaes do amor: era o olhar inspirado que acode aos olhos partindo da alma, e que n'um raio de luz parece prometter um mundo inteiro de sentimento e de esperança!

O barão sentiu-se pequeno e acanhado diante dos prestigios do talento. Não lhe escapou a expressão com que a dançarina contemplára o medico durante a historieta que elle acabára de contar, como que encantada pela musica litteraria do seu estylo narrativo. Conhecia a fundo o caracter excentrico de Ritinha. As mulheres menos capazes de paixão são as que mais se entregam a caprichos, e elle anteviu a realisação de um que poderia tornal-o o assumpto curioso de *cancans* de bastidor. Todavia houve-se como homem de mundo e continuou a beber sem deixar adivinhar pela sua phisionomia as idéas que o agitavam.

Deve dizer-se: o barão tinha a dançarina havia quatro annos; comprára-a aos doze como quem

compra um cavallo ou um tilbury, e guardava-a, como já dissémos, por ostentação. Gostava que se dissesse: — a dançarina do barão — como se dizia — o caleche do barão, o *groom* do barão, a chibata de unicorne do barão!

Deixal-a, era sujeitar o seu amor proprio a ser ferido a cada instante quando a encontrasse nos theatros ou nos passeios pertencendo já a outro. A vaidade e não o amor é que o prendia a ella; é isto que desejamos fazer sentir: a vaidade era a molla dominante do seu caracter. Tudo pela vaidade, como Napoleão tudo pela gloria, como Don Juan tudo pela insaciedade; os grandes homens e os pequenos teem todos um lado vulneravel; era esse o do barão, sobretudo quando não o reconheciam como o primeiro educador deste seculo, e não admiravam em sua filha o resultado dos sabios conselhos paternos que haviam formado a sua instrucção de sonhora. O barão tinha entre algumas boas qualidades a de ser cuidadoso ácerca de Sophia: era elle quem lhe comprava as musicas, quem lhe escolhia os livros, quem suppria emfim o logar de uma velha regente directora de algum recolhimento escrupuloso.

A's quatro horas da madrugada, o marquez dormia encostado á meza, a Bemvinda bucolisava a cair de somno com Victor Marrocos que diligenciava por lhe fazer comprehender a situação moral do ministerio, e o barão fingindo dormir poude ouvir levemente uma declaração incendiaria com que Ri*tinha acommetteu á queima-roupa* Luiz de Lima.

O medico que não desdenhou o horisonte que se lhe apresentava atravez dos prestigios do Champagne, e que divisou ao longe um porvir de triumphos para o *tacté* ou para o *balloné*, porque o amor converte as mulheres pesadas em verdadeiras pennas de perdiz, resolveu experimentar as sensações do heroe da *borleta* — *O amor e a dança* —, e disse mil coisas meigas á linda dançarina.

O barão, por essas alturas pareceu-lhe ser tempo de acordar, e fingindo arrepender-se de se haver deixado adormecer, consultou o relogio, viu quatro horas e vinte minutos; e acordando o marquez, propoz que se procedesse á retirada: este requerimento foi approvado pela maioria; apenas Ritinha foi de voto que era ainda cedo; e apertando a mão do medico disse lhe de repente — Amanhã no ensaio — sem que o barão pudesse perceber as palavras, ainda que não lhe escapou que a dançarina havia dito o que quer que fosse.

Á saida o marquez que ia acompanhar no trem Victor Marrocos e Bemvinda até á casa d'esta, disse ao barão que partia no caleche em companhia de Ritinha e de Luiz de Lima, a quem elle, como homem de mundo elegante que era, offereceu conduzir até ao hotel da Europa onde o medico morava.

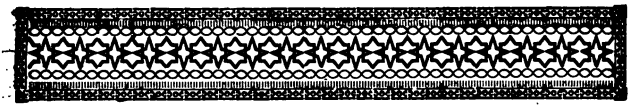
— Não te esqueça, Antonio Cypriano, que são quarta-feira de Cinza os annos da marqueza! Jantas comnosco, e será bom levares a Sophia porque a marqueza recommendou-me cem vezes que te pedisse isto!

O barão prometteu que não faltaria: os trens

partiram em direcções contrarias; durante o transito o barão foi graciosissimo para com o medico, que seria capaz de jurar que Antonio Cypriano estava de boa fé. Apesar d'isso, a antipathia que experimentava por Luiz de Lima trahiu-se um pouco ao apertar-lhe a mão, porque o medico julgou conhecer um symptoma de frenesi nervoso no vigor com que o barão lhe esmagou os dedos á despedida.

A sós com a dançarina, o barão disse-lhe então no momento em que o trem partiu do Hotel da Europa para casa da rapariga:

—Esteve hoje commigo o empresario do theatro lyrico do Rio de Janeiro, que vem escripturar dançarinas. Falou-me de ti! Propõe-te uma escriptura de cento e cincoenta mil réis fortes por mez, e meio beneficio com a primeira representação de uma dança nova. Faz o contracto por tres annos. Fiquei de dar-lhe a resposta até ao meado do mez que entra. Se dirigires de novo a palavra ao medico que ceou esta noite comnosco, partes para o Rio no primeiro barco que sair



IV

Quem era o barão de Sousa

QUEM era o barão de Sousa, d'onde vinha o barão de Sousa, é o que ninguem sabia. José d'Athayde — o noticiarista — perguntou por vezes no seu estylo de noticia diversa — « *Que caso pede*, este barão?

Antonio Cypriano, um dos homens mais espertos de Lisboa, não fizera fortuna por um livro nem por um casamento, nem pela politica nem pela loteria: fizera fortuna por uma *comedia*, uma d'essas comedias tragicas que não chegam até á *Gazeta dos Tribunaes*, mas que são ás vezes urdidas por monstruosas combinações. Mysterios que não são mysterios para ninguem, que a policia sabe melhor do que qualquer, e a que se fecha os olhos quando o réo tem para se sentar uma tripode de oiro como os antigos feiticeiros!

Contar as particularidades d'esse longo romance de aventuras e enredos que o barão de Sousa planeou, dispoz, e conseguiu levar a exito, seria fazer outros dois volumes. E' uma larga serie de astucias de que apenas faremos o quadro geral.

Não sei bem em que anno, morreu de febre amarella em Pernambuco um rapaz portuguez de vinte e seis annos. Este rapaz que havia sahido pequeno de Lisboa, sem meios e sem protecção, servira como caixeiro n'uma casa de commercio desde os dezoito annos, e herdára aos vinte e quatro, pela morte do patrão que o adorava, toda a fortuna d'elle que não tinha filhos nem parentes.

O testamento d'esse rapaz marcava o seguinte: — Deixava tudo a sua mãe Joaquina Angelica, portugueza, da freguezia de S. João da Praça: no caso porém de ella haver fallecido e viver ainda uma filha, Maria Amalia, a herança caberia á irmã do finado.

Nos livros da Egreja de S. João da Praça não se encontrava o assento de baptismo nem de Luiz Victor, que era este o nome do finado, nem de Maria Amalia: debalde tambem se procurou o registro do casamento de Joaquina Angelica, e o seu nome no livro dos obitos.

Ninguem se apresentou a reclamar a herança, e a herança era de mais de um milhão!

Quasi um anno depois, apresentou se uma rapariga, dando-se por irmã do finado, dizendo chamar-se Maria Amalia, e ser filha de Joaquina Angelica. Entre outras testemunhas que citou como

pessoas que sabiam a fundo se ella falava ou não verdade, deu o nome de Antonio Cypriano de Sousa, que a esse tempo não era ainda barão.

As testemunhas juraram todas conhecer essa rapariga, e attestaram conhecel-a por filha de Joaquina Angelica que havia sido criada de servir em casa de uma gente que morára por muitos annos na freguezia de S. João da Praça, indo depois residir para Villa-Franca.

Explicaram que se o nome da rapariga não se encontrava no livro dos baptismos d'essa freguezia é porque ella era filha natural, e hospede da Santa Casa de Misericordia de Lisboa, em consequencia de sua mãe não ser casada, mas amancebada com um criado da mesma casa em que servia, motivo por que não se encontrava tambem no livro dos registros competentes nota alguma em referencia ao matrimonio de Joaquina Angelica. Que, finalmente, se no respectivo livro dos assentos d'obito da mesma freguezia se não deparava com a data da morte de Joaquina Angelica, é porque ella se achava em Villa-Franca com seus amos, e morrendo ahi de cholera, se não lavrára assento, como succedeu por essa epocha a todos que ahi falleceram.

Com altas protecções, e bem imaginadas astucias se venceu uma comedia, cujo enredo pelo que acabamos de contar, dava esperanças de ser engenhoso.

Antonio Cypriano de Sousa, isto diziam as más linguas, tomára grande papel n'esta peça, e desempenhara-o habilmente. Tão habilmente ou tão pou-

co, que sete mezes depois visitava a miudo a pretendida irmã do finado, herdeira já d'essa magnifica fortuna, que morrendo mezes depois, o constituiu seu herdeiro universal.

Disse-se que a rapariga fôra n'isto apenas uma comparsa soffrivel, e que a Antonio Cypriano se devêra a graça de falsificar todos os documentos, inclusivè o livro da Misericordia!

São de certo calumnias que espalharam para denegrir um tão honesto caracter. Tão honesto que ficou riquissimo e o fizeram barão! Se elle não fosse honesto decerto não alcançava tanto em tão pouco tempo!

Não era sceptico da moda, nem athêo por ostentação, d'esses que acreditam em tudo, e que só teimam em não acreditar em Deus! Era sceptico do fundo d'alma se devéras tinha alma. Para elle nada havia de santo nem de solemne; se o não dizia sempre, ao menos sentia-o.

O dinheiro! Elle explicava tudo pelo dinheiro, vencia tudo pelo dinheiro, confiava e esperava tudo do dinheiro!...

Um dia, em casa do marquez de Villar, n'um d'esses cavacos intimos que este homem do poder concedia no tempo da sua influencia a uma certa *coterie* de privilegiados, a conversação occupou-se de especulações e estrategias politicas, astucias de gabinete, perversidades contadas no rol das virtudes, tudo emfim que pelo dinheiro se póde disfarçar!

O barão recebeu por essa occasião alguns cum-

primentos pela popular e celebre perspicacia do seu engenho, demonstrada em todas as mil e uma historietas em que fizera papel de heroe.

— N'estes casos galantes, disse o marquez, ha sobretudo ás vezes uma grande difficuldade a vencer, — arranjar testemunhas falsas!

— Nada mais facil, acudiu Antonio Cypriano com uma gargalhada! Por um certo preço alcança-se uma testemunha vulgar, um homem como a maior parte, que diz uma mentira e jura dizer uma verdade: por mais algum dinheiro, uma bagatella mais, pódem ter-se algumas testemunhas de força, velhos respeitaveis, de fronte calva, olhar suave, e figura veneranda; um d'esses anciões como se descrevem os paes nobres de tragedia, uma especie de patriarcha de procissão: a estatua da gravidade, emfim!

E como os outros rissem do cynismo das palavras do barão elle replicou:

— Julgam talvez que brinco?! Pois bem, amanhã lhes darei uma scena de comedia representada com uma pouca de verdade mais do que representam no theatro Epiphanio ou Theodorico!

No dia seguinte, achavam-se á mesma hora, na mesma sala, os mesmos amigos do marquez. Um criado veio dizer:

— Procuram o sr. barão.

Antonio Cypriano sorriu-se, e perguntou ao marquez:

— Posso mandar entrar? é uma pessoa respeitavel.

A um signal do marquez de Villar, o criado fez entrar para a sala um velho de barbas brancas, curvado pelos annos, mas tendo ainda no semblante um vislumbre de vida e de crença. O olhar d'esse homem era melancholico, e espargia um clarão já debil mas ainda de uma luz sympathica e enternecedora. Era o que vulgarmente se chama «um velho respeitavel.»

—Este senhor, disse o barão, vem contar-lhes o que hontem presenceou: é um caso de gravidade e importancia — attendam!

Depois, voltando-se para o ancião ordenou-lhe que falasse!

— Meus senhores, disse o velho com um tom circumspecto e digno. Hontem ao pôr do sol, desembarquei no Caes das Columnas, e vi no Terreiro do Paço, com estes olhos, senhores! com estes olhos que já pouca luz podem ter, porque Deus assim é servido! (aqui ergueu os olhos ao céu, com uma expressão de bondade infinita, e de paciencia evangelica) vi eu, caminhando do lado da Alfandega, para o lado do Arsenal... o Concilio Tridentino, de casaca encarnada e chapéu armado!

Todos que se achavam presentes romperam n'uma gargalhada estrondosa. O barão disse ao velho, que não mudou de expressão apesar do riso descomedido dos espectadores:

— Dá a sua palavra de honra em como viu isso?

— Oh! senhores, se a palavra de um pobre velho, que presa a honra mais do que a propria vida *que já longa* lhe vae...

— Basta! disse o barão: póde retirar-se.

Depois olhando para os seus amigos pasmados e estupefactos, continuou:

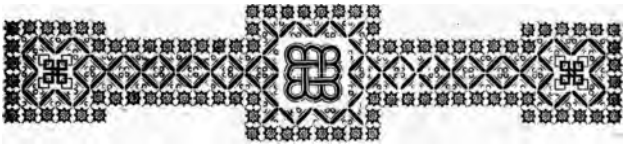
— Este homem é o typo da testemunha de força! um pobre velho que presa mais a honra que a vida, mas que veiu aqui fazer esta figura... por doze vintens!

Ao que nos parece, este ligeiro traço biographico explica o homem, em quanto á indole. Deve comtudo dizer-se que era socialmente uma creatura aprasivel, que dava a todos um sorriso affavel quando o cumprimentavam, e um charuto quando lh'o pediam.

O mundo chama a isto ser — um cavalheiro!

Antonio Cypriano estava quasi sempre a rir, e quando não estava a rir estava a sorrir. Trazia o dinheiro espalhado pelas algibeiras, provavelmente para tinir bastante. Era de estatura regular, elegante e apresentavel; conhecia os bons usos da vida social, e distinguia-se pela graça de maneiras. De cara, era um pouco mais feio do que Mephistopheles ou Asmodeu: testa curtissima, olhos extremamente separados, o que desvanecia toda a expressão do olhar: a boca enorme; e a pelle crivada de bexigas.

— Só conheço uma cara mais feia do que a tua, dizia elle n'uma gargalhada ao marquez de Villar — é a minha!



V

A filha do barão de Sousa

JÁ o leitor conhece da leitura do primeiro capitulo, pelo que viu da cavaqueação que alli se descreve entre os jornalistas José d'Athayde e Estevão de Mello, com o folhetinista Guilherme da Cunha e o douctor Luiz de Lima, que a filha do barão de Sousa aceitava a côrte ao folhetinista.

Lembrar-se-ha ainda, se acaso leu com attenção o capitulo, honra que essas paginas não merecem de certo, e que só por favor alcançariam, lembrar-se-ha dizemos, que durante a conversação dos quatro amigos, um homem entrou no Marrare, e sentando-se á meza proxima ao grupo, viu e ouviu tudo com uma mal disfarçada expressão de cholera concentrada.

Esse homem que entrara quando justamente se estava falando do barão de Sousa, era o proprio barão de Sousa.

Nenhum dos que se achavam no grupo o conhecia, como elles proprios disseram, e, pela sua parte, elle só conheceu um d'elles —Guilherme da Cunha—, porque o seu cocheiro uma vez lh'o havia indicado como sendo o *janota* que andava rondando a casa, e fazendo seus *rapa-pés* á menina.

Diga-se a verdade, Antonio Cypriano sympathisou com Guilherme desde a primeira vez que o viu, e parece que foi coisa do demonio constar-lhe logo que o pobre moço não tinha onde cair morto, porque desde esse instante deixou logo de *sympathisar* com elle.

Sophia, que, como já se tem dito era este o nome da filha do barão de Sousa, tivera desde então que sujeitar-se a uma decidida opposição de seu pae contra Guilherme. Ao principio Antonio Cypriano ainda se contentava em lhe dizer :

—E' um casamento que não póde convir-te: tenho informações a respeito d'esse rapaz em que se me diz que é bom moço mas pobre como Job. Não faz conta.

—Mas se o amo! disse Sophia.

—Tanto peor para ti, retorquio o barão. Se casares a meu gosto terei prazer em ser eu que ponha a casa, e darei para o teu vestuario seiscentos mil réis annuaes. Porém se casares contra minha vontade (aqui deixou de sorrir, e desatou a rir) não te dou vintem! Demais a mais (aqui tornou ao sor-

riso) tenho um motivo forte para não consentir em semelhante casamento... Esse rapaz pertence á redação de um jornal que faz opposição ao nosso partido e guerrêa o Villar mortalmente: que diria o marquez e que diriam os nossos se eu te deixasse casar com um homem de outra politica do que a nossa! (desatou outra vez rir) O que elle quer é o teu dinheiro! Depois é capaz de te metter n'um folhetim!

Mas Sophia teimára sempre, e o barão chegou a conhecer que era já tarde, talvez, para lhe desvanecer esse amor.

Tentou ferir-lhe o amor proprio: calumniou Guilherme: disse que sabia da vida desregrada que levava; que era um rapaz sem futuro, perdido pelas fofas vaidades da vida litteraria quando se é bem recebido na estreia: que queria fazer fortuna por um casamento porque tinha a consciencia de que pelo seu trabalho era incapaz de a alcançar. Disse-lhe, emfim, a mais cruel das accusações que aos olhos de uma mulher possa fazer-se a um namorado:

— Quer especular comtigo! Se ámanhã estivesses pobre nem quereria saber de ti! Acaso pensas que morre pela tua pessoa? (uma gargalhada) Vê-te ao espelho!

Sophia estava de pé quando seu pae lhe dirigiu essa perfida phrase, parecendo commental-a por um olhar ironico com que cobrio a figura secca e acanhada de Sophia.

A filha do barão de Sousa tinha vinte e cinco

annos. A sua phisionomia era um pouco arqueada fazendo sobresair uma fronte proeminente Os olhos longos e cheios de luz pareciam precisar abrigo, por isso talvez as palpebras estavam armadas de longas e assetinadas pestanas.

O seio, quasi imperceptivel n'ella, mais ainda escapava á vista porque em logar de disfarçar esse defeito com o auxilio das modistas, fasia-o sobresair pela singelesa com que se preparava.

Estava longe de ser uma mulher bonita, é certo: mas que partido sabia tirar dos longos e finos cabellos, que lhe coroavam a fronte, formando um diadema esplendido e seductor! A bocca era um pouco grande, mas ella ria-se tão raras vezes que esse defeito passava quasi desapercebido, ainda que era resgatado pelos prestigiosos dentes que lhe davam brilho.

A phisionomia de Sophia de Sousa não mentia. Tinha a alma de fogo como o olhar, aquelle vehemente olhar que parecia um desafio d'essa alma poderosa a esse corpo debil! O coração agitava-se-lhe por um amor ardente e phrenetico como se concebe nos quentes areaes do deserto!

Não era por vaidade mas por um secreto instincto, que ella não deixára nunca de acreditar na sinceridade do amor de Guilherme, apesar das diligencias que os argumentos de seu pae haviam feito para o ennegrecer a seus olhos.

Ao contrario de todas as mulheres que não são bonitas ella não tinha a menor vaidade, e era a primeira sempre a accusar-se de ser feia. Tinha talvez

a consciencia de que a sua modestia lhe constituisse um novo titulo, o que é certo é que não levava horas a consultar o espelho, e que o seu vestuario era de ordinario tão elegante como simples.

Guilherme da Cunha conhecera-a do theatro lyrico; fizera-lhe a côrte trez noites da platéa, côrte que ella acceitara e a que correspondêra visivelmente. Mas a epocha theatral estava findando, e quando chegou a ultima récita o pobre moço viu fugirem-lhe com as ultimas notas do *rondó* as primeiras alegrias da sua alma!

Primeiras, porque o mancebo amava pela primeira vez. Amôr de poeta, amôr inconsiderado, phrenetico, amôr de louco se quizerem, mas amôr verdadeiro e vehemente como só brota nas almas candidas e puras que vivem dos affectos e dos sentimentos!

Namorava muito, e era talvez por isso que ainda não tinha amado. Mas namorava por distracção e não por vaidade; pertencia mais por indole á familia dos Don Juan, do que á familia dos Lovelace. No fim d'um baile ou de um espectaculo retirava-se sem saudade, porque namorava sem amor; tirava a sua inclinação antes de pôr o seu albernó!

Nos primeiros dias d'aquella paixão, que surgiu desde o começo fervorosa e desabrida, Guilherme da Cunha sentiu que amava pela primeira vez:

— Não é tarde, disse elle, tenho vinte e um annos!

Mas a idéa do amor amedrontou-o. Viu de repente como que n'uma rapida apparição todas as

contrariedades do seu destino, sem antever a realisação d'elle. Teve medo! O coração adivinhou-lhe os tristes lances que o esperavam. O que n'outro caso seria a melhor das vantagens, era agora para elle o peor dos encargos — Sophia era rica! A fortuna do barão de Sousa avaliava-se em mais de cem contos. Pobre e mediocre, Sophia seria d'elle: rica e nobre, como alcançal-a?

Mas se o amor o intimidou, o amor depois lhe deu coragem. Nos theatros, procurava-a com a anciedade phrenetica das primeiras inclinações. Vel-a, era para elle a suprema felicidade: falar-lhe, seria a realisação do mais ardente dos seus sonhos.

Mas Guilherme não fôra ainda apresentado ao mundo, e apesar de que o seu nome era conhecido pela maior parte dos que ainda se dão ao incommodo de lêr, todavia não tinha ainda reputação, e apenas os benevolos o consideravam como um talento esperançoso. As portas de todos os salões estavam-lhe portanto fechadas; para ser admittido nos prezepios aristocraticos da sociedade lisbonense é preciso ter um nome que dispense uma posição, ou uma posição que dispense um nome: Guilherme não tinha uma coisa nem outra!

— Faça-se apresentar em casa do commendador Secco, disse-lhe Sophia: eu costumo ir lá ás terças feiras.

Guilherme da Cunha teve que resolver-se então a fazer as suas entradas no mundo, e pediu pela primeira vez uma apresentação, apesar de ter por *divisa — Em tudo só*.

Conseguiu.

Na semana proxima o commendador Secco recebeu na sua sala com o melhor acolhimento e agrado, diante de uma sociedade escolhida, o neophyto que debutava na vida elegante, e que pisava pela primeira vez os tapetes de um salão.

A distincção com que o tratou o commendador não foi sem motivo. João Secco era um chefe de partido, que precisava alcançar adeptos, se não pela causa que não era sympathica, ao menos por elle que se esforçava por ser agradavel sempre que das suas boas graças antevia um resultado proveitoso. N'essa occasião João Secco sustentava um jornal de opposição ao ministerio, e achava-se reduzido a um só redactor politico, sem haver podido alcançar um folhetinista conhecido que lhe collaborasse a folha:

Guilherme da Cunha seria uma boa acquisição.

Na flor da vida, e no viço do enthusiasmo, tinha reunidas ao talento estas duas preciosas qualidades que só a edade concede, e que são verdadeiros dotes para um folhetinista.

João Secco tinha lido n'um dos jornaes de maior voga alguns folhetins de Guilherme da Cunha, e consultando um homem de espirito ácerca d'elles soubera então que era geral opinião de que o mancebo revelava uma grande vocação para esse genero ligeiro mas difficil, que formou entre nós a reputação de Lopes de Mendonça.

— Tenho homem! disse o bom do commendador quando viu Guilherme em sua casa. O neophito

cheira-me a um ambicioso pequeno que quer a todo o custo apertar a mão na rua a alguma condessa: pois dar-se-lhe-ha um bom conhecimento por mez, a troco de um folhetim por semana!

— Gosta do Whist? perguntou este especulador ao apresentado...

— São tão máu jogador que se v. ex.ª quer dispensar-me...

— O que lhe fôr mais agradavel! respondeu João Secco interpretando a escusa por este modo — tem medo de perder! bom é que não possua as minas do Peru!

N'essa noite Guilherme e Sophia disseram um ao outro tudo que tinham de mais importante a revelar-se. Os juramentos crusaram-se. Quando se deu o chá estavam já os animos dos dois amantes em tanta intimidade como se desde creança se conhecessem.

Tambem, é condão do amor vencer o tempo e as distancias.

Elles amavam-se tanto que o dialogo seria insipido para se narrar. Romeo e Julieta são os unicos amantes, a meu vêr, que amando-se muito, conseguiram dizer cousas que não enfastiassem os outros!

O que é preciso que o leitor saiba quanto antes é que o mancebo foi franco e leal em tudo que disse, e que rematou a sua declaração por uma phrase que apenas agrada no theatro: — Sou pobre! — Todavia foi isso talvez o que agradou mais á *filha do barão* de Sousa.

— Pobre, disse comsigo, e são os seus labios que m'o dizem! nobre sinceridade!

E veio reunida á admiração pela franqueza do mancebo, o desejo, o empenho de o salvar, de o engrandecer, de o tornar feliz. Eterna aspiração das mulheres que amam, cuja maior gloria é desempenharem o papel de anjo bom na grande e enredada comedia da vida!

— Pobre e triste como eu o sonhava, disse ella ao ouvido da sua aia que a acompanhava sempre. Pois hei de enriquecel-o e consolal-o!

Perigosa idéa que não a desamparou desde então, e que se tornou a mais viva esperança da sua alma!

Á meia hora depois da meia noite, Guilherme da Cunha apertava a mão de Sophia, e dizia-lhe com voz tremula como se fosse uma despedida para muito tempo:

— Adeus querida!

Ao despedir-se de João Secco e da commendadôra, já que é moda entre nós dar tambem á mulher os titulos do marido, o mancebo percebeu que o agrado com que o haviam acolhido á entrada não durava já á hora da saida. O chefe de partido havia comprehendido que não era para o conhecer e tratar que o mancebo requisitára ser-lhe apresentado.

— Quer namorar mais a seu commodo em minha casa, disse João Secco a si proprio; não lh'o consinto a menos de dois folhetins por semana, e traduzir as noticias estrangeiras! Ajuste faz lei. Eu me haverei com elle.

—Tem bonitos olhos esse rapaz que retirou agora! disse a condessa de Castello Branco.

—E uma bem feita mão, acudiu a viscondessa da Lago.

—E uma grande alma! exclamou Sophia com enthusiasmo.

VI

Millessimas cousas urgicas

Hei de morrer com a scisma de que se a maior parte das modistas vivesse dos lucros que tira do que vende, seria caso tão funesto e lamentavel que as pobres infelizes se suicidariam ao cabo do primeiro semestre!

E direi mais, e até isto poderia merecer certa encardernação de aphorismo: Ninguem vive apenas do que parece viver.

Longe de mim a idéa de desacatar as senhoras modistas de Lisboa, pessoas que me merecem a minha a maior sympathia: especie de fadas que que vieram converter em elegantes, tantas senhoras que a não ser os conselhos de mesdames Levaillant, Aline, Elisa, *e tuti* não poderiam nunca passar dos chapeus de casa de negocio, e dos airosos manteletes de loja de fanqueiro!

As modistas! Que invenção admiravel! As modistas são uma novidade da importancia dos telegraphos electricos. Ellas não trouxeram só a Lisboa as modas e o bom tom: trouxeram-lhe os *boudoirs*, onde ha sempre duas peças de fazenda *por não deixar de haver*, dois sophás magnificos e uma excellente *causeuse*, e alguns quadros que representam velhas historietas d'amor, Maleck-Adel e Mathilde, Almaviva e Rosina, e até ás vezes *Amor e Psyché*.

Amor e Psyché! Oh! como ellas falam d'este quadro! Como ellas falam do amor, essas deliciosas modistas que sabem de cór e salteado em que escaninhos do coração brotam o amor-paixão, o amor-capricho! Como ellas descrevem os casos de coração, essas modistas que teem durante a sua vida presenceado maior numero de aventuras, do que um tambor de oitenta annos tem tocado de alvoradas!

Segunda-feira gorda á uma hora da tarde, a marqueza e Luiz de Lima recostados em dois soberbos sophás no *boudoir* de madame Dupuis, modista celebre pelas más fazendas da sua loja e bonitas maneiras da sua pessoa, cavaqueavam d'amor com certa languidez de expressão e abandono de attitude, que o proprio Figaro que se achava n'um quadro dirigindo a serenata *a la signora del balcone* parecia encantado de vêr entre os dois amantes reinar tão completa harmonia.

A marqueza disse ao medico mil coisas agradaveis, e não quiz poupar-se a juramentos e promes-

sas. Amava-o, fazia do amor a sua gloria unica, e queria ser grande no amor como era grande em todos os sentimentos, proteger o seu amante, eleval-o, engrandecel-o, provar-lhe que o amava por elle e não por si, que não havia egoismo n'aquelle affecto, que era nobre e rara a estima que sentia por elle. Foi isto o que a marqueza lhe disse entre protestos e meiguices, ora erguendo os olhos ao ceu com um ar de bondade e de candura indizivel, ora assumindo uma expressão triste, vaga, e de um sentimentalismo romantico e mysterioso.

O leque auxiliou-a para acompanhar essas phrases angelicas de gestos dignos de um cherubim. Amar outro! ter um só instante pensado em Victor Marrocos! quem se pensava então que ella era? Victima da inexperiencia dos primeiros annos, ainda assim ella aprendêra com o inconsiderado passo que déra em casar-se, o que a alma soffre quando para sempre se encontra isolada de affectos e na impossibilidade de aspirar a um amor poetico, escolhido e preferido a todos. Ella terminou essa magnifica jeremiada tomando entre as mãos a cabeça do medico, introduzindo os dedos pelos seus loiros cabellos, e exclamando com um ar digno de Emilia das Neves, e como revendo-se no seu amante:

— Meu amor eterno!»

Mas Luiz de Lima estava experimentado na vida, e tinha já de ha muito assentado o seu juizo sobre o que valem todas as mulheres. Tinha conhecido de tudo, e havia encontrado no decurso da sua existencia dados para robustecer uma opinião triste

e desagradavel: —que nenhuma mulher vale a pena de nos sacrificarmos por ella, porque todas nos deixam mais dia menos dia, por volubilidade, por ambição, por vaidade, ou por coisa nenhuma!

São diabolicas taes doutrinas, e quando a alma se gasta a ponto de especular com os sentimentos, é preciso haver cautela com o homem que chegou a semelhante estado, porque é um homem perigoso.

Luiz de Lima interrompeu as patheticas declamações da marqueza, dizendo-lhe com uma expressão de meiguice digna de Roméo:

— Tenho pensado muito no meu futuro!

— E esperas alcançar apenas pela medicina os engrandecimentos do teu destino?

— Que heide fazer? disse o medico affagando a mão da marqueza com um ar de victima enfastiada do banquete da vida. Estou velho de espirito! envelheceu-me a vontade com as fastidiosas lucubrações da sciencia, e se não fosses tu, anjo bom da minha existencia, de ha muito que me esquivaria ao mundo e ás exigencias que a minha posição me prescreve!

A marqueza bateu com o leque levemente na face do medico, e exclamou com uma soberba e magnifica expressão de superioridade!

— Vou salvar-te!

Luiz de Lima abrio muito os olhos, e fitou uma vista avida e curiosa nos olhos da amante, incendiados de uma luz esplendida de seducção.

— Meu querido Luiz, disse-lhe ella, tambem eu tenho pensado no teu futuro, e só peço que me

deixes dar-te a taboa de salvação para te esquivares ao naufragio em que o teu *sepleen* tenta mergulhar-te a existencia. Queres-te casar?

— Que!

— Queres casar rico, tornares-te independente, e fazeres-me feliz a mim pela tua felicidade?

— E és tu que me propões... Como entender-te?

— Não vês acaso em tudo isto o alcance de uma affeição superior? Serás meu do mesmo modo, porque não te supponho ingrato, viverei contente por ter a consciencia de ser quem te alcançou a felicidade que outra mulher no meu caso só trataria de destruir. Quero-te independente e feliz! Demais acrescentou com um sorriso maliciosamente galante, escolhi a noiva bem rica e tive cuidado em não a escolher bonita. Conheces a filha do barão de Sousa?

— Pois é...

— Ella propria. Mais de cem contos! Pondera por um momento o que essa fortuna reunida ao teu talento te póde grangear no mundo!

Luiz de Lima estupefacto um momento, travou logo das mãos da marqueza e levou-as aos labios com religiosa expressão de gratidão, de amôr, e de pasmo.

— E parece-te que poderemos continuar a ser felizes? perguntou-lhe Thomazia Villar ternamente.

— Por ventura o casamento importa em alguma coisa ao coração?! Não, minha vida, se alguma difficuldade vejo ao teu plano, não deverá nunca ser a de duvidares de que o meu amôr não seja

partilhado por outra. Quando o dever apparece, o amôr foge d'alli a nada! Ha constantes exemplos do que te digo. Serei sempre o mesmo, mais ardente e apaixonado ainda; porque quando o amôr se robustece pela amisade e pela gratidão, não ha mais energico e nobre sentimento!

— Que difficuldade pódes ver então em tudo isto? Não tens confiança em ti sufficiente para que não hesites na convicção de poderes ainda apaixonar uma pobre pequena que não conhece o mundo nem a vida, e que verá em ti o seu salvador? disse a marqueza com um sorriso ironico e galante.

— Não sabes o que ha, ao que parece! Ignoras que a filha do barão de Sousa namora despropositadamente um rapaz, escriptor publico, um Guilherme da Cunha que escreve n'um jornal do governo...

— Dura isso ainda! Meu Deus, como a maior parte da humanidade se entretem a namorar! Sim, conheço esse rapaz, encontra-se ás vezes em casa de Castello Branco. Pois dizes bem, vejo que é um obstaculo de alguma importancia... para a pequena: mas para nós?! Vejo que esqueces as circumstancias que se dão. O barão de Sousa não póde, sábel-o como eu, recusar a menor cousa ao marquez: por outro lado, vê com que boa vontade o marquez se hade interessar em que tu cases, tanto mais que desejará ver-te preso, por isso que desconfia que te distingo! a filha não tem papel no drama senão como uma comparsa de utilidade! Emfim, esta noite falarei d'isto ao marquez: ap-

parece ámanhã em S. Carlos, assisto ao baile de mascaras, guardei a frisa. Vae visitar me no meio da noite, e lá mesmo o marquez e eu te diremos o que houver.

— Minha querida Thomasia, porque não és tu solteira ? ! exclamou o medico como acordando de um extasis.

— E porque te amo eu, apesar de casada ? ! disse a marqueza erguendo os olhos ao ceu :

— Adeus ! continuou ella, depois de uma breve pausa em que pareceram ambos dominados por uma tristeza infinita. Os rapidos momentos em que estamos juntos são o balsamo consolador da minha existencia ! Até ámanha, em S. Carlos !

— E até quarta-feira de cinza aqui ! respondeu o medico beijando a mão que lhe estendia a marqueza de Villar.

A marqueza desceu a escadinha que conduzia á loja de madame Dupuis, recebeu das mãos d'esta modista historica um embrulho com rendas de França, que lhe havia encommendado á entrada para que o marquez pudesse persuadir-se facilmente que ella sahira com o fim de fazer compras ; depois entrou para a americana, e partiu no momento em que Luiz de Lima que ficára ainda no *boudoir* entregava o seu espirito a estas sabias meditações :

— Um casamento rico ! irei viajar aproveitando a occasião de me formar na Universidade de Paris, e em alguma das de Allemanha ! Um sceptico de botequim ou algum athêo de salão, não poderia agora ponderar que o matrimonio, a maior parte

das vezes, protege mais os amantes do que os maridos!

E desceu pela escada praticavel, em quanto madame Dupuis subia a escadinha particular para ir ver se o doutor já teria saido.

Não encontrando ninguem, a modista sentou-se no sophá onde meia hora antes estavam ainda sentados Luiz de Lima e a marqueza de Villar, e ponderou consigo mesma:

—Entre dois amantes um d'elles ama mais do que o outro, portanto o outro precisa exagerar um pouco o seu amor: n'este caso qual d'elles será enganado? o medico ou a marqueza? e quem sabe se ambos se enganam mutuamente?!

Alguns dias depois a marqueza de Villar, recebia a seguinte carta, em que o leitor reconhecerá que o medico não havia perdido tempo, e que era homem capaz de aproveitar o impulso de uma occasião feliz!

«*Minha querida Thomazia.* — Não sejamos auctores mediocres, minha boa querida: o enredo é o grande elemento no theatro do mundo. Se quizeste dar-me a idéa do drama, consente que seja eu quem urda as peripecias. E se quizeres, para decidido triumpho da nossa obra, encarregares-te de um dos papeis principaes! Não rias: attende o meu plano e reconhece que sou um dramaturgo *manqué*, e que a minha vocação vae mais depressa para uma composição scenica, do que para a boa redacção de uma receita! Ora oiça, a minha collaboradora!

«Falei com *il mio rivale*, e estou ao facto das situações do prologo. Os dois pequenos cherubins *(poveretti!)* querem acabar como as novellas antigas — casando e tendo muitos filhos!

«O rapaz (repara n'isto) quer lançar mão de qualquer meio que possa alcançar-lhe o casamento. Não escolhe: declara todos excellentes *á priori*, comtanto que o seu fim não falhe. Está perdido de sentimentos a ponto de prescindir do dote e querer a noiva só por seus dotes... naturaes! Vê a que chega a villeza das almas pequenas! E' um d'esses maniacos que são da opinião dos galans de opera-comica

O oiro! vil metal!
Essa *chimêra* fatal!

«O rapaz, é isto que desejo que ponderes, considera-me o seu mentor, o seu pae *Fourcheron*, e decidiu que vae seguir os conselhos que lhe dei. Queres agora, meu anjo, saber que conselhos foram? Lê e pasma.

«Disse-lhe que te fizesse a côrte, que deligenceasse por te agradar e te merecer, e que soubesse tornar-se digno dos teus favores. Que te dissesse depois, um dia, n'alguns d'esses ternos cavacos entre amantes que se idolatram, e que só desejam serem uteis um ao outro, que te dissesse a sua posição, mas que te occultasse como é natural o seu amor por outra. Que se transformasse n'um melancholico Didier amargurado e afflicto, e que ati-

rasse emfim a sua ultima e decisiva phrase: — Preciso viver e estou sem futuro! — que tu deverias traduzir d'este modo — necessito casar rico porque não tenho dinheiro. — Que te pedisse então que volvesses olhos piedosos para salvar o teu amante; e explicando-lhe finalmente a influencia (que aliás elle já conhecia) que o marquez tem sobre o barão de Sousa, consegui fazer-lhe vêr que a menor recommendação tua ou de teu marido ao barão protegendo esse casamento, seria para elle Guilherme negocio prompto e decidido.

«Já vês o alcance do penultimo acto! E's tu quem deves preparar o desfecho, aliás a peça morre pelo final. Sacrificar-te-has a acceitar-lhe os votos de amor, e a prevenção em que já estás de que elle vae representar comtigo deverá animar-te a uma mystificação superior e justa. O meu papel consistirá apenas em fazer prevenir o barão e a filha, de que Guilherme te prefere a elles, e conseguir reunil-os n'um logar onde ella possa observar o seu Tytire bucolisando comtigo. Preveni tudo, aconselhando o rapaz a que não prevenisse a namorada d'esta estrategia amorosa que vae alcançar-lhe a mão d'ella, porque apesar de ser uma comedia sublime póde comtudo tornar-se degradante aos olhos de uma mulher que prefira a impossibilidade da união a um casamento alcançado por semelhante meio. De modo que a Sousa hade cair á queima-roupa sobre esta bucolica que esqueceu a Virgilio, e ferida no seu amor proprio dignar-se-ha volver olhos misericordiosos para o bom do

pae que lhe hade então explicar miudamente — de como eu posso ser o melhor dos maridos!

«Tem paciencia, meu amor, sujeitei-te ao desenvolvimento da tua generosidade. Foste a primeira a dar-me a iniciativa para a comedia, dígnate agora representar de modo que me caiba a mim applaudir-te.»

.....

Em quanto Thomazia Villar lia e relia a prosa de Luiz de Lima um pouco mais elegante a seus olhos do que o estylo dos melhores puristas porguezes, em quanto o seu coração lhe pulsava impaciente e phrenetico á simples idéa de pôr em pratica tudo que o seu amante n'essa carta lhe explicava e lhe pedia, Luiz de Lima que estava almoçando na companhia de José d'Athayde entretinha com o noticiarista um dialogo que não deixa de ter feição.

— Quanto fazes tu por mez pela medicina e pela marqueza? perguntava-lhe o noticiarista com um cynico sorriso.

— A medicina não me rende nada e Thomazia ainda me rende menos! Procurei com esta ligação a faculdade de me relacionar e de ser convidado para toda a parte. Em quanto a interesses miudos, creio que me fazes a justiça de acreditar que sou incapaz de acceitar dinheiro de uma mulher. A prostituição no homem é a mais completa das villanias!

— Dinheiro! dinheiro! Mas quem te diz que lhe acceitas dinheiro. Entretanto, lá vem uma lettra...

— Isso ainda me não succedeu... senão quatro vezes; disse o medico sorrindo-se.

— Pois é o caso, replicou José d'Athayde; e depois tu jogas, has de perder ás vezes, encontrares-te em difficuldade de pagar de prompto, e a marqueza...

— Já vês que não posso n'uma d'essas situações, que aliás se tem dado apenas umas seis ou sete vezes, impedir que o extremoso amor de Thomazia passe pelo desgosto de eu recorrer aos seus favores...

— Está claro! continuou o noticiarista: em quantos embaraços se encontra ás vezes um pobre diabo como eu... como qualquer de nós, para melhor dizer! que de impressões á idéa de um agiota, — do agiota — phrase mais generica; porque hoje em dia todo o homem que se preza, tem o seu agiota reservado, do mesmo modo que tem a sua casaca preta na gaveta, para certos casos. O agiota é a casaca preta da alma, veste-se para os lutos do espirito, e para o enterro da independencia! E então, já se vê que se á marqueza constar que um d'esses vampiros intenta devorar-te, e que o vês tirar da algibeira o *souvenir* fatal e traçar n'uma das folhas a tua condemnação eterna, fazendo a conta, de punhal erguido... Quando digo punhal quero dizer o lapis, porque o lapis é o punhal do agiota! Ora se te encontrares n'uma d'essas peripecias que tem ornado a minha existencia semeada de flôres e de agiotas, como quem diz semeada de flôres e abrolhos...

—Já tenho tido d'essas crises fataes, meu Athayde!

—Peor do que passar o cabo das Tormentas! E como tens esmagado esses bichos ferozes, com a tua indígnação, ou com a bolsa da marqueza?

—Com a bolsa da marqueza; disse o medico rindo. Coitada! já me tem livrado de cinco d'esses demonios!

—Não insultas os anjos caidos: isto é outra casta ainda peor!

Depois de uma breve pausa que o noticiarista aproveitou a preparar umas rodas de salame, o medico exclamou:

—E que me dizes tu dos alfaiates?

—Implacaveis! Não servem para amigos Má gente! muito má gente! Attendem mais ao primeiro do mez, do que ao doloroso grito da agonia dos Jobs lisbonenses! Aposto eu que a marqueza já sabe quanto o *Catarro* e o *Keil* levam por um paletot!

Luiz de Lima não poude deixar de dar soltas a uma gargalhada:

—Já por duas vezes se entendeu com elles, satisfazendo uma conta muito soffrivel!

—Bem entendido!

—Acceitar dinheiro de uma mulher é que é horroroso!

—Medonho! acudiu o noticiarista; isso é medonho. Acceitar dinheiro de uma mulher por caso nenhum!

—Combinas com a minha dignidade?

—Combino com a tua dignidade, perfeitamente.

Luiz de Lima e José d'Athayde eram dois verdadeiros lisbonenses, e este dialogo o comprova. Em Lisboa ha um grande horror pela idéa de receber dinheiro de uma mulher, mas não se considera de tanto menospreço aceitar favores a uma mulher que lhe custem dinheiro!

A vida de Lisboa tem isto de especial: os romances de vida contemporanea apresentam os elegantes de Pariz, os dandys dos salões, os leões da voga, tendo quasi todos protectoras mysteriosas que lhes franqueiam o seu coração e o seu *porte-monnaie*, e a quem elles assaltam de ordinario com mais frequencia o *porte-monnaie* do que o coração. O mundo conhece-os, sabe onde pára a Nova Australia d'aquelles exploradores do amor, e nem por isso os desconsidera; aceita-os a uma meza de Whist e não põem duvida em desejar ganhar-lhes o oiro que uma mulher lhes deu!

Não succede assim em Lisboa, onde só se encontram d'esses homens n'uma sociedade separada de todas as classes, a das mulheres perdidas, unicas que se atrevem a pagar um amante *com o dinheiro á vista*, e unicas que encontram homens que se atrevam a aceitar-lho!

Diga-se então a verdade, Lisboa despresa esses homens, proscreve-os de todos os logares onde seja preciso um titulo qualquer para ter entrada. Nos theatros, até, apesar de que um bilhete que se compra dá a qualquer o direito de tomar o logar que esse bilhete representa, nenhum d'esses homens se atreve a apresentar-se na platéa de assignatura, a

não ser n'algum dos theatros de terceira ordem onde já as platéas não teem feição nem caracter.

Quer isto provar que no mundo elevado nenhum homem vive á custa de uma mulher?

Não quer.

Na boa sociedade ha homens como Luiz de Lima, a quem uma senhora salva por muitas vezes de um embaraço de fortuna, a quem uma senhora faz presente de um tylbury, de um cavallo, de trinta mil coisas necessarias á vida elegante, que estes homens teriam de comprar ou de alugar: mas o que não ha decerto, o que não ha felizmente, é senhoras a quem já não reste o prestigio da mulher, a vaidade, o brio, o amor-proprio que as faz recuar á idéa de ser preciso pagarem o apparente amor de um homem!

O que não ha de certo tambem, o que tambem não ha felizmente, são homens que por tal fórma se envilleçam d'alma, que olhando com despreso para a prostituição na mulher, não reconheçam que é mil vezes mais horrorosa e degradante essa prostituição no homem.

Para que o leitor não estranhe a dependencia em que estava o medico para com a marqueza é talvez precisa uma breve explicação.

Luiz de Lima era medico da moda, e não o medico da voga: era o medico das senhoras, mas não o medico dos maridos. Nem o publico de Lisboa sympathisa com um doutor em medicina que saiba walsar, e que frequente a sociedade dos jornalistas e dos escriptores publicos, nem Luiz de Lima quiz

nunca abandonar essa sociedade, deixar os bailes, e sacrificar ao seu credito algumas noites passadas a cavaquear nas boticas.

Lisboa é inflexivel para certos peccados: Lisboa perdoa um crime, mas não desculpa um d'esses erros a que se chama — não atender ás conveniencias! Lisboa nunca deixa de ter horror a uma moda qualquer. Ha cincoenta annos dizia-se de um homem:

E' um devasso, que não attende ás prisões de familia, que não respeita os laços do sangue, que passa as noites em orgias e os dias em espeluncas de jogo... emfim, até sabe falar francez!

Este ultimo crime era o unico que Lisboa não perdoava então!

Usar chale-manta pela rua é o crime mais recente que a população tem condemnado. Ha dez annos quem usasse chale-manta tinha as inquirições tiradas, — era um homem perdido!

Um medico ou um advogado que use bigode é considerado ainda hoje como um ente perigoso e temivel. As familias fecham-lhe as portas, os homens serios levantam os olhos ao ceu, citam os do seu tempo como modelos de sabedoria e de seriedade, e o pobre advogado ou o pobre medico vê desapparecerem a pouco e pouco os clientes e já é tarde quando as circumstancias lhe fazem bem conhecer que Lisboa teve medo do seu bigode!

Já se perceberá agora que Luiz de Lima, frequentador impreterivel dos bailes, elegante que não faltava a um *pique-nique*, que era constante em Cintra de verão e em S. Carlos no inverno, apesar de

que não usava bigode, todavia tinha na sua vocação para os divertimentos e prazeres da vida sufficiente condemnação para o triumfo dos seus creditos como homem de sciencia.

As damas preferiam-no a todos, porque elle conversava e walsava como ninguem; e um medico que seja forte em conversar e em walsar, dizem as senhoras que não póde deixar de ser tambem de grande força a receitar!

— Ainda não sabes o melhor! disse o medico ao noticiarista quando acabaram de almoçar. Faço amores com uma dançarina, aqui onde me vês!

— Cáspite! E' do genero francez, ou italiano?

— Do genero... portuguez!

— Misericordia! dançarina portugueza n'um paiz que nunca deu senão a Moreno! Qnem é então essa coriphéa que se atreveu a distinguir-te no teu logar de assignatura?

— A mais linda cara do mundo; has de conhecel-a necessariamente...

— Chama-se?

— Rita.

— Oh! oh! A Ritinha do Salitre! Se conheço! Do tempo em que ella dançava a *Cracovienne* nos entre-actos, e em que o Antonio Cypriano lhe atirava coroas! Pois, dir-te-hei que é como mulher, uma acquisição muito soffrivel, o barão dá-lhe este mundo e o outro. Pelo lado da arte... é portugueza!

— E' já tão vulgar dizer mal de tudo que é nosso!

— Olha, das mulheres de theatro de Lisboa é

que ainda se tem dito pouco. E' verdade que ninguem as conhece!

— E's implacavel como um noticiario! Vamos nós até ao theatro?

— Que se faz lá?

— Ensaia-se uma dança nova, *O Serralho*.

— Essa, aposto que deve ir bem! disse o noticiarista com uma gargalhada. Meu caro amigo, as mulheres de theatro em Lisboa ou são virtuosas como Santa Brigida, ou então nem se contentam em sêr mulheres de marmore, são de *gesso!*

— Mas teem uma qualidade que as torna superiores ás dos outros paizes.

— Oh! se teem! é a semsaboria!

— Não, é o desinteresse.

— Ah! ah! Comprehendo. A Ritinha tem-se sabido insinuar, e diviso na phrase que soltaste o fructo de alguma eloquente jeremiada de bastidor, lamurias que as filhas dizem entre lagrimas, aprendidas com as mães, entre risos! Aposto que te disse que não queria mais do que o teu coração... e uma agua-furtada! E' a phrase!

— Estás julgando as mulheres de Lisboa pelas mulheres de outras terras: as mulheres de theatro, aqui, não arruinam ningem, nem acham a quem arruinar! Esta é a verdade do caso! serão talvez mais bondosas por ausencia de espirito, não duvido: mas teem maior alma e melhor dedicação!

José d'Athayde acendeu um charuto, e contemplou, sorrindo-se, um elegante cofre d'ebano que de certo guardava as cartas, os cabellos, as flôres,

as pastilhas de um baile, as mil lembranças com que as mulheres de sociedade acompanham de ordinario algum amor, e com que a marqueza de Villar tinha de certo acompanhado o seu, porque o noticiarista divisou no cofre a inicial do nome da marqueza.

— Sabes tu Luiz...

— Sei que vou ao ensaio e que me has de acompanhar, disse o medico dispondo-se a sair.

— Sabes tu que eu trocava de bom grado os olhos azues da tua Ritinha por uma das longas pestanas da marqueza, e que...

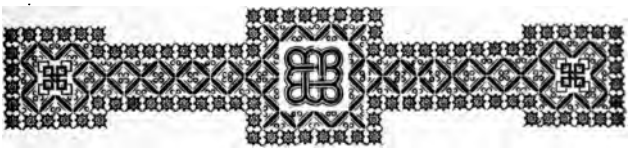
— Nunca os teus olhos se fitaram em dois raios de luz de maior encanto! disse Lima com enthusiasmo.

— Acordas aos trinta annos! exclamou o noticiarista. Não agouro bem esses amores! As Ritinhas de S. Carlos fazem muita differença das Villar e das Castello-Branco! Conheces já as marquezas mas ainda não conheces as dançarinas, e talvez que essa te faça lembrar ainda que ha differença entre as salas e as caixas de theatro, e que é já tarde quando, em vespera dos quarenta annos, se quer fazer conhecimento com as intrigas de bastidor!

— O barão é o *editor responsavel*, eu represento a distracção, faço as vezes de folhetim da folha. Que posso eu recear?

— Que o *editor* não approve o *folhetim* e que te encarregue do *jornal!*

— Ora adeus! o amor, disse o medico parodiando, é sempre a imagem da confiança tão real e perfeitamente como está... em Antonio Cypriano!



VII

A marqueza de Villar

Duas noites depois de a marqueza receber a carta de Luiz, e se resolver a representar a comedia que planeara, Victor Marrocos a quem Guilherme pedira para sêr apresentado á marqueza, introduzia-o effectivamente nas salas da senhora Villar, que acolheu o mancebo com um sorriso para o animar, e um cumprimento lisongeiro para o seduzir.

A marqueza estava n'essa noite, como ella propria disse, nervosa e enfastiada.

Debalde havia recorrido de instante a instante ao auxilio de um frasquinho de saes aromaticos que lhe acordasse o espirito, entorpecido por uma diabolica enxaqueca.

A marqueza tinha trinta annos.

Dizia-se no mundo que ella devia á arte a maior

parte da belleza que ostentava ainda. Era talvez verdade. Mas com que perfeição dava colorido ás faces, e aos beiços, com que esmero preparava a pelle com *cold cream*, com agua da china, com os mil ingredientes que os cabelleireiros e os perfumistas ministram á humanidade impedindo-a de ser feia a todo o tempo!

Feio! Quem é capaz de ser feio n'este seculo? E' impossivel.

Para os calvos ha cabellos, para os desdentados ha dentes, para os pallidos ha côr!

A marqueza tinha trinta annos, não era bonita, não era elegante, não era sympathica, e todavia era uma mulher da moda!

A que se devia essa circumstancia?!

Ao ridiculo.

Sim, ella falava muito, queria entender de tudo, arvorava-se em censora dos artistas, dava o seu voto com um ar *tranchant* ácerca de uma *partitura* ou de uma composição litteraria, analisava os versos de Palmeirim, discutia o *Eurico* de Herculano, criticava sem piedade as obras dramaticas de Mendes Leal, e no fim de tudo decidia-se pela prosa de José d'Athayde, sem viço e sem côr, onde se encontrava a cada instante uma idéa do seculo desenove mettida n'uma phrase do seculo dezesseis!

E a marqueza illustrara-se e celebrisara-se pelas suas pretenções que a converteram n'uma preciosa moderna.

O que outr'ora matava pelo ridiculo, hoje popularisa e ennobrece!

Todas as virtudes e todas as qualidades adquiridas; as mais nobres acções, ou as mais elevadas faculdades, não valem tanto para o juizo da sociedade como o mais pequeno e ligeiro ridiculo!

Assim como a virtude se enriquece de sacrificios e a religião de humilhações e ultrages, o ridiculo alegra todos e torna felizes os que o possuem!

O ridiculo é o mais solido dos laços que unem as creaturas. E' a unica reciprocidade constante, inalteravel, independente dos caprichos do coração ou da fraqueza do espirito!

Se esse dom precioso se encontra n'uma fidalga ainda moça e rica como a marqueza de Villar, que triumpho! Maneiras exageradas, exoticas, vestuario pretencioso, linguagem affectada e por vezes burlesca! É uma victoria certa que a curiosidade lhe tributa. Se é n'um baile, a primeira *bas-bleu* de penteado á Diana antiga, vestido de mangas largas quasi á moda da edade media, leque vertiginosamente agitado, e falar estudado, decorado, repetido mil vezes ao espelho, leva sempre vantagem á donzella modesta e simples, de loiros cabellos singelamente atados, vestido branco, cintura tenue e attitude graciosa e espontanea!

Os heroes de salão talvez passem sem a vêr, maravilhados da panthera que reuniu no seu vestuario todos os generos, epochas e cores.

E a innocente verá decorrer o baile, passarem as horas, succederem-se as walsas, e ninguem irá anhelante de desejo e vaidade repetir-lhe a phrase proverbial de um baile:

«Digna-se v. ex.ª conceder-me esta contradança?»

E no fim da noite, ao entrar para a sua carruagem ella irá já desgostosa do mundo e desencantada das illusões da vida!

Os homens, e principalmente os homens moços que entram na vida sequiosos e avidos de aventuras, esperam tudo das mulheres de trinta annos, e seduzem-se pelos prestigios das *bas-bleu* que já teem nome e celebridade, e que decretam a moda e as opiniões.

Possuir uma d'essas mulheres que já conhecem a vida e o mundo, captivar essas creaturas que contam na lista esplendida e abundante dos seus adoradores os principaes nomes da mocidade doirada de uma terra, é para os mancebos um triumpho de primeira ordem.

A marqueza de Villar tinha como todas as mulheres da moda de Lisboa, uma *coterie* certa e especial onde dominava e era obedecida.

A este numero pertenciam Luiz de Lima, João de Vasconcellos, poeta da voga, Victor Marrocos, o padre Antonio, termo medio entre o typo do abbade mexeriqueiro do seculo dezoito na França, e o do padre do seculo dezenove em Portugal, ignorante mas ambicioso, estupido mas recheado de presumpção e de vaidade, e ainda outros de menor vulto, verdadeiros ajudantes de ordens que lhe serviam para applaudir a sua cantora predilecta, e dar pateada aos artistas da sua antipathia.

Esta *coterie* tinha uma noite certa cada semana *em que se reunia* ao cavaco em casa da marqueza.

Era ás quintas-feiras, noite que haviam escolhido por não haver theatro lyrico, e ser noite privativa do theatro normal, onde a Villar como mulher da moda de Lisboa não descia a ir ouvir uma peça de Mendes Leal, de Francisco Gomes de Amorim, ou de Antonio de Serpa. A *coterie* da marqueza conservava-se-lhe fiel, e a condessa de Castello Branco que aliás possuia na sua *roda* effectiva Estevão de Mello, Antonio Roma, Ernesto Braga, o auctor dramatico, e José d'Athayde, o Napoleão das noticias diversas, não havia ainda conseguido conquistar á marqueza nenhum dos seus *cavalieri sirventi.*

Thomazia de Villar tinha trinta annos, como dissemos. Nunca fôra realmente bonita, mas principiara aos vinte a *ser boa.* Para os entendedores isto será bastante para que possam desde já fazer uma idéa da marqueza!

De estatura alta, ainda que pouco airosa, tinha todavia uma figura que agradava e sobresaía.

Nos seus primeiros annos fugira muito á magreza, e estava reduzida agora a evitar por toda a arte a gordura, porque previa que ella a tornaria mais velha e sobretudo menos elegante!

A testa alta e bem feita, e a mais alva pelle do mundo, compensavam na sua physionomia a pouca regularidade de feições e nenhuma correcção de traços.

Ao ser-lhe apresentado Guilherme da Cunha, ella sentiu como que uma antecipada impressão de remorso, a olhar esse pobre moço que ia ser victima da mais fatal comedia, e que teria de perder

n'aquella sala a felicidade e o seu futuro. Mas affastou da imaginação essa ruim lembrança e examinou então minuciosamente n'um d'esses olhares de mulher de sociedade que vê tudo parecendo estar distrahida, o mancebo que reunia ao viço da edade uma grande elegancia sympathica e original.

Guilherme da Cunha era um rapaz trigueiro, de fronte alta, olhar vivo, penetrante, e ardente; de estatura mediana, presença agradavel e sympathica, e maneiras da mais esmerada e polida educação.

Thomazia viu tudo isso no olhar com que o cobriu: depois olhando rapidamente Luiz de Lima que a um canto do salão conversava com João de Vasconcellos, sem perder um unico movimento do mancebo, trocou com o medico uma perfida vista de combinação.

Guilherme da Cunha apresentou-se bem, conversou pouco ao principio, respondeu com espirito ao que lhe disse a marqueza, e conseguiu que nenhum dos dandys que alli se achavam pudesse pelas suas maneiras adivinhar que elle chegára da *provincia*, porque entre nós chama-se provinciano a quem é de Caneças, quanto mais a quem como elle seja do Carvalhal, pequeno logarejo perto de Obidos.

Guilherme viera effectivamente recommendado por sua mãe a um ministro que era ainda seu parente, para lhe ser concedido um emprego em alguma das secretarias do estado, para o que os seus estudos o tornavam apto visto haver cursado na Universidade, os dois primeiros annos de mathematica.

Mas eram outros os intentos do mancebo, e as suas aspirações guiavam n'o mais longe do que aos acanhados horisontes de amanuense de secretaria.

Guilherme da Cunha ambicionava a carreira d'escriptor publico, que suppunha tão rendosa como brilhante, tão agradavel como prestigiosa! Erro em que muita gente cae, e que serve para justificar o proverbio do — nem tudo que luz é oiro!

Quando a conversação se estabeleceu, tratou-se de litteratura.

— Porque se não faz critico? perguntou-lhe a marqueza: hoje as columnas do folhetim podem, bem aproveitadas, tornar-se um avançado degrau para a escada da politica!

— A missão de critico, retorquiu Guilherme, é sempre má, sr.ª marqueza; n'este paiz é peor, e na minha edade peor ainda!

— E' assim! acudiu Luiz de Lima. Esta terra de esperteza de gallo não comprehende senão o critico de golla alta, occulos fixos, e caixa de rapé. O direito á analyse ganha se depois dos cincoenta annos. Até então deve-se viver escondido para gosar depois as regalias de uma apparição inesperada.

«E' uma longa serie de semsaborias *ad usum portucalensis!* A ardencia natural da juventude será sempre rebelde a semelhante systema. Corre-se até o risco de se esterilisar o talento, apenas ainda meio caminho andado, e seccar as faculdades pela aridez, pouco compativel com o fogo da mocidade, de uma existencia em que se suffoca o ardor da

ambição nos calculos repugnantes de uma hypocrisia *a juros* para o futuro!

— Não é só essa a face triste da medalha! exclamou Antonio Roma, orador estimado cuja voz era n'esses tempos o mais valioso auxilio do marquez de Villar que em phrase de politico — era o seu homem.

«Ser critico em Portugal considero eu uma tarefa sem lucro, nem gloria. No circulo infinitamente pequeno em que se vive em Lisboa, estreitam se depressa os laços da intimidade e o critico vê-se obrigado a ser lisongeiro, ou então mal educado. Bem sabe a marqueza que n'esta terra tudo se julga perante os lumes da civilidade!

«Um critico que tome chá esta noite em companhia de um poeta, está impossibilitado de não gostar dos versos d'elle!

«A primeira philarmonica de que o meu amigo não louve o *bom serviço* e lhe advirta esta ou aquella falta, fecha-lhe as portas com excommunhão, e vota-o á ignominia da sua propria sinceridade.

«Se quer ter vida de monge ou trez duellos por mez — faça-se critico: se quer viver bem com o genero humano... não faça cousa alguma! Esta é a maxima do seculo. Os pobres de espirito possuem não só o reino do ceu mas o da terra!

«Durma muito e corteje toda a gente: dão-lhe logo um titulo, ou fazem no official maior de secretaria!

— Não, de certo! exclamou Guilherme. Não começarei por avaliar os productos intellectuaes dos

outros! Entregar-me-hei primeiro a alcançar nome pelas minhas proprias obras. Tenho vinte e um annos apenas, e ainda agora me principia a vida! Contentar-me-hei em ler a minha alma, os meus instinctos, e a grandiosidade de sentimentos, naturaes aos vinte annos até quando se nasce para ser Arétino ou Voltaire. — Buscarei impressões no meu coração e na minha alma, disse elle fitando a marqueza que o olhava como encantada.

— Aos vinte annos não se é apenas poeta, retorquiu a marqueza com um sorriso agradavel, é-se a poesia!

— Sobretudo, disse Estevão de Mello, homem politico e litterario, por cujo nome Guilherme da Cunha tinha essa veneração cega que merecem ás almas candidas, os prestigios de celebridade dos Garrett, José Estevão, Manuel Passos, todos emfim que adquiriram direito á popularidade; — sobretudo seja original! Não se deslumbre pela graciosa toada da rima, que é o que perde os poetas portuguezes d'este seculo se exceptuarmos João de Lemos, Mendes Leal e Almeida Garrett.

«Para uma boa idéa ha sempre uma forma que lhe é propria, unica que lhe vae bem e que a traduz em todo o vigor e elegancia. Domar aos caprichos da moda o que ha de mais especial e exigente — o pensamento, é a peor das tentativas!

«Não queira adquirir nome com poesias fugitivas que morrem no jornal ou no album: tente um poema. Observe e admire esta linda terra de que é proverbio dizer mal, mas que tem o condão de

maravilhar toda a alma fertil em crenças e impressões, pela luz animadora d'este sol esplendido, pelo perfume encantado d'esta natureza opulenta e magnifica!

«Seja poeta porque está na edade da poesia! deixe-se entrar de olhos vendados n'esta sociedade que já perdeu as illusões, mas que ainda admira as àlmas virgens e puras que uma vez ou outra atravessam este mundo inexperientes e confiantes!

«Ame alguem! Porque é do amor que nasce tudo que ha de grandioso nos sentimentos, porque o amor sanctifica o que a rasão discute e accusa ás vezes!»

Estevão de Mello callou-se por algum tempo, e Guilherme escutava ainda. No tom com que proferira essas palavras, no gesto elegante e persuasivo de que as acompanhara, o mancebo julgou sentir um hymno de consolação e de esperança.

Esta scena teve então um não sei que de melancholico e triste.

A disposição das figuras, a diversa expressão dos semblantes, os caracteres mais diversos ainda dos personagens; a causa infame que os reunia alli e prestava conselhos amigaveis ao pobre moço a quem se queria enganar e perder, tudo isto tornava esta scena especial e notavel.

O pobre moço cuidou vêr atravessar deante de si toda a historia da sua vida, historia ainda curta mas cujo horisonte se lhe apresentava agora escuro e confuso!

Seria difficil fazer sentir o que n'esses momentos

se passou na alma de Guilherme, comprimida por um abatimento sinistro, ao encontrar-se ainda desconhecido e pequeno deante d'esses homens superiores por titulos diversos, a quem a sociedade tinha já acceito, a quem a sociedade já respeitava!

A marqueza estendeu-lhe a mão, e proferiu com deliciosa e angelica expressão:

—Não se entristeça! Tem ainda agora encetado a vida e o seu merecimento ha de alcançar-lhe o logar que lhe compete. As mais solidas reputações são as que o trabalho grangea, nunca as que a protecção proporciona. Terá talvez que luctar, mas é a lucta que dá gloria ao que vence!

«A coragem é a divisa dos grandes espiritos; acompanha-os até a morte! Era por isso que as romanas applaudiam no circo o luctador que sabia expirar sorrindo!»

O relogio do salão marcava n'este momento uma hora. Victor Marrocos, Antonio Roma, Luiz de Lima, João Vasconcellos, e Estevão de Mello depois de trocarem entre si um olhar de perfida combinação, despediram-se da marqueza, e apertaram a mão a Guilherme que permaneceu ainda.

A marqueza aproveitou alguns instantes de silencio para observar melhor a expressão melancholica da physionomia do mancebo, que principiava a julgar melhor desistir da comedia a que os conselhos de Luiz de Lima o haviam incitado, a para a qual a sinceridade do seu caracter não lhe promettia grande probabilidade de bom exito.

Elle pregava a vista vagamente n'uma das flôres

do tapete, e n'esse instante, que de saudades de Sophia lhe brotavam n'alma, sinceras e vehementes!

—Tem então vinte e um annos! disse-lhe a marqueza para alguma coisa dizer. Pois bem! o que daria eu hoje para me encontrar n'essa edade?

«E não lhe basta para o tornar feliz vêr deante de si um tão largo horisonte?! Cheio de talento e de vocação para as bellas lettras, que mais precisa do que estudar para que um dia seja este paiz que tenha de agradecer á Providencia havel-o feito nascer aqui!»

E, por distracção talvez, a mão da marqueza descançou por momentos sobre a de Guilherme: e, por distracção de certo, essa linda mão apertou por vezes meigamente os dedos longos e finos do mancebo.

Mas os olhos de Guilherme fitaram os da marqueza: demoraram-se n'um olhar vago talvez, mas expressivo, e nem a marqueza baixou os olhos nem Guilherme desviou a vista.

O silencio que então guardaram foi mais eloquente do que as cartas de Heloisa. Guilherme enlaçou com um dos braços a cintura da marqueza, e ou ella não sentiu esse movimento ou nem forças teve para resistir-lhe.

Representavam ambos sem nenhum d'elles saber que tambem era enganado!

O que ambos queriam era captivar-se mutuamente; especulando ambos, nem um nem outro desejava ir até onde só o amor deve alcançar. Mas *a marqueza* sentiu-se de repente desvairada pelo

ardor de um capricho ou de um desejo, e disse comsigo, servindo-se da idéa que as mulheres de trinta annos formam dos que entram na vida com os olhos vendados, unicos amantes que não são perigosos:

«E' uma creança!

E atravessou-lhe então pelo pensamento a imagem não do prazer sem o amor, mas a do amor sem o risco da indiscripção, o amor que não quer jugo, nem prisão — o amor de uma noite, o amor de uma hora, o amor-capricho!

Todavia principiava a tomar a serio o papel a que se propuzera!

A luz viva e scintillante dos olhos pretos de Guilherme, incendiados em parte pela força de vontade que o tornava sublime actor n'essa delicada comedia a que o amor por outra mulher o havia obrigado, fascinava-a e vencia-a.

Quiz por momentos livrar-se de semelhante prisão dos sentidos, mas o torpor em que se encontrava fel-a estremecer de prazer, e mais prostrada ficou ainda.

Guilherme da Cunha roçou os labios pelo pescoço da marqueza, no sitio em que começa o cabello, e fel-a estremecer com um beijo ardente, devorador e phrenetico.

A condessa reuniu as poucas forças que lhe restavam, e n'um impeto de coragem ergueu-se de um pulo, e quiz, fugindo aos braços de Guilherme livrar-se d'elle e da pouca força que já tinha para resistir-lhe; mas apenas déra alguns passos, que as

mãos do mancebo lhe enlaçaram a cintura, e sentindo então que estava toda a tremer, se deixou cair n'um sophá que estava perto do fogão.

Ahi mesmo a perseguiu Guilherme: e, tomando-a nos braços, collocou sofregamente os beiços nos pallidos e tremulos labios da marqueza, balbuciando como uma expressão de delirio amoroso:

—Entrega-te!

No dia seguinte a marqueza parecia louca de alegria.

—Bem dizem os hespanhoes, exclamava esta preciosa do seculo XIX: —Quem brinca com o fogo acaba por se queimar!

E não poude explicar a si propria a causa de tal desvario!

Entregar-se a um tão rapido attaque... Querer captivar e ficar captiva... Quem póde fiar-se em si?

—Não te julgava protectora da infancia desvalida, disse lhe uma das suas melhores amigas: uma menina de vinte annos casada com um brigadeiro velho, unica pessoa a quem a marqueza confiou este segredo.

—Minha querida, replicou a marqueza de Villar, tenho trinta annos. Quando chegares a este marco da estrada da vida, talvez estejas enfastiada já dos homens do mundo, e peças á innocencia o que a experiencia não póde dar!

VIII

Antes do baile.

Uma semana depois, dava um baile o ministro da America.

Sophia de Sousa devia assistir, mas Guilherme que tinha a certeza de que a marqueza de Villar iria, e como desejava vencer terreno livremente e fallar á Villar n'essa noite mesmo, ácerca do seu futuro e do seu casamento, pintando-lhe que uma subita perda de alguns centos de mil réis ao jogo lhe tornava este casamento necessario como o ar, mandou dizer a Sophia que não podia ir, e pedir-lhe que não fosse ella tambem.

A namorada ia pretextar uma violenta dôr de cabeça e desculpar-se assim para com seu pae de não querer assistir ao baile, quando o barão lhe disse:

—Recebo agora uma carta do Melitão Vidueira,

acompanhada de outra da filha dirigida a ti; talvez seja para combinarem toilette.

Maria Lucia, filha do mais illustre e respeitavel dos agiotas de Lisboa, Melitão Vidueira, intimo do barão, era a melhor, e unica amiga de Sophia. Educadas no mesmo collegio, de onde sahiram no mesmo dia, tendo para lá entrado juntas, reinava entre ellas a enexprimivel amisade que prende ás vezes duas meninas, por um affecto que toca por vezes o sublime do amor, e que faz com que uma seja feliz pelas alegrias da outra, e se entristeça e amargure com as suas magoas, tanto ou mais do que se a ella lhe coubessem. Teem ciumes reciprocos, e até ás vezes se affligem de zelos quando uma vê que a outra pensa tanto n'um homem que por força hade pensar menos n'ella. Ás vezes ficam mal por uma se casar: parece que entendem que ou solteiras ambas toda a vida, ou casarem no mesmo dia e, quem sabe, se com o mesmo homem!?

Era assim a cadeia de relações que prendia Sophia a Maria Lucia. Se estavam uma semana sem se verem, escreviam-se como se estivessem ha muito tempo separadas. Eram amigas verdadeiras uma da outra, amigas de coração, e tão innocente e bondosa qualquer d'ellas, que se os anjos se amam devem amar-se assim!

Eis a carta que Sophia leu:

«*Nini da minha alma*. Enganam-te e illudem-te! *O teu fiel* Guilherme, para me servir do titulo que lhe dás sempre, atraiçoa-te por um modo ignominioso. Ouvi hoje coisas ao jantar que me horrori-

saram, porque justificavam as suspeitas que concebi quando antes de hontem no Gymnasio vi Guilherme quasi toda a noite no camarote da marqueza de Villar coxixando a todo o momento como dois namorados! E' uma indignidade, Nini, trocar-te por semelhante carocha presumida, e a ponto de andar doido por ella, doido varrido, como ainda hoje meu pae contou á mesa!

«Conto-te isto porque me doeria para sempre a consciencia se te deixasse viver illudida. Pobre querida, peço-te que não vás esta noite ao baile do ministro da America. Peço-t'o pela tua tranquilidade e brio: elle e ella devem ir. Já vês a que triste e degradante scena te expunhas. Olha, estou a chorar como doida, e se o pilhasse agora aqui tinha força para lhe tirar os olhos. Nini não te afflijas porque o monstro não vale a pena d'isso: vinga-te vindo esta noite a minha casa, onde te fico esperando para irmos a S. Carlos. Eu tinha convite para o baile, mas depois do que sei nem eu quero ir. E' melhor assim: no theatro dá-se a *Gemma de Vergy*; só o que nós havemos de rir quando te mostrar o preto da Opera que é a cara do tal monstro por uma penna. Havemos de nos vingar. Heide-te arranjar eu (mas lá mais para deante) um namorado a meu gosto. Verás que sendo da minha escolha hade ser digno de Nini. Minha prenda, vem cedo, sim? Se chorares enxuga os olhos com os beijos que aqui te envia a tua fiel *bibi—Maria Lucia.*

— Trahida! exclamou Sophia ao terminar a leitura da carta. Duvido!

Depois, disse á sua aia que a ajudasse immediatamente a vestir.

— Tão cedo! disse o barão.

— Vou primeiro a casa de Maria Lucia. O papá acompanha-me?

— Vae com Joanna.

Joanna era o nome da aia de Sophia.

Meia hora depois, a carruagem que conduzira a filha do barão de Sousa parava á porta da casa de Melitão Vidueira na rua de São Francisco.

Maria Lucia esperou a sua amiga no cimo da escada, e ahi apertando-a ao peito disse-lhe com angelica expressão de bondade:

— Ainda bem que vieste! em que afflicção estarás!

E conduzindo-a para o seu quarto, observou que os olhos da sua amiga não estavam vermelhos nem inchados.

— Tu não choraste! exclamou.

— Não, respondeu Sophia.

— E' singular, retorquiu a donzella. Então já não gostavas d'elle, Nini?

— Adoro-o!

— Para que dizes isso com tanto enthusiasmo, se nem um suspiro soltas, se nem uma lagrima vertes!

— Lagrimas e suspiros! Para que?

— Não acreditas na dor que se traduz em pranto?

— Acredito mais na dor que antes de chorar, *observa!*

— Queres dizer...

— Que não creio o que a tua carta me diz.

— Julgas-me capaz de...

— De acreditares uma mentira que te dissessem, uma calumnia que lhe levantassem!

— Acreditas mais n'elle...

— Do que no mundo, e do que em ti que me mereces ainda mais do que o mundo!

— Oh! pobre querida! exclamou Maria Lucia desatando a chorar e atirando-se aos braços de Sophia:

— Se o amas assim estás perdida! Que cegueira, Nini!

— Faço-lhe justiça: nada mais. Se lhe disserem alguma coisa identica a esta, que me diga respeito, vel-o-hão de certo sorrir e duvidar: é porque me ama como eu o amo e me conhece como eu o conheço!

— Sophia, exclamou Maria Lucia erguendo-se de um pulo — Eu vi!

— Pareceu-te!

— Vi! te digo.

— Enganaste-te.

— Pois bem, retorquiu a filha de Melitão Vidueira, és ainda minha amiga, Nini?

— Do coração.

— Faze-me a maior graça que a minha amisade póde exigir-te: vem esta noite ao baile!

— Fazia tenção: quero justifical-o a teus olhos, rehabilital-o no conceito dos que acreditam o que os inimigos d'elle inventam, para o perder no animo de meu pae.

— Bem! acudiu Maria. Suspenderemos qualquer juizo menos favoravel, até ao baile. E Deus me oiça, Nini, porque lhe peço que faça que eu me haja enganado, e que tu o encontres ainda fiel e digno de ti!

— Sei que o é. Oh! tu não o conheces, Bibi, nem sabes quanto é grande o poder d'aquelle homem, e que sentimento profundo, violento e innefavel anima o seu amor por mim! Poderás um dia chamar-me louca e accusar a minha fraqueza por me julgar adorada: mas ha energia, perseverança e vigor n'esta fraqueza! Está innocente, verás!

IX

Prologo dos grandes desgostos

Nunca constou na sociedade o que se passara entre Guilherme e a marqueza n'aquella noite que descrevemos n'um dos capitulos antecedentes.

O mancebo, quando lhe vinham á lembrança os acontecimentos d'essa noite como que tinha remorsos. Remorsos leves, nem o caso era para mais, de haver apertado as mãos de outra mulher, beijado as faces e os cabellos de outra mulher do que a sua namorada. Mas a idéa de ser por ella, e para alcançal-a que elle havia deixado as coisas correrem assim, dava-lhe uma certa tranquillidade de consciencia de que nas edades curtas se precisa!

Nas duas noites immediatas, Guilherme tinha ido visitar a marqueza que evidentemente o esperava.

Na noite seguinte a estas, foi cumprimental-a ao camarote, em S. Carlos, e estiveram — conversando — durante o intervallo da opera á dança. Na outra noite, emfim, haviam ido ao Gymnasio, e como não é ahi de tanto melindre como em S. Carlos guardar-se as—conveniencias—elles estiveram toda a noite na mais despreocupada intimidade. A isto se referia na sua carta a filha de Melitão Vidueira.

Mas ao quinto dia, isto é, na vespera da noite do baile do ministro da America, Guilherme da Cunha procurou por duas vezes a marqueza de Villar, mas acaso ou proposito, o guarda-portão respondeu-lhe de ambas as vezes:

— A senhora marqueza não está em casa.

No dia seguinte Guilherme encontrou no pateo a carruagem da marqueza.

«Entraria ou irá sair? — disse elle a si proprio.»

Mas n'essa occasião viu por uma das janellas do corredor que por acaso estava aberta passar a marqueza vestida e preparada.

Os cocheiros apearam-se, e os creados tiraram os cavallos do trem. Era evidente que a marqueza chegara de fóra n'esse instante.

Guilherme da Cunha dirigiu-se ao guarda-portão, e perguntou-lhe com voz indecisa como se adivinhasse.

— A sr.ª marqueza de Viliar?

— A sr.ª marqueza não está em casa, respondeu o creado com a frieza petulante dos guarda-portões, que teem uma frieza e petulancia especiaes e privativas.

— D'esta vez, disse Guilherme comsigo retirando-se, d'esta vez o caso está claro!

Fez-se conduzir n'um tivoli que encontrou no caminho, até ao Marrare do Chiado.

No Marrare encontrou um amigo.

— Vaes ao baile do ministro da America, Guilherme?

— Ah! disse o mancebo que pareceu acordar a essa lembrança, já nem me recordava do baile. Vou de certo, tenho convite e não falto.

E pensou comsigo mesmo:

— Verei a marqueza, explicar-me-ha o que significa tudo isto, e se me parecer favoravel abrir-me-hei d'alma hoje mesmo, dir-lhe-hei que preciso casar-me, que perdi ao jogo esta noite, que preciso Sophia de Sousa a todo o custo e sem perder um momento!

— Pobre Sophia!—disse ainda o mancebo quando sentando-se a uma meza do Marrare se dispoz a escrever ahi mesmo um rapido bilhete á namorada, dizendo-lhe que não ia ao baile, e pedindo-lhe que tambem não fosse: Pobre Sophia, não saberás nunca o que me custou alcançar-te, se chegar a conseguil-o! Em quanto escrevia, ponderava esta triste idéa: e depois de enviar a carta ficou com os cotovellos encostados á meza, e a cabeça escondida entre as mãos, sem pensar, sem fumar!

Quando acordou d'essa atonia, disse:

— Ou o meu amor é muito sublime ou muito rididulo: porque minto como um villão e amo como um heroe!

A noite, Guilherme da Cunha appareceu no baile ás dez horas. Os primeiros olhos em que fitou os seus foram logo os da marqueza.

— A marqueza! disse elle; e por uma subita resolução dirigiu-se até ella, e foi com um delicioso e despreoccupado sorriso que disse:

— Ha um seculo que não se deixa ver, senhora marqueza! Feliz inspiração me conduziu hoje até um logar onde finalmente tenho o prazer de encontral-a!

A marqueza respondeu com agrado, mas d'aquelle agrado das senhoras de sociedade, que é ás vezes peor do que o «mau modo» das burguezas. Ainda assim, Guilherme não lhe deu importancia e collocando-se ao lado d'ella, encetou uma attitude e um ar de quem se resolvia a não a largar tão cedo. Foram assim passeando, e chegaram a uma saleta onde ninguem se encontrava.

Ahi, Guilherme cortou o fio da conversa por esta pergunta rapida e incisiva:

— Como explica o modo porque se tem portado commigo?

A marqueza nem pestanejou: olhou-o com uma soberba expressão de desdem e replicou friamente:

— Não vejo a que possa alludir!

O mancebo fitou-a com um olhar penetrante e firme, e disse-lhe:

— Esqueceu acaso aquella noite...

A marqueza viu-se a um espelho, collocou melhor uma flôr que trazia no cabello, depois respondeu com um magnifico ar de compaixão:

— O senhor Guilherme da Cunha é muito creança ainda, e creança que parece bem pouco perspicaz, apesar do talento que se lhe admira!

E acceitando o braço do mancebo, foram passeando até uma das salas, ora dizendo segredos ao ouvido um do outro, ora trocando sorrisos tão depressa ternos como ironicos.

Sophia de Sousa e Maria Lucia tinham entrado havia pouco: mas a fatalidade havia feito que ellas chegassem a tempo ainda de vêr Guilherme ir com a marqueza para a pequena saleta de espera, e a pobre namorada n'uma angustia e afflicção infernaes, encostada a Maria Lucia, que a olhava assustada pela imprudencia que havia suscitado de virem ao baile, e que a via pallida, convulsa, e na maior anciedade que um coração possa ter sentido, esperava tremula e ralada de alma por vêr de novo o que já vira, e soffrer mais ainda se pudesse!

Pouco esperou.

Guilherme e Thomazia de Villar não tardaram a apparecer de novo; dirigiram-se para uma das janellas, e ahi conversaram em muita tranquillidade e harmonia

— Devia ter já percebido, dizia a marqueza, que devemos esquecer essa noite! Nenhum de nós amava! Eram os sentidos e não o coração a causa de tal desvario. Aprenda a ser homem de mundo. Saiba differençar o amor affecto do amor capricho: embriague-se com as lembranças do primeiro, dissipe para sempre os perfumes do segundo.

— E' pois verdade! exclamou Sophia apertando

contra si o braço de Maria: oh, minha pobre Maria, e accusei-te eu de me enganares!

N'esta occasião a dona da casa, a quem seu marido o ministro, tinha por vezes gabado a voz de Sophia de Sousa veiu dar-lhe um beijo e dizer-lhe:

— Não sei até que ponto seria abusar do favor de aqui a termos esta noite, pedir-lhe algumas notas em nome de todas as damas que aqui se acham, e que me escolheram para sua interprete...

Maria Lucia ia desculpar a sua amiga quando ouviu Sophia responder:

— Com muito gosto!

E viu-a acceitar, pallida e convulsa cada vez mais, a mão que a dona da casa lhe offereceu para a conduzir ao piano.

Maria Lucia só poude então dizer-lhe de relance:

— Que vaes fazer?!

Ao chegar ao piano e no momento em que cobriu com um annuviado olhar a nuvem de cabeças que se aglomeraram para ouvir aquella voz estimada e celebre nas salas, Sophia experimentou sensações desconhecidas e violentas.

As primeiras notas foram precedidas por um silencio de tal fórma completo que Guilherme e a marqueza, então distrahidos, volveram os olhos pela sala procurando o motivo de tão rapido socego.

Viram então Sophia de Sousa que despediu sobre elles um olhar frio, desdenhoso e gelado, no momento de encetar a primeira aria da *Lucia de Lamermoor*

Regnava nel silenzio
Alta la notte bruna...

— Sophia! exclamou o mancebo, Sophia aqui!

— Oiça! disse-lhe a marqueza encostando os labios ao ouvido de Guilherme, com uma attitude de intimidade que de proposito planeara para ser vista pela namorada.

E disse-lhe ao ouvido, como se fosse um segredo, não sei que banalidade insignificante como: — Está um calor de morrer!

Mas Guilherme ergueu-se de um pulo, e apesar de lhe dizer a marqueza:

«Observe que me deixa só!» elle abandonou-a sem se despedir sequer, e misturando-se na multidão foi tomar logar perto do piano, e poude então observar que pallidez da morte branqueava o rosto da donzella.

A aria terminou entre applausos phreneticos. É porque a inspiração e o talento tinham-se revelado na execução musical d'esse trecho, vehementes e sublimes.

Parecia que a alma da cantora se desprendia do envolucro carnal, para voar com aquellas notas magnificas e seductoras para os reinos sublimes da harmonia e da inspiração!

A donzella viu-se cercada de cumprimentos: não dos cumprimentos banaes que seguem sempre uma *cavatina* em salla; mas havia alli reunidos bons e inteligentes conhecedores de musica, e professores e maestros foram render culto de admiração á donzella.

Guilherme a quem um oculto presentimento di-

zia que Sophia não viera ao baile sem motivo, e a quem a palidez da namorada deixava adivinhar alguma coisa de fatal para elle, lembrou-se atterrado se Sophia o haveria visto em tão intima conversa com a marqueza de Villar.

Porque o olhar anuviado e triste que a donzella havia volvido para elle, era bem diverso da vista incendiada de paixão e de affecto com que os olhos da namorada sabiam d'antes prendel-o á vida e ás esperanças!

E aproveitando a occasião em que, ao passar ao lado d'elle, a donzella teve de parar para receber os cumprimentos de algumas senhoras, Guilherme disse-lhe com um sorriso affectado, porque tinha a alma comprimida e irresoluta:

— Está mal commigo, Sophia?!

A donzella cobriu-o com um olhar de desdem e menos preço, que revelavam mais do que um despeito de amor, significavam que já a frieza havia succedido á paixão, que o olhar ardente, e cego da amante, cedera o logar á vista indifferente da mulher: e respondeu com inflexão gelada:

— Para sempre!

Momentos depois, Guilherme da Cunha que ficara petrificado pela resposta de Sophia, porque a conhecia bastante para saber que as almas sublimes e crentes como a d'ella teem que atravessar um mundo de soffrimentos para chegar á descrença no objecto da sua adoração, viu n'um como relampago a rapida apparição do seu destino, triste, *despovoado* e deserto!

N'essa occasião viu entrar o marquez de Villar com Luiz de Lima, e ir apresentar o medico á filha do barão de Sousa, que o recebeu com certo agrado, affectado, sim, mas seductor.

O medico conversou toda a noite com Sophia, e pareceu estar em magnifica veia de espirito, porque a donzella que lhe prestou uma attenção extrema, riu por vezes como que encantada de uma ou outra phrase do doutor.

Era, todavia, um riso nervoso e phrenetico, verdadeiro supplicio para ella que sentia as lagrimas escaldarem-lhe a fronte, impetuosas e fervidas de que os olhos negros da donzella as deixassem correr livremente!

Luiz de Lima a quem a paixão não perturbava as idéas, soube mostrar se verdadeiro homem de bom mundo e conservar todo o espirito de que era dotado; a conversar e a rir elle traçou a physiologia do baile, observou tudo, e não poupou as coisas mais leves nem as pessoas mais respeitaveis.

Maria Lucia, a filha de Melitão Vidueira, apesar da tristeza em que estava por causa de Nini, todavia não poude deixar de se encantar pelos agudos chistes em que abundou a conversa de Luiz de Lima.

Depois de haver falado de mil coisas ridiculas, falou da marqueza de Villar de quem tirou o maior partido para graccjar, tendo em vista, como se perceberá, lisongear o amor proprio de Sophia, porque sabia que para agradar ás mulheres é meio caminho andado partilhar os seus odios e antipathias.

A's trez horas da noite, Sophia de Sousa em companhia de Maria Lucia, conduzidas até ao trem por Luiz de Lima, deixou o baile sem pena, e o amor com saudade; porque ao dizer adeus ao baile teve de dizer tambem adeus á felicidade, que para ella havia morrido ahi n'essa noite!

Guilherme da Cunha desesperado e como louco retirou-se logo: mas uma voz infernal de ironia, lhe disse ao ouvido:

— Tome cuidado com Luiz de Lima; o senhor tem dois annos de Coimbra, e elle... tem o curso completo!

Era a marqueza de Villar que ia passando pelo braço de seu marido, mas que aproveitou um momento para amargurar ainda mais aquella pobre alma de creança!

.....

Correu logo no baile a noticia de que tinha havido entre os namorados *suspensão de garantias*; esta noticia sendo enfeitada á medida dos desejos de cada um, é claro que os motivos de tão inesperada circumstancia serviram de thema para mil variações. As *preciosas* discutiram então entre ironias, a audaciosa pretenção do folhetinista que se julgava com direito a ser amado sem outro titulo mais do que o talento!

— A litteratura talvez lucre com este desastre, disse uma; tenho ouvido dizer que a desgraça desenvolve o talento dos poetas!

— São como os grillos, redarguiu outra, que *quanto mais fome* teem melhor cantam!

X

O senhor advogado Affonso de Mendonça

Desde essa noite fatal para ambos, os dois amantes deixaram de se encontrar no mundo, e desappareceram para elles todas as habituaes occasiões de se avistarem. O mancebo dirigiu algumas cartas a Sophia, mas todas lhe foram devolvidas sem sequer as haver aberto. Guilherme da Cunha sepultou-se então n'uma melancholia sinistra e inevitavel Amava de mais para poder calcular e comprehender o jogo que se havia encetado. Viu apenas em tudo que lhe succedera uma leviandade de mulher, uma inconstancia de namorada, uma das mil traições que a cada passo na vida justificam o que se tem dito e escripto contra a ingratidão das mulheres.

— Quem adivinhára! disse elle a si proprio.

Phrase dos espiritos fracos que não observam nem preveem.

Tentou distrahir o seu espirito afflicto, nos divertimentos e nas intimidades sociaes; debalde!

Tudo lhe lembrava Sophia; e todavia elle fugia agora d'essa idéa com o mesmo ardor, com a mesma vehemencia com que outr'ora a procurara.

Ao principio d'essa cruel situação que a sua alma experimentou, elle havia querido por vezes, de longe e sem ser visto, procurar occasião de a vêr passar de relance na americana, de a contemplar no camarote, escondido por detraz de uma das columnas das varandas do theatro, de a vêr um instante que o certificasse de que ella vivia ainda e que não sahira de Lisboa.

Mas debalde tambem tentou conseguil-o.

Acaso ou proposito, a namorada antiga do mancebo parecia evital-o com singular empenho.

Foi triste e dolorosa a existencia de Guilherme durante esses longos dias sem sol para a sua alma.

A esterilidade de acontecimentos que durante esse periodo teve logar seria fastidiosa, se quizesse minuciosamente contar se n'este capitulo a vida de um homem que andava sempre só, que por toda a parte procurava uma mulher sem nunca a encontrar, que só se demorava nos espectaculos o tempo sufficiente de se assegurar se essa mulher ahi estava ou não, que recolhia para casa ás dez horas da noite, que não sahia de casa todo o dia, e recomeçava á noite as pesquizas da vespera!

Tal foi a vida de Guilherme desde a noite da *soirée* em casa do ministro da America, em principios de Março, até aos primeiros dias de Maio, isto

é, dois mezes depois, quando o mancebo partiu para a cidade do Porto com o fim de passar ahi um mez, e distrahir-se.

Foi causa d'esta partida para a cidade *eterna*, o ter Guilherme ido visitar um amigo, e sair de casa d'elle gravemente aborrecido. Este amigo, Affonso de Mendonça, natural de Vermelha, terra perto da de Guilherme, estava já a este tempo advogado. Guilherme procurava-o para conversar, porque como elle dizia comsigo:

— E' um moço que conhece o amor; e esta circumstancia é mais rara n'um homem do que parece á primeira vista! Hei de encontrar na amisade consolação pelo que o amor me não deu!

«Ainda bem, ao menos, que me resta um amigo! Um amigo d'infancia! Uma alma ardente, apaixonada e sincera! Um poeta!

E scismando n'isto, chegou á rua Nova do Almada onde morava o seu amigo. Depois de ir dar parte, o criado que lhe abrira a porta introduziu o n'uma ante-sala de espera, e disse-lhe que o «senhor doutor» estava escrevendo, e lhe pedia desculpa de ter que se demorar dez minutos antes de apparecer.

O mancebo parecendo-lhe muito dez minntos, escreveu com o lapis da sua carteira n'um bilhete de visita, por baixo do seu nome, — *do Carvalhal*.

E mandando o criado levar o bilhete, ficou dizendo comsigo:

— Em sabendo que sou eu, vem sem demora!

E, olhando para um relogio de parede que esta-

cionava em frente da sua cadeira, viu dez horas.

Ao bater do meio dia, claro é, duas horas depois, o advogado Affonso de Mendonça appareceu.

— Como soube que eras tu, demorei-me um pouco mais, porque a amisade prescinde das formulas estabelecidas pelo uso...

Este contra-senso de máu gosto produziu em Guilherme o effeito de o metterem n'uma sorveteira — ficou gelado.

Depois de um aperto de mão, porque nem um abraço deram, Affonso de Mendonça perguntou-lhe :

— Tens tido noticias de tua mãe ?

— Tive carta ha tres semanas.

— Vive ainda no Carvalhal?

— Ainda, replicou Guilherme despeitado, exactamente como a tua vive ainda na Vermelha !

— Coitadas ! disse o advogado: teem tomado amisade áquelles logarejos. Estás empregado ?

— Não, respondeu Guilherme.

— Deves tratar d'isso, na tua edade é preciso procurar uma posição !... E' verdade, cá tenho visto alguns folhetinzinhos (zinhos !), tenho gostado...

— Ah ! tens gostado, retorquiu o mancebo que principiava a não poder aturar o pedante que encontrava no amigo d'outr'ora, estimo bem que tenhas gostado, e vou-me embora !

— Já te vaes ! Emfim, não insto, porque os meus affazeres impedem-me de cavaquear como d'antes! Cada vez que quizeres, esta casa... Quando escreveres manda lembranças...

— A minha mãe que está no Carvalhal? disse Guilherme — E a ti peço-te o mesmo para a tua, que está na Vermelha!

Depois, quando chegou á rua, respirou, porque até então como que abafava.

— Está gordo e tolo! disse. Falou-me em tudo que poderia affligir-me! Na minha terra, em não ter emprego, em estar sem posição... e em ter escripto folhetinzinhos (zinhos)! Ah! Lisboa, Lisboa, como tudo me aborrece aqui.

Como ainda não tinha almoçado, dirigiu-se a um botequim para remediar essa falta.

E em quanto lhe preparavam a torrada, agarrou n'um jornal e distraiu-se a lêr os annuncios: leu primeiro o de um livro de Camillo Castello Branco que Guilherme considerava como a mais ardente imaginação de Portugal, e a quem de ha muito tempo desejava conhecer pessoalmente; depois deu com a vista n'estas quatro linhas:

PARA O PORTO

O VAPOR LUSITANIA

Commandante Luiz Burnay

Sáe para o Porto sabbado, 25 do corrente, ás 4 horas da tarde.

— Não faça a torrada! gritou o mancebo para o criado.

— Pão frio e manteiga?

— Nem isso! retorquiu Guilherme levantando-se; vou tirar passaporte, não tenho um instante de meu. — Parto ás quatro horas para o Porto!

XI

Ritinha

É tempo de tornarmos a encontrar a dançarina Ritinha com quem o leitor fez não agradavel conhecimento na noite de Domingo Gordo, durante a memoravel ceia em que a rapariga impacientou o barão de Sousa apaixonando-se por Luiz de Lima.

Ora! apaixonando-se!

Eis o que o leitor exclama agora, possuido de todas as idéas que tem ouvido a respeito da friesa e fingimento das dançarinas.

E tem rasão o leitor! Mas tambem eu tenho rasão, e tambem tinha rasão Ritinha, porque Ritinha era portugueza, e as dançarinas portuguezas não se parecem com nenhumas outras dançarinas, assim como as dançarinas em geral não se parecem com nenhumas outras mulheres!

Á legua percebo eu já que o leitor que se admira que Ritinha se apaixonasse, é dado a leituras de romances francezes, e vê as pessoas e as cousas pelo prisma atravez do qual Balzac e Dumas as apresentam.

Não seja assim, leitor! as Malaga, as Jenny Cadine, as Tullia, as Elodie Chardin, as Cerabine, as Josepha Mirah, todas essas mulheres de theatro das novellas que arruinam fortunas, dissipam thesouros, e são causa de mil suicidios, não sei bem se apenas existem nos romances ou se tambem Pariz as conhece na vida real; o que sei é, que das nossas mulhéres de theatro, a essas prodigas heroinas que a litteratura festeja, vae tanta differença como de uma torre a um poço!

Para que Ritinha não pareça um typo falso, e para que o leitor possa encaral-a como ella deve ser vista, é talvez util que n'um rapido esboço physiologico façamos sentir a quem nos está lendo o que são as mulheres de theatro de Lisboa.

Comecemos pela actriz.

A actriz, em Portugal, não é como a dançarina: uma ave de arribação. O publico sabe onde ella nasceu, onde se creou, e quasi adivinha onde irá parar!

E' quasi sempre filha de uma comparsa, que lhe recommenda a toda a hora que o dinheiro vale mais do que a virtude, e que, visto a associação ser o espirito deste seculo, não queira ella ser *retrograda* deixando de se *associar*.

Já lá vae o tempo em que as artistas dramati-

cas caiam do throno da scena no balcão do prostibulo. Hoje dá-se o contrario. Sáem agora de logares extremamente profanos para entrarem no templo sagrado de Thalia!

Aprendem primeiro na vida como se é actriz, e depois no theatro já nada teem que aprender para saberem *representar!*

Hoje a debutante lança as suas vistas ambiciosas para o velho tabernaculo da rua dos Condes. Ahi, um auctor de letra de mão promette protegel-a, e para principiar dá-lhe um papel para o seu debute. E' quasi sempre um papel de fidalga em que ha serias despezas de vestuario a fazer, e que, sendo a comedia de epocha contemporanea, compete á actriz vestir-se á sua custa.

As debutantes são sempre as sacrificadas a taes papeis, não só porque as actrizes não querem aceital-os, mas tambem porque as debutantes gostam mais de uma peça em que a elegancia e primor da *toilette* tenham tambem os seus recursos, e entretenham por momentos a attenção, e o espirito dos espectadores.

Certo é que estava eu dizendo que um auctor de letra de mão a soccorre com uma peça para o debute. A actriz passa as *primeiras* provas publicas (*primeiras!*) e, applaudida com fervor por uma platéa animadora das reputações ainda virgens, pede no dia seguinte á empreza um beneficio, e aceita a corte de alguns dos directores. Estes senhores são sempre excessivamente attenciosos com as debutantes, e empenham-se, não sei porq

em lhe merecerem diante de gente um sorriso, ou um aperto de mão. Antes de subir o panno vel-os-heis á roda da pobre neophita, a qual d'elles será mais insipido em elogios, e de peior gosto em offerecimentos.

A proposito de offerecimentos, uma historia que vem ao caso.

A acção teve logar no *Caes do Sodré* (foyer) de certo theatro de Lisboa.

E' difficil explicar até que ponto as nossas actrizes são destituidas de espirito e de finura. Certo é que um brasileiro cineo ou seis vezes millionario, deixara-se apaixonar por uma das nossas mais conhecidas damas de theatro: era talvez um amor perfeitamente de arte, e incitado apenas pela regularidade e correcção de formas que se observava na tal divindade. Ella era linda como uma estrella, e, diga-se assim, estupida como uma taboa!

O triste da historia é ter que lhes dizer que o brasileiro não era amado. Havia um rival preferido, rapaz de qualidades apreciaveis sobresahindo entre ellas a de não ter onde cair morto.

Uma noite representava-se, não sei que comedia em que a deusa não entrava; o brasileiro foi até ao palco admiral-a por um quarto de hora.

Estava a actriz tão linda, tão linda que o brasileiro sobresaltou-se. E apertando-lhe a mão, conduziu-a justamente á entrada do Caes do Sodré do theatro, e encostando-se ao piano, disse-lhe com voz tremula de affecto, com expressão de loucura amorosa:

«Pede o que quizeres, mas ama-ma! eu sou rico, na minha terra: Rio de Janeiro não é Lisboa; quem lá é rico, póde ser riquissimo aqui. Os lisboetas são os Lazaros, e os Jobs d'esta epocha; melhor ainda, são os gatos que lambem as espinhas do peixe que nós aqui vimos comer! Pede por boca! Sou um homem poderoso, posso dar-te tudo, entendes? tudo que tu desejes! experimenta, olha que eu não sou *di cá*: vamos, o que queres?

A actriz foi sublime de parvoice. Quiz pedir alguma coisa muito cara, rara, e quasi impossivel, mas nada viu em roda de si que custasse muito dinheiro.

Ergueu a vista, e pela janella do Caes do Sodré do theatro, só viu a amplidão de uma noite formosissima, e a lua que brilhava no horisonte prateada e magnifica.

«Ah! exclamou a actriz, como Archimedes gritou *euréka*, achei!

«O que! dize! ordenou o brasileiro todo ancho da sua importancia.

«Quero a lua! — gritou a actriz com uma expressão parva, estupida e ambiciosa.»

Terminada a historia, adiante!

A atriz consegue captivar um director, como lhes disse, e, antevendo um futuro côr de rosa, descança nos braços do amor, para acordar nos da gloria!

Todavia, cuida o leitor que bastará á actriz possuir o director que escolheu? não, mil vezes não! porque se elle lhe serve para os interesses da vida,

para os interesses do coração não póde servir-lhe.

Chega então um rapaz de vinte e tantos annos, escriptor de comedias, ou mesmo simples espectador, e a actriz que adora os cabellos loiros, ou que morre pelos castanhos, que delira perante um bigodinho que vae desenvolver-se, ou fica doida por uns olhos vivos e scintillantes, exclama uma noite em pleno camarim, como o Cesar romano exclamou um dia em pleno campo de batalha:

«Cheguei, vi e venci!»

Porque foi ella que se chegou para o *joven interessante* (estylo de actriz): foi ella quem primeiro o viu, e foi ella em fim quem no jogos do amor soube levar a palma, e vencer!

Mas o amante da actriz é a destruição da sua gloria, e até o inimigo do seu futuro. Ella vae pensar n'elle, mais do que no publico: dar-lhe mais importancia do que aos dramas originaes! cogitar mais nas representações familiares e domesticas do que nas recitas obrigadas a um publico benemerito!

E dahi a dias já ella não póde conservar bem de cór um papel!

E dahi a semanas já os conhecedores, e os criticos do jornal, dizem sentenciosamente: — a sr.ª Fulana não comprehendeu o papel!

Depois, n'uma linda madrugada, a actriz semipurificada pelo amor, apresenta-se de repente com tendencias para a economia. Apparece em trez dramas com o mesmo vestido, em sete comedias com *o mesmo* chapeu, em dois actos de baile com as

mesmas luvas brancas, e os mesmos enfeites de cabeça! o publico principia a rosnar — Fulana está-se vestindo mal!

Mas o peior da festa é que a actriz decide-se quasi sempre a ser tambem economica nos recursos da arte. Receia despertar ciumes ao seu amante representando as scenas amorosas com muito calor de paixão e olhando com ternura para o actor, a que se chama galan...

E para evitar, esse perigo, a actriz diz:

«Eu adoro-te!»

Como quem diria:

«Vou até ao Rocio!»

E ainda para evitar o mesmo escolho, a actriz quando tem que indicar o coração dizendo:

«A tua imagem está sempre aqui!» abre os braços e substitue o coração pelo tablado: aponta para o palco, para os bastidores, ás vezes até para os comparsas, ou para o lustre do theatro, mas nunca para o coração.

Oh! prodigios do amor!

A actriz, pede a verdade que o digamos, é uma creatura pacifica, e morigerada. A sua existencia não tem nada de fabulosa, nem se torna notavel pelos prestigios de uma vida prodiga, ou pelas irregularidades de caracter que são quasi sempre condição infallivel das grandes vocações.

Se a encontrardes pela rua, não observareis nella o mais leve indicio que possa revellar *uma mulher extraordinaria*, como diria um hespanhol: *uma mulher superior*, como diria um francez: finalmente

uma mulher fóra do commum, segundo a expressão mais vulgar do povo. Veste-se tão simplesmente, ou, direi melhor, tão desleixadamente, que não desperta as attenções, nem captiva quem a encontra, nem interessa a quem a vê. E' quasi sempre o typo d'uma burgueza não totalmente honesta, excepto quando só parece uma soffrivel criada de servir.

Anda só pela rua, quasi sempre a pé, e parando de vez em quando diante das vidraças dos ourives. E' esse o segredo da indole dessa casta de creaturas, o oiro! A dançarina namora durante dias um chapeu, um mantelete, um *bouquet* falso: a actriz só namora o mostrador dos ourives! Para ellas o oiro de lei, é a unica cousa verdadeira na vida. Se lhe dá alguem um annel, uma pulseira, um botão, a actriz perguntará logo:

— « Onde está a marca?»

Creaturas patriarchaes, e de solida sizudez, comem, bebem e divertem-se como as modestas burguezas do bairros onde a moda não quiz ainda penetrar.

Se não vão ás hortas como a gente de baixa esphera, vão a Carriche como a gente de *meia tigéla!* Apparecem em Cintra raras vezes na sua vida, e quando lá chegam a ir, teem mais curiosidade de comer na casa do *Victor*, do que de visitar Sitiaes! Para ellas os *comes e bebes* constituem o supremo prazer da vida.

A actriz quasi sempre sabe lêr mal, e escrever peior ainda.

Ha exemplos de actrizes de primeira ordem não

saberem lêr, e aprenderem os papeis de ouvido. A nossa mais popular, e illustre actriz, foi por esse modo que estudou o papel do seu debute.

Não acreditam na grammatica.

Para ellas, pontos e virgulas, é um luxo de ociosos: a syntaxe é um mysterio que não querem profanar: a orthographia um systema de pedantes, a que não querem sujeitar-se!

São victimas forçadas da sua propria indole; rala-as a inveja, e dilacera-as a pretenção.

A dançarina contenta se com palmas: a cantora com coroas de flores, e alguns artigos nos jornaes. A actriz não se contenta sem ter os melhores papeis, e em todas as peças!

Economicas, e morigeradas, gastam o melhor tempo da vida sem disfructarem o que teem, para accumularem lentamente uma fortuna que poucas vezes lhes serve, porque morrem antes de a aproveitar. Compram predios, teem inscripções na Junta do credito publico, e muitas vezes até emprestam dinheiro a juros!

Enthusiasmae-vos agora pelo prestigio dessas creaturas que na mesma noite são rainhas, e criadas de servir: hoje anjos, ámanhã demonios: agora Beatrizes, logo Margaridas de Borgonha! Enthusiasmae-vos agora que vol-as mostrei como ellas são quando sáem da scena, quando não teem côr no rosto, quando tiram as pulseiras de oiro falso que vos enganou, quando deixam de repetir as palavras que outros juntaram, as idéas que outros conceberam, e que vão para casa falar das companheiras,

das escripturas, dos interesses, de tudo menos da arte!

Termine-se em fim este esboço por uma verdade desagradavel: as nossas actrizes teem conseguido tudo, *menos* saber representar!

A cantora portugueza sahe dos córos de *S. Carlos*. Isto é uma sentença que, aos olhos fechados, vale bem os creditos de aphorismo.

A cantora portugueza é um ente inclassificavel, e que escapa ás observações physiologicas: para ellas a musica é um ganha pão: medem as difficuldades da arte pela carestia dos generos. Cantam de mesmo modo que as beatas fingidas resam: sem inspiração. A maior parte das vezes uma *aria* d'ellas é um perfeito jejum para o espirito, não sentem a musica, e não fazem sentir as palavras. Deploravel!

A actriz portugueza viveu por largo tempo persuadida que era uma grande cousa, e o publico persuadido que ella não prestava para nada: mas certo dia o publico observou que ainda havia cousa peior do que uma actriz portugueza, e concluio affiançando que, essa cousa ainda peior, é a cantora portugueza!

Como este paiz é pouco apreciador de quem canta... mal, a opera-comica entre nós nunca poude persistir: por isso as vocações musicaes das *primas-donnas* de Portugal costumam apenas ter mais amplo desenvolvimento em crise de revolução, ou de paz fresquinha, cantando o hymno com grande alvoroto de nacionalidade, e desafinando com

franqueza, porque n'essas noites de enthusiasmo patriotico ninguem faz ceremonia em dar uma nota por outra, e só as do banco é que ninguem acceita falsificadas!

A cantora nasce quasi sempre em casa de sua mãe, excepto, isso é raro, quando nasce em casa de seu pae. Explica-se este phenomeno pela circumstancia de quasi nunca os auctores de seus dias morarem debaixo das mesmas telhas.

Passa os primeiros annos da sua vida mediocremente, revellando imperiosa vocação para a musica, cantarolando, e até desafinando diversos trechos que apanhou de ouvido; cultivando o estudo de qualquer instrumento, conforme as forças da fortuna de seus paes lhe permittem, do que resulta uma tocar piano, em quanto outra, mais pobre, toca berimbau.

Em Portugal os paes e as mães não são amadores de musica, e ainda menos de musica em sua casa, por consequencia é raro que para aproveitarem o talento musical de uma filha, mandem a toda a pressa chamar um mestre de canto, e, por consequencia tambem, a filha vae crescendo em annos e em disposições vocaes, e ás vezes tem já trinta annos e ainda então repára que tem boa voz!

Outras, graças aos disvellos paternos que não se pouparam a sacrificios com a esperança de ganhar algum vintem com a filha fazendo-a chegar a corista em S. Carlos, ou a *prima donna* na Rua dos Condes, mandam ensinar-lhe *quantum satis* para cantarollar «*fellicitá*» n'um grande finale de alguma

velha partitura, ou para entoar um *couplet* ao publico antes do cair do panno n'alguma comedia que até o auctor tinha em tão mau conceito, que entendeu que só a pedido especial seria possivel applaudil-a!

O que póde e deve dizer-se, e até em estylo secco e conciso de aphorismo, é que a cantora portugueza sae de toda a parte, menos do conservatorio.

Era talvez agora occasião magnifica para escrever uma catilinaria de Deus nos acuda contra o nosso memoravel conservatorio: mas o que podessemos dizer a esse respeito havia de ser com seriedade, e com razão, e o publico já se habituou por tal fórma a rir-se do conservatorio, que falando nós d'elle por mais seriedade que empregassemos os leitores logo se riam!

A dançarina portugueza não tem historia.

Começou a apparecer depois da descoberta do algodão, porque vio que o algodão é tudo para a dançarina!

Sem elle as fórmas não são susceptiveis de servir de modelo, e as pobres creaturas difficilmente estarão satisfeitas de si, pela dilacerante idéa de que os espectadores podem aperceber-se de algum pequeno defeito de fórma na perna, ou no seio! Depois de Deus, quem mais contribuiu para o destino da dançarina, foi o algodão.

Deus creou a mulher, o algodão completou-a!

O progresso tem feito milagres de tal ordem, *que a* dançarina portugueza até já sympathisa com

o sacramento do matrimonio, já consente na infallibilidade das bençãos da igreja, e já consegue engordar, e ter filhos!

Oh! prodigio!

A dançarina de Lisboa é quasi sempre filha de uma mulher do theatro, não excluindo poder dar-se a circumstancia de o pae pertencer tambem a tão brilhante templo.

Em creança exercita-se nas aulas do conservatorio, que tem a particular qualidade de para nada servir, e depois na noite dos exames publicos faz duas vulgaridades da arte, que toda a gente imagina, como estender uma perna, ou dar um pulo, e poucos mezes depois faz d'anjo n'uma dança biblica, ou de pagem n'um *divertissement*. Tão novas começam a ganhar dinheiro, e tão pouco dinheiro começam a ganhar, que isto serve-lhes de uma especie de aviso, de que não ha de ser só pela dança que a sua fortuna se tornará esplendida. N'esta crise exclama a mãe «tomara-a eu já com doze annos!»

Esta phrase marca o destino da dançarina. Destino triste para a sua velhice, para a sua saude, e para o seu coração!

A dançarina aos treze annos acha-se vendida a um homem que não ama, e que lhe arranca, comprando-a, o viço da sua juventude, e o fulgor da sua vida! De ordinario a mãe vende-a a algum inglez que frequente o *palco*; apreciador das artes em geral, e da arte da dança *em particular*. A pobre rapariga é sacrificada aos calculos especulati-

vos de uma mãe asquerosa, e tomando de repente uma decisão heroica, vinga-se da mãe e do destino, prejudicando por travessuras amorosas, a airosidade da cabeça do seu possuidor.

O escolhido para perturbador da felicidade do proprietario, é quasi sempre um rapaz de vinte annos que tenha influencia n'alguma cousa de que dependem os destinos da dançarina, na platéa, ou na imprensa.

Ha de ser um ente temido, pela saliencia ruidosa em que exercita os tacões das suas botinhas, ou pela severidade das suas criticas jornalisticas, que o constituam aos olhos da gente de theatro um inimigo perigoso. Ha de gosar das prerogativas de valente, ou dos brilhantes foros de homem de talento: ou *dilletanti* ou escriptor: ou ha de ter penna, ou chicote!

Commettida a primeira infidelidade, á dançarina habitua-se ao sabor do pomo prohibido, e arremeça-se de corpo e alma á carreira dos amores diversos. Hoje é d'um ministro que aprecia os encantos do *tacté*, e perscruta os segredos do *balloné;* um mez depois tem um amante que se faz amar por seus *dotes naturaes*, e gasta com elle em *Champagne*, que lhe offerece ás sobremesas de jantares elegantes, o dinheiro que adquiriu com o ministro, que a deixou.

E' uma vida esplendida de aventuras, e de amores.

A doidice e a prodigalidade constituem os elementos principaes da historia da dançarina. Em

quanto ao mais são sempre as melhores almas d'este mundo, francas, generosas, e apaixonadas mesmo. Custa-lhes mais pedir uma pulseira valiosa ao conde do que vendel-a para dar um presente a Augusto. Ninguem é tão capaz como ellas de arruinar um homem rico: ninguem é mais capaz do que ellas de se sacrificar por um amante pobre.

Clara perde um partido vantajoso por não ter alma de abandonar o seu *escolhido*. Emilia quebra uma escriptura para fazer a vontade ao seu amante. Caractéres sympathicos, fadadas para a ventura dos rapazes, e para a prosperidade das modistas!

E' feliz em quanto está na moda. Felicidade de momento, que o mais leve capricho de um adorador despeitado, ou a mais terminante insinuação de uma rival invejosa póde destruir e matar!

Depois, vive nas alternativas do acaso. Hoje tem palmas, julga-se feliz. A'manhã pateiam-n'a, e quer deitar-se da janella abaixo! Isto dura até aos vinte e oito annos. Aos trinta annos já não ha dançarina possivel, excepto aquella que ainda o poderá ser aos quarenta. E' a historia da Mabille.

O amante da dançarina é sempre o principal motor do seu destino: ou a illustra, ou perde-a. Alguns querem antes perdel-as no conceito publico, do que illustral as: teem assim maior certesa de que não hão de abandonal-os!

O amante da dançarina que a illustra, é quasi sempre um homem de mundo, que tem caleche, assignatura na superior; visita sempre alguns camarotes, mas não vai nunca para a frisa dos rapa-

zes, e pouco tempo se demora no palco. Gasta com ella em vestidos, em pulseiras, em *pantalonas* de seda, em enfeites, e n'um *coupé* effectivo, cincoenta libras mensalmente.

O amante da dançarina que a perde, é de ordinario um rapaz de quem ella gosta, que não tem eira nem beira, mas que se tornou influente em questões de theatro.

Está quasi sempre no palco, não desampára um ensaio, e quando vai ser espectador, o seu logar é sempre nos primeiros bancos de entrada da *geral*, ou n'uma frisa de bocca, que alguns amigos teem d'assignatura. Pede palmas para a sua bella, e affiança que ella é a mais ligeira das sylphides, e que faz inveja aos *gnomos*. Ralha com ella diante de gente, para se fazer admirar e se ella alguma vez apparece com uma nodoa roxa n'uma face, não falta quem diga que foi resultado d'uma inspiração bellica que este ente executou na cara da sua deidade! Em quanto uma se eleva pela fortuna de um dissipador, a outra infelicita-se gastando até ao ultimo real do seu ordenado para poder apresentar-se.

Uma recebe pulseiras do seu amante, a outra dá-lhe ás vezes os anneis que elle lhe gaba.

A primeira, quando se retira do theatro por velha, ou cançada, ou por já não precisar d'elle, vive ainda no mesmo esplendor, e morre feliz como viveu. A outra, quando o publico se enfastia d'ella, mendiga escripturas, e vê fugirem-lhe os sorrisos dos empresarios, e fecharem-se-lhe as portas dos theatros, que d'antes a ambicionavam.

Umas veem-se reduzidas então a fazerem parte das *segundas* do corpo de baile ; outras acabam de perder-se.

Eis em resumo a historia da dançarina de Lisboa. Ellas seriam sempre mais felizes, se podessem passar sem ter tido mãe Infelizmente a natureza oppõe-se a este prodigio !

Terminados estes esboços phisiologicos das mulheres de theatro, prosigamos a nossa historia

A aventura da ceia de Domingo gordo e a paixão *á queima-roupa* com que Ritinha assaltou o medico, deu-lhe a elle tão pouco que scismar, que de certo no dia seguinte haveria esquecido que ella lhe déra *rendez-vous* para o ensaio da manhan, se não acontecesse passar uma carruagem conduzindo uma linda menina cuja phisionomia não pareceu estranha ao medico, na occasião em que Luiz de Lima estacionava á porta do Centro Commercial. A carruagem cortou pela rua do Oiteiro e seguio com muita velocidade.

— Quem será esta bonita menina que passou n'essa carruagem ? perguntou o medico a um amigo com quem estava cavaqueando.

— E' a *pequenita* do barão de Sousa, a Ritinha de S. Carlos !

— Ah ! disse o medico recordando-se do *rendez-vous*, pois é ella ! bem me pareceu conhecel-a !

E dirigiu-se ao theatro.

N'esse tempo a entrada no palco de São Carlos facultava-se a toda a gente. Era o bem parado de todo o rapaz que não tinha em que entreter uma

manhan. Conversava-se com as dançarinas, fumava-se com os cantores, ameaçava-se o empresario, e o certo é que — de tudo o que se fazia menos, era ensaiar!

O governo, ao tomar a empresa, deu outra face á medalha, e se até então havia entrado toda a gente, de então para cá ninguem mais entrou!

Luiz de Lima appareceu no palco, e d'alli a um instante Ritinha estava a seu lado conversando com muita vivacidade e ardor, o que equivale a dizer que cinco minutos depois já toda a gente do theatro sabia que o medico tinha apparecido no ensaio por causa de Ritinha.

Conversaram por muito tempo, passeando por uma das *coxias* do palco, e é natural que dissessem algumas amabilidades das que se dizem entre bastidores, decentes sim, mas positivas — onde e quando? — por exemplo.

Luiz de Lima instou muito para que a dançarina lhe explicasse a que devia elle a fortuna de lhe haver agradado: mas Ritinha encolheu os hombros, e respondeu com um lindo gesto de ingenuidade:

— Isso não sei!

Houve juramentos e promessas como sempre ha durante os ensaios. E depois de dizerem mil coisas agradaveis um ao outro, prometteu Ritinha receber o medico essa noite depois do theatro, porque o barão tencionava ir para Cintra; e Luiz de Lima beijou galantemente a linda mão da dançarina, todo ancho da sua primeira conquista de bastidor!

A' noite, depois da dança, esperou-a junto da

chamada porta do Picadeiro: algumas dançarinas que sahiram primeiro do que Ritinha observaram logo o vulto que alli estacionava e reconheceram o medico.

— E' o d'esta manhan! disse uma,

— Acabaram-se-lhe as virtudes! redarguiu outra. Tanta impostura de se comportar bem, para ceder de repente!

— Quem sabe as condições! exclamou aquella; elle tem nariz de quem tem dinheiro!

N'esta occasião a Ritinha appareceu com a cara meia encoberta por uma manta, não olhou sequer para o sitio onde Luiz de Lima a esperava, e entrou para a carruagem que todas as noites a conduzia.

As dançarinas a quem esta estrategia enganou disseram então entre si:

— Doida seria ella se quizesse perder o barão, por alguns amores sem resultado! Este *melro* veio rondar, mas tem que se ir embora levando apenas o frio que apanhou!

Um instante depois, um pequenito, um d'esses gaiatos de que o palco de S. Carlos tem ainda maior numero do que de bastidores, veio surrateiramente encostado á parede e disse ao medico, que olháva pasmado a carruagem da dançarina desapparecendo a seus olhos:

— Diz a menina Ritinha que vá o senhor lá a casa porque o senhor barão quiz por força que viesse a carruagem buscal-a!

Luiz de Lima, que ignorava completamente a

vida de bastidores, desconfiava de tudo e exigiu do gaiato que elle o acompanhasse; mas a resolução com que o pequeno se prestou a isso, desvaneceu-lhe toda a idéa de desconfiança, e obedeceu ao que se lhe ordenava da parte da *menina Ritinha.*

A dançarina esperava-o effectivamente e logo que ouvio passos na escada, veio ella propria introduzil-o.

Pela meiguice, pela ternura seductora com que o tratou, Luiz de Lima disse comsigo:

— Porque embirraria esta pequena commigo, se devéras não finge nas mil pieguices d'amor que está pondo em pratica?

A rapariga não tirava os olhos d'elle, ora o abraçava, ora lhe beijava as mãos, as faces, os olhos... Era o amor em toda a furia indomavel!

— Quem era ultimamente o teu amante? perguntou-lhe Luiz de Lima.

— Eu nunca amei ninguem, e nunca fui amada, disse a dançarina. Teem-me desejado por capricho, por amor proprio, por devaneio, nunca por amor! Entrego te um coração que pela primeira vez se incendeia, e que na edade dos caprichos e dos amores, tem passado adormecido sobre os amores e os caprichos! Este coração de uma pobre rapariga que te não póde dar nem mesmo a felicidade do amor, porque nem te leva a gloria nem te lisongeia a vaidade, duas coisas de que o amor vive tanto! este coração que acorda aos desoito annos impressionado pelo ecco das tuas idéas, e commovido *pelo som da tua* voz, este coração pede-te pouco:

pede-te uma palavra d'amor e um olhar de ternura, da ternura dos amantes que vive da poesia de um affecto, e não da prosa interesseira de um sentimento que degrada a mulher a quem apenas se deseja e a quem não se ama!

Luiz de Lima principiou a conhecer que se havia enganado com Ritinha; ainda assim uma idéa cruel veio desvanecer essa impressão: — haverá calculo n'esta ingenuidade de bastidor?

Mas a voz de Ritinha tinha um não sei de argentino que parecia a voz pura e serena que deve ter uma mulher que não mente. Depois, n'aquella edade representar já com tanta aptidão! — Não devia ella ser discipula de Antonio Cypriano? — Mas, que fito podia condusil-a a intentar o assalto a um tão inutil reducto! Toda a gente conhece a minha fortuna! E d'ahi...

Mil idéas desencontradas lhe enlearam o espirito.

Mas a bellesa é um dote fatal, porque todo o homem que é um pouco artista pela intelligencia ou pelo coração seduz-se pela belleza exterior. E Ritinha era uma phisionomia admiravel, para quem adora a mulher loira, alva e rosada. Um poeta achal-a-hia vulgar e insignificante, mas para os que vivem mais pela cabeça do que pelo coração, a dançarina realisava o typo da phisionomia angelica!

O medico contemplou-a como encantado, mas emprehendeu ajuisar da sinceridade d'aquelle sentimento, ou da astucia d'aquelle engano. Com voz glacial e expressão regrada e serena, disse-lhe então:

— Amedronta-me a idéa de que posso ir quebrar a sua felicidade de toda a vida, por um devaneio de que depois póde arrepender-se quando mesmo elle constitua a sua felicidade de alguns momentos. O barão se um dia suspeita ou lhe consta que lhe é infiel, de certo a abandona ao homem com quem o atraiçoou Esse homem, não posso sêr eu! Sem fortuna, e até já sem a resolução e a força que as edades verdes só possuem para emprehender obtel-a, eu poderia apenas constituir com semelhante passo um dissabor para a minha consciencia e uma desgraça para o seu futuro! E' realmente de muito máu tom um homem suscitar difficuldades quando uma mulher as não distingue, mas se os desoito annos são tão cegos como o amor, os trinta têm tanta vista como a experiencia!

A rapariga interpretou como impulso de generosidade d'alma, o que os labios frios do medico proferiram para a experimentar. — Depois do que acabo de lhe diser, ponderou Lima de si para si, nenhuma phisionomia de mulher deixa de revelar a idéa que a domina. Ou me julgava rico e vae desistir, ou anda n'isto algum plano, e no pretexto de que vae servir-se para teimar, adivinharei talvez...

Mas a rapariga ficou calada, e um instante depois rebentaram-lhe d'aquelles olhos azues e vivos lagrimas espontaneas e sinceras que os tornaram tristes e melancholicos.

Luiz de Lima esperava tudo menos lagrimas, e todavia era o pranto a mais eloquente resposta que *elle poderia antever*!

— Sabes o que é uma mulher perdida? Um ente odioso a quem se acaricia agora n'um instante de esquecimento, e a quem logo se repulsa quando volta a lembrança do que ella é!

«E todavia se tu soubesses o que soffri!

«Hão de ter-te dito que uma mulher perdida não tem consciencia nem é susceptivel de amar, não é assim?

«Pois adoramos! No centro da vergonha somos ás vezes grandes: na fealdade do vicio somos ás vezes bellas!

A rapariga fez uma pausa, pareceu reunir todas as suas recordações, depois continuou:

«Fiquei sem pae muito nova. Nem me lembro d'elle! Sei apenas que era muito meu amigo, que brincava muito commigo, que gostava de me vêr dançar, por que eu em pequenina tinha muito gosto pela dança, e d'essa triste vocação nasce talvez a minha desgraça!

«Os primeiros annos da minha vida foram tristes como uma noite escura. Nem quero lembrar-me, nem falar d'elles nunca mais! Minha mãe tinha alcançado que eu entrasse para o conservatorio, e quando tinha doze annos dancei pela primeira vez n'um theatro!

«Eu tinha medo do theatro! disse a rapariga com um olhar flammejante. Medo como d'um inimigo, medo como da desgraça!

«Mas minha mãe teimava, e dizia-me que se eu não fosse para o theatro havia de ter fome outra vez... Porque eu tive fome ainda antes dos doze annos!

«Oh! exclamou Ritinha estremecendo como se essa lembrança agitasse ainda todas as cordas da sua alma: A idéa da fome amedrontou-me! Lisboa tem noites de frio e de chuva que enlutam a alma, e eu tinha conhecido essas noites, porque andara pela rua com minha mãe a apanhar a chuva e o frio!

— Basta! exclamou Luiz de Lima commovido. Pobre creança, comprehendo agora qual foi o teu passado! Esquece para sempre essa epocha; não vale a pena guardar lembrança senão dos periodos bons da vida!

E' talvez verdade! disse ella; mas a recordação d'esses dias sem luz para a minha alma, ainda ás vezes se apodéra invencivelmente do meu espirito!

«Conheço que não nasci para a vida que me prepararam. No theatro julgam-me uma alma secca e fria: accusam-me talvez de dissipar a fortuna do homem que me protege... Mas Deus sabe bem que por mil vezes tenho querido desligar-me de um jugo que me é insuportavel, e que a mão d'esse homem me ha sempre sustido no momento de o querer evitar!

— Não o amaste nunca? perguntou Luiz de Lima.

— Nunca amei ninguem, senão agora! respondeu a rapariga com um olhar sublime.

— Quem te obrigou então...

Ritinha hesitou em responder.

— Um capricho talvez! continuou o medico; o desejo de apparecer e de ser vista?

A dançarina soltou um suspiro que parecia vir do intimo d'alma.

O medico proseguiu:

— A vaidade, de certo! A vingança que as raparigas, que se encontram na vida orfans e desamparadas, querem tirar do mundo pela prodigalidade e pelo triumfo!

— Não! disse Ritinha tristemente; nada d'isso me levou a perder-me!

— O que, então?

— Foi minha mãe que me obrigou! respondeu a rapariga entre lagrimas.

E a dôr que acompanhava a expressão d'essa phrase, não podia deixar de ser verdadeira e sincera.

— Vendida! disse Luiz de Lima conhecidamente sensibilisado. E o miseravel foi...

— O barão, respondeu Ritinha. Encontrei me aos quatorze annos sacrificada a um homem a quem eu nem conhecia nem amava. Um homem que apenas me tinha visto de longe, que me olhára da platéa e que depois... me comprou!

— Não quero saber mais, acudiu o medico; serias a melhor actriz d'este seculo se o que tens dito não fosse verdade! Creio-te e estimo-te.

Ritinha beijou entre soluços a mão que Luiz de Lima lhe estendeu.

— Dá-me um beijo, Ritinha! E' grande o teu poder, e o encanto da tua voz, porque conseguiste acordar uma alma que eu julgava para sempre adormecida! Não sei se te amo já, mas sei que já me interessas, e que nenhuma mulher desde a primeira que amei, e unica! conseguiu ainda que eu sentisse o que experimento agora por ti!

«Todavia, a tua franqueza exige lealdade da minha parte, e quero ser franco tambem para comtigo, Ritinha. Já não estou na edade dos amores excentricos, nem de aventuras que só a mocidade aprecia; posso amar-te, mas não te posso ser util na vida!

A rapariga encolheu os hombros com um gesto de impaciencia e de melancholia:

— Tambem tu me falas de interesse! disse ella.

— Não, proseguiu o medico, mas tenho que te revelar uma noticia, e essa noticia póde desgostar-te. Vou casar!

— Por amor? perguntou a dançarina.

— E se não for por amor...

— Senão for por amor... perdôo-te!

Luiz de Lima devorou-a com um olhar já incendiado pelos desejos, e collocou os seus labios tremulos e febris nos labios rosados de Ritinha.

Viveram desde esse dia na mais despreoccupada e suave harmonia d'este mundo. O barão ignorou tudo, e a rapariga principiou então a saber o que era a felicidade!

Quem visse tambem o medico, e observasse com que ardor, com que enthusiasmo cogitava sempre na dançarina, desconhecel-o-hia. O homem frio, calculista e sceptico, achou encanto nas sensações desconhecidas para elle, que a mulher de theatro lhe fez experimentar. Elle não conhecia ainda os amores d'aquelle genero, e, como lhe havia dito José d'Athayde, as fidalgas amam de uma maneira *e as mulheres* de theatro de outra!

Eram para a sua alma completas novidades, as sensações que o accommettiam quando Ritinha dançava, o desejo de que fosse applaudida e festejada, de ver a sala assestar os oculos quando ella apparecia, os homens devorarem-n'a com a vista, as senhoras desdenharem d'ella devoradas de inveja e despeito!

Quasi seis mezes depois, e sem que um só dia se pudesse ter conhecido na frieza de algum d'elles que o tempo havia passado por esses amores, Ritinha perguntou a Luiz entre dois beijos:

— E' verdade, meu amor, sempre te casas?

— De hoje a quinze dias, respondeu o medico.

— Ah! ah! exclamou a rapariga que não esperava tanta brevidade; pelo que vejo tem corrido tudo bem?

— O marquez de Villar e a marqueza disseram positivamente ao pae que exigiam este casamento.

— E a pequena?

— Não se lhe dá, creio eu. Supponho-a enfastiada da vida de solteira, e como nenhum de nós é amado, ella conta de certo com a liberdade de ambos!

— E o pae é bem rico?

— Que fortuna suppões ao teu velho?

A dançarina chamava ao barão *o seu velho*.

— Eu sei! é pôdre de rico.

— O pae da minha noiva tem tanto como elle.

— Caspite! has de ter tido difficuldades!

— Immensas, elle demais a mais antipathisa commigo desde certa noite...

— Tambem o meu velho! disse Ritinha.

— Tambem o teu velho, é verdade! repetiu o medico sorrindo-se.

— E é ainda moço, o tyranno do pae?

— Tem a mesma edade exactamente do barão!

— Que de coincidencias! exclamou a rapariga. E é fidalgo?

— Conheces-lhe ainda melhor o titulo do que eu! Adivinha?

— Eu sei cá!

— E' o barão de Sousa!

A rapariga julgou cair das nuvens.

— Estás brincando!

— Dou a minha palavra de honra.

A rapariga soltou uma gargalhada, e atirou-se ao pescoço do amante.

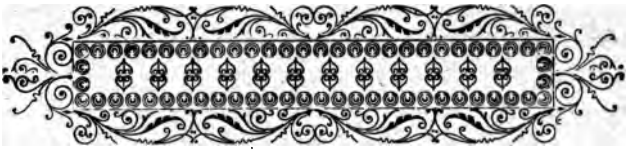
— Pobre sogro! D'ora em diante eu é que hei de governar a tua casa, sim?

— Tudo que tu quizeres.

— O que eu mandar é que se ha de fazer, e tua mulher ha de sair quando eu dér licença, sim?

E a rapariga rompeu em gargalhadas, e começou a dar pulos como uma creança a quem se mostra um bonito!

Porque Ritinha era uma d'estas mulheres que nem tém bom nem mau caracter; gostava muito de fazer bem, e gostava ás vezes de fazer mal; capaz de um sacrificio, mas muito capaz de sacrificar! Uma creança!



XII

Por falar se lucra

— «Quem é este moço que parece tão melancholico, e a quem tenho observado toda a noite, a ponto de poder affirmar-lhe que ainda não lhe vi um sorriso nem um olhar de curiosidade?»

Esta pergunta foi dirigida, no meio d'um baile, por uma das mais elegantes senhoras da sociedade lisbonense, a condessa de Castello Branco, a Ernesto Braga, um dos muitos da sua *cóterie*, que por felicidade estava toda agrupada em torno d'ella n'essa occasião, e que se compunha de capacidades e illustrações taes como Estevão de Mello, Victor Marrocos, José d'Athayde, Claudio Gama, o marquez de Villar, e outros ainda de menor nomeada.

— Ah! este moço, respondeu Ernesto Braga, dramaturgo pretencioso, que dava certo tom ás phrases e certa musica ás palavras: este moço ha dois

mezes que está fóra de Lisboa! chegou hontem do Porto, creio eu. E' um folhetinista pouco conhecido, que ainda não firmou o seu nome por nenhuma obra de vulto, por um drama... Chama-se Guilherme da Cunha.

— Elle tem já escripto em politica? perguntou o marquez de Villar, que ia fundar um jornal, e que andava á pesca de um redactor novo, e que ainda não estivesse... *conhecido!*

— Não! Tem feito folhetins; respondeu o dramaturgo. Já o tenho aconselhado a que tente algum trabalho importante, que se dedique ao theatro... que medite bem uma obra dramatica...

— Não é este o que namorava a Sousa? perguntou uma das senhoras do grupo a uma velha fidalga, indicando-lhe Guilherme.

— Creio que sim: é pelo menos exacto o retrato que me fizeram d'elle: trigueiro, pallido, bonitos olhos, certa tristesa affectada...

— Perdão, minha querida, disse lhe a condessa, n'aquella tristesa não ha affectação! Gostaria de o ouvir falar; conhece-o, sr. José d'Athayde?

— Magnificamente, respondeu o noticiarista. E se a condessa quer apreciar o caracter excentrico de que é dotado, será preciso que o incitemos a que elle tome calor n'uma discussão qualquer.

— Tem talento? perguntou a condessa.

— Mais do que qualquer de nós, respondeu Victor Marrocos.

— E' obrigal-o a muito, retorquio uma das damas. *Emfim,* dirijam-lhe a palavra, oiçamol-o!

E essas boas *bas-bleu* disposeram-se a escutar Guilherme, com a mesma curiosidade com que desejariam ouvir uma *scena-comica* no Gymnasio.

— Estás d'uma tristesa infinita, Guilherme! disse-lhe o noticiarista. Dar-te-has á alchymia, ou cahirias na semsaboria de te apaixonares?

Esta pergunta acordou o folhetinista do torpor e atonia em que se achava. Mas a interpellação era tão pouco parlamentar, que elle respondeu com a gravidade com que Cesar deveria ter dito o — *tu quoque Brute* — ao republicano que o apunhalava:

— Nem busco o elixir da vida, nem estou apaixonado!

— Tenta talvez suicidar-se? perguntou-lhe Victor Marrocos.

— Não vale a pena, respondeu o mancebo. Os Werthers passaram de moda.

«Agora suicida-se apenas algum chefe de familia que se vê a braços com a miseria, sem poder salvar a esposa e os filhos. Os bancarroteiros e os Antonys já não se matam!

— Fazem-se agiotas? perguntou José d'Athayde: são capazes d'isso!

— Entregam-se ao acaso ou á fatalidade, divindades mysteriosas que servem como os proverbios, para se ageitarem a todas as situações da vida, para consolarem toda a especie de soffrimentos, e não sei se para contentarem todos os graus do orgulho do homem.

— Alguma decepção d'amor mergulhou-o na me-

ditação, meu pobre philosopho! disse Estevão de Mello.

—Já tenho typo para o heroe do meu drama! exclamou Ernesto Braga que falava aos outros, a proposito de qualquer coisa, de uma composição dramatica que tinha na forja.

—Julgas vêr em mim um personagem curioso para fechar alguma scena que a tua imaginação proverbialmente rebelde se recusa a fornecer-te?

«Pois, meu charo, não são os dramas que pintam a sociedade: a sociedade lisbonense é que tenta copiar os personagens dos dramas!

«Em quanto os poetas sobem o Synai para ouvir a palavra de Deus, ficamos nós, mesquinhos idolatras, a incensar o bezerro de oiro.

«O sancto sepulcro da geração moderna existe na nova Australia, e adora-se tambem na Bahia de São Francisco!

«A fé, matou-a o capital. Os sentimentos, esterilisou-os o rigor da sciencia. A industria fez morrer o coração.

—Já sei a que te destinas! meu ascetico cenobita! disse Estevão de Mello. Fizeste-te humanitario!

«Lançaste-me um trecho que faria honra a Pierre Leroux ou ao proprio Fourier!

«E's o Nicolau Flamel d'este seculo! Buscas o grande problema da nova alchymia nos programmas indigestos da eschola socialista!

—Socialista! exclamou Guilherme da Cunha, mas quem são os socialistas?

«Socialista foi Alexandre quando conquistou a India, Cesar quando esmagou a republica, Christo a morrer no Golgotha ás mãos dos barões e viscondes da Palestina!

— Essa tua pretenciosa erudição aos vinte e dois annos, faz-te perder o senso *commum*, que é o senso mais *raro* que se conhece! disse José d'Athayde. Pois na Palestina havia viscondes e barões?!

— Havia, replicou o mancebo, assim como hoje ha scribas e phariseus!

A replica scintilante de Guilherme valeu lhe um bom numero de sorrisos, e correu de ouvido a ouvido o segredinho habitual dos bailes, dito, já se entende, a meia voz para poderem todos ouvir. — E' um interessante moço!

— Com que, disse o marquez de Villar encantado de ouvir Guilherme, e querendo continuar a conversa: na opinião do meu amigo, socialistas...

— Foram Attila, Cromwel, Richelieu, Luiz XIV, Robespierre, Napoleão, e Luiz Filippe.

«Dir-lhe-hei tambem que para mim, socialista é um termo vago, indefinido, inclassificavel! Exprime a associação nascida quer da theocracia quer da oligarchia, quer do phalansterio!

— Como suppõe então, perguntou-lhe o marquez de Villar, sêr possivel regenerar a humanidade?

— Mas quem fala a v. ex.ª em regenerar a humanidade?

«Os homens são sempre os mesmos, as idéas é que variam! Os seculos são para a vida das nações o que os annos são para a vida dos individuos!

— Uma palavra em particular, disse-lhe o marquez tomando o de parte no momento em que uma leve pausa do mancebo o favoreceu para poder interrompel-o.

Guilherme da Cunha deixou-se conduzir até junto de uma janella onde ninguem podia ouvir o que se dissesse, e escutou do marquez estas palavras simples e incisivas, ditas n'um tom de mysterio que maior importancia lhe dava:

— Quer encetar a sua carreira politica?

O mancebo não respondeu logo, e olhou o seu interlocutor com a expressão de um homem que não comprehende bem o que se lhe perguntou. Villar proseguiu:

— Está moço e tem talento. Não o lisongeio; comprehendo-o e adivinho-o. Conhecia-o de nome, mas esta noite ministrou-me o prazer de o avaliar.

«E' um espirito ardente e perspicaz, a que só falta uma occasião, uma circumstancia para o fazer valer e sobresair.

«Deixe que seja eu o incumbido de lhe facultar essa circumstancia e essa occasião. Não tem côr ainda na politica, nem o seu nome se acha por em quanto ligado a uma idéa ou a uma causa.

«Vou fundar um jornal, e offereço-lhe as columnas d'elle para campo das suas estreias.

«Pelo folhetim não poderá nunca fazer carreira, porque o folhetim como elle se usa em Lisboa, só pode ser util a uma actriz ou a uma cantora, mas nunca terá importancia para o governo ou para o *ministerio*.

Tente um caminho. Para quem nunca escolheu, está sempre a tempo de preferir. Quer ligar-se ao nosso partido e tornar-se o sustentaculo da nossa causa?

«Tudo se encaminha a que triumfemos, e um jornal póde salvar-nos. E' nos preciso um talento viçoso e emprehendedor!

«Um jornalista gasto e usado já nada conseguirá dos animos; mais facilmente deslumbrará o ardor de uma phrase vigorosa, e o prestigio de um nome novo n'estas lides.

«Tem tudo a ganhar. A perder o que?

Guilherme da Cunha, sentio que durante as palavras do Villar, as scentelhas da ambição tinham vindo esplendidas e fulgurantes abrazar-lhe a imaginação e a alma.

Redactor politico! Esta idéa appareceu-lhe acompanhada de mil probabilidades seductoras; um assento no parlamento, e um dia talvez, porque não? a gloria, a popularidade, a celebridade!

O marquez continuou sem lhe deixar quasi possibilidade de hesitar:

— Melitão Vidueira, que será o editor responsavel do jornal, da hoje uma ceia, a que devemos ir, depois do baile, Victor Marrocos e eu: acceite uma parte na redacção, e venha esta noite mesmo cear comnosco.

«Poderá já baptisar-se o jornal, e estabelecerem-se as condições: com Melitão Vidueira poderá tratar magnificamente, além de editor, elle encarrega-se por emquanto de ser o gerente dos interes-

ses da folha; não poderiamos encontrar melhor!

«Conhece-o? E' o typo do homem de dinheiro; não fale em agiotas diante d'elle! acrescentou o marquez a rir.

Depois, fez uma breve pausa, fitou a vista em Guilherme, estendeu-lhe a mão com firmeza, e perguntou-lhe apenas:

— Quer ter futuro?

— E quem me diz que a politica, longe de me salvar e engrandecer, não vá aniquilar-me e perder-me? Falta-me a força, a situação, a celebridade que auxilia os homens publicos, que quasi sempre fundam a sua grandesa, menos nas suas virtudes, do que na derrota dos seus collegas e na destruição da igualdade. E' difficil ganhar nome por meio da politica em tempos de paz, senhor marquez, e os poucos homens publicos notaveis que Portugal possue n'esta época, nasceram mais de uma crise que lhe deu impulso, do que do impulso que dessem a uma crise! A nossa terra perdeu o amor ás revoluções, e só uma revolução poderia ganhar me terreno!

— Não se costume a esperar do accaso, mas da sua energia e do seu talento, e encontrará no seu genio mais recursos, do que pode encontrar de obstaculos aos seus designios, sobretudo se os seus recursos forem tão promptos quanto os obstaculos possam ser imprevistos! Um dia, dominará da tribuna os que nem sequer fariam reparo no seu nome se continuasse a escrever folhetins!

«*E é tão facil* a um talento, em Portugal, popu-

larisar-se logo que entre nas camaras! A opposição é o melhor dos systemas, a opposição ao bom e ao máu, a opposição a tudo e a todos: o nosso povo gosta de vêr calumniar os que melhor o servem, se a accusação fôr feita com energia e como inspirada pela dignidade e pela justiça!

O mancebo ponderou um momento, depois como por uma subita resolução, respondeu rapidamente:

— Vamos!

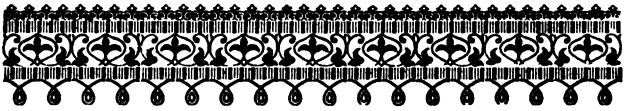
O marquez e Guilherme chegaram de novo até ao grupo, e o Villar disse a Victor Marrocos:

— É meia noite, Marrocos: acha que são horas?

Os dois homens politicos e o neophito partiram juntos na carruagem do marquez.

Ao chegarem a casa de Melitão Vidueira, Villar disse para os trinta homens que ahi se achavam reunidos e que eram accionistas da folha que se preparava, indicando Victor Marrocos e Guilherme da Cunha:

— Tenho a honra de lhes apresentar os dois redactores do jornal villarista!



XIII

Peripecia

Na salla de Melitão Vidueira encontravam-se como acabamos de dizer trinta accionistas do jornal que queriam fundar, todos homens de partido, todos ligados á causa que protegiam por instinctos de alma uns, por interesses outros, ou talvez quasi todos.

Melitão Vidueira era o typo do agiota moderno, o agiota do seculo desenove, de assignatura em S. Carlos, de camarote effectivo nos touros, de carruagem para ir depennar um desgraçado, com charutos magnificos sempre, dos quaes offerecia um ás victimas com o ar de um amigo que quer ver o seu proximo feliz e distrahido.

Era o agiota que convém á epocha dos caminhos de ferro!

Dava um baile de tempos a tempos, e um jantar

diplomatico ainda mais a miudo. Applaudia no theatro as peças em que se ridicularisam os agiotas, e era o primeiro a largar uma gargalhada quando os via em scena.

— Pobres diabos! dizia referindo-se aos collegas, elles é que são as victimas e o publico chama-lhes ladrões! Qual será o burlão - o empregado publico que passa recibos a trez e a quatro para o mesmo mez, ou o que lhe desconta um de boa fé? Qual é o velhaco e o agiota?

Para não deslocar descripções que melhor convém n'outro capitulo, não nos deteremos n'este sobre a pessoa de Melitão Vidueira que o leitor aliás ha de conhecer largamente no segundo volume. Por agora, em phrase de salla, só — «tomámos a honra de lh'o apresentar.

Antes da ceia, os accionistas do jornal julgaram prudente conversar com Guilherme e apalpal-o moralmente: encontraram n'elle, o que o mancebo era deveras: um espirito ardente e enthusiastico, febril e excentrico.

Melitão Vidueira disse então ao ouvido do marquez:

— Será melhor nos primeiros numeros guardar-se o anonymo. Ninguem lhe conhece o estylo e a imprensa ha de scismar.

— Concordo, replicou o Villar. Terá mais talento, como quasi toda a gente aliás, antes de ser conhecido pessoalmente!

E accrescentou em voz alta:

— *Julgo bom* não assignar os artigos; é um

uso que individualisa muito a côr das opiniões. O jornal tem uma só voz, escusa saber-se quem empunha a tuba! Será bom até guardar um decidido segredo sobre os nomes dos redactores. E' o melhor modo de evitar com as outras folhas as polemicas pessoaes. Victor Marrocos, e o sr. Guilherme da Cunha hão de *fundear* alternadamente, excepto quando por qualquer motivo, queira um tratar alguma questão n'um dia apesar de haver escripto na vespera.

«Em logar de folhetim será talvez de maior utilidade um noticiario abundante e espirituoso. Estamos na epocha das noticias diversas. Toda a gente gosta de saber em que rua quebrou uma perna o sr. fulano. Embora se minta: quando não houver que contar, invente-se! E' a regra. Todos os meios são bons comtanto que o jornal não appareça sem dar sempre a entender que nunca deixa de estar bem informado.

«Será bom, tambem, ir mettendo os ministros nas noticias diversas, porque ainda nenhum se lembrou de o fazer!

«Quanto á tradução das noticias estrangeiras o sr. José Lucio Ramalho (indicou um dos accionistas) já concordou com o nosso amigo Melitão de encarregar-se d'esse trabalho.

«Como o sr. Guilherme da Cunha fica de ora em deante, segundo eu espero, fazendo-me a honra de acceitar a minha amisade, é de crer que não se recuse a apparecer a miudo em minha casa logo que o jornal comece, porque entre nós e Marro-

cos combinaremos o espirito do artigo de fundo que mais favoravel seja á nossa causa.

«Agora, vamos para a mesa e baptisemos o jornal!

Depois de uma discussão fastidiosa, resolveu-se que o jornal villarista deveria intitular-se — *O Movimento* — e que o primeiro numero sairia no primeiro de Agosto, isto é, d'alli a dois dias, com artigo de fundo de Victor Marrocos, e um segundo artigo encarando a situação pelo lado do ridiculo, que devia ser a estreia de Guilherme da Cunha.

Depois, ceiou-se, fizeram-se saudes á prosperidade do jornal villarista, disse-se mal dos ministros, desacreditaram-se os redactores das folhas contrarias como corruptos e deshonestos, emfim foi uma ceia como todas as ceias politicas em que só se acham honrados os que estão presentes.

O leitor deve talvez agradecer-nos, se por instantes desampararmos a sala, e escutarmos o que se passa n'um gabinete contiguo.

Duas meninas se achavam já n'esse gabinete quando o marquez de Villar entrou com os redactores.

Encostadas a uma meza, ellas conversavam com uma certa melancholia de expressão, que ainda mais curiosidade despertará agora á leitora saber do que ellas tratavam.

Tinham chegado do theatro havia meia hora. Nenhuma d'ellas se despira nem desenfeitara.

— Quiz que entrasses um instante, disse uma, porque talvez gostes de ler uns versos que traz um *jornal do* Porto.

— Do Porto!

— Sim. São escriptos por alguem de Lisboa... que se acha agora alli.

— Não quero ler: disse a outra. Desejo affastar toda a lembrança d'esse homem. O seu amor foi-me fatal. E' por causa de o haver amado... que eu amanhã me sacrifico a ter por força de o esquecer! E d'ahi... que importa? Dá-me os versos!

E agarrando n'um jornal, leu no folhetim esta poesia:

VISÃO!

Visão, porque fugiste? se a lembrança
D'aquelle tempo vem falar de ti!
Se o anjo da saudade vem ás noites
Recordar-me o que amei e o que soffri!
Mas é tarde, visão, nenhuma sombra
Póde agora a minh'alma inda agitar:
Para sempre a flor mimosa da esperança
Entre martyrios tristes vi murchar!
As vezes vem os eccos fugitivos
D'esse tempo passado ainda até mi,
Mas morrem ao chegar a este ouvido
Sons vagos do que amei, do que senti.
As brisas que, ao cair da tarde, levam
Saudades e segredos mil d'amor
Recolher não puderam já d'est'alma
Mais que um queixume de descrença e dor!
Por muito tempo ainda a phantasia
Illudiu-me, julgando ouvir-te a voz
Na doce viração do fim do dia,
No sussurrar das ondas, ou nos hymnos
Que a natureza ergue ao Creador!
E, se admirava, ás noites, um momento

A estrella solitaria e scintillante
Que ás vezes fulge, só, no firmamento,
Via no esplendor brilhante da saphira
Que da noite esmaltava o escuro veu
O sorriso mavioso que em teus labios
Parece prometter coisas do céu!
Mas lembrava-me então, como dizer-t'o?
Ai! lembrava-me os dias de tortura,
As noites horrorosas de agonia,
De miseria, de raiva, de amargura,
Com que paguei instantes de alegria!
Eu nunca fui feliz quando te amei
Porque, no amor até e na ventura,
Encontrava dois tristes pensamentos:
Ter o accaso tão tarde permittido
Eu te encontrar no mundo e te merecer!
Depois... era fatal essa lembrança,
— Se teria de um dia te perder!
Amei-te muito, flor, ai nem tu sabes
Com que ardor e delirio te adorei!
E se algum crime tive n'esse amor
Foi amar-te de mais como te amei!
Tentas fugir, visão! Mas a lembrança
D'aquelle tempo vem falar de ti!
E o anjo da saudade vem ás noites
Recordar-me o que amei e o que senti!

Porto — Junho, 1846.

G. DA CUNHA.

— Creio que não é a mim que esses versos se referem! disse então com um sorriso a filha de Melitão Vidueira.

— Persuades-te que me diga respeito, essa poesia?

— Pudéra! E's sem a menor duvida a «visão que *foge* d'elle!»

— Está então no Porto!

— Parece.

— Com que fim?

— De se distrahir, disseram-me.

— Distrahir-se de se haver portado tão mal para commigo! E' singular.

— Tenho ouvido contar d'elle trinta mil excentricidades. Creio que, á força de ter talento, é meio louco!

— Sabes tu, Maria Lucia, que o amei como nunca mais de certo poderei amar ninguem? Digo-t'o hoje ainda, e todavia é ámanhã já o dia... Ámanhã!

E Sophia de Sousa, porque era ella, rompeu em lagrimas.

Foi n'esta occasião que entrou o marquez, e as duas meninas ouviram pronunciar o nome de Guilherme da Cunha, e pouco depois escutaram a sua voz.

Sophia de Sousa deu um pulo da cadeira onde estava sentada para a porta do gabinete, e espreitou quem estava na sala. Viu então, effectivamente, Guilherme.

— Como elle está magro! exclamou.

Durante a ceia o mancebo conversou bastante, e animou-se quando chegaram os ultimos *toast*. Sophia que não deixára de escutar, ouviu então o mancebo propôr uma saude:

— *Ignota Déa!* disse elle.

Os convivas acompanharam.

O Villar perguntou:

— Foi a algum amor ideal, ou a uma das suas

boas fortunas amorosas que acabámos de beber, se não é indiscripção?

— A um amor de coração e de cabeça. Um amor antigo!

— Aos vinte annos um amor antigo! ponderou Melitão Vidueira. Foi a sua ama de leite?

— Não lhe permitto o menor gracejo sobre o assumpto, replicou Guilherme; bebi á saude de um amor antigo, e o sr. vae acompanhar-me outra vez n'essa saude — A' filha do seu particular amigo o sr. barão de Sousa!

Os convivas olharam-se com uma expressão de singular espanto. Sophia pallida e tremula continuou a escutar:

— Então ama-a ainda! disse o marquez. Apezar de...

— Apezar de tudo que possa lembrar-lhe. Porque sei, que apesar de tudo tambem, ella não será nunca de outro homem.

Os convivas tornaram a olhar-se.

— Ignora tudo ainda, pelo que vejo, disse o marquez ao ouvido de Melitão.

— Pobre moço! respondeu o agiota Se lhe dão a noticia é capaz de lhe dar um ataque e ahi ficamos sem redactor!

— Mas diz-se no mundo, retorquiu Victor Marrocos, que o sr. Cunha lhe fôra infiel!

— Porque no mundo nunca se fala verdade; acudio o mancebo. Só a ella amei, só a ella amo!

«Fiz a côrte, é certo, a uma senhora de sociedade, disse elle sorrindo ao vêr quanto o marquez

estava longe do caso, porque o sr. Luiz de Lima, a quem hei de agradecer um dia, pareceu ter gosto em sacrificar o meu futuro a um devaneio, e aconselhou-me que fazendo a côrte a essa dama e expondo-lhe a situação em que me encontrava, ella poderia pela sua influencia conseguir o meu casamento. Mas conheci depois que tudo falhou n'esse gracejo com que o sr. Luiz de Lima quiz talvez divertir-se á custa de eu perder a felicidade!

—Innocente! exclamou Sophia de Sousa lançando-se nos braços de Maria Lucia. Oh! que vou eu fazer agora, Deus meu?!

A's duas horas da noite Guilherme da Cunha levantou-se da mesa, despediu-se do marquez, de Melitão, de Marrocos a quem já chamou — collega —e dos convivas que se dobraram n'um cumprimento como competia á pessoa de um primeiro redactor, e sahiu.

Na escada, na occasião em que estava acendendo um charuto a um dos bicos de gaz, sentio o ruido de um vestido de senhora que vinha descendo, e ao voltar a cabeça viu Sophia.

As apparições phantasticas dos contos de Hoffmann não são mais sobrenaturaes do que essa pareceu ao mancebo!

Sophia fitou os olhos nos d'elle, e disse-lhe rapidamente com uma terna expressão de amor:

—Em sendo trez horas da noite, espero-te no mirante, como d'antes. Não faltes!

E desceu rapidamente, entrando depois para o trem que a esperava.

O mancebo ficou collado ao sitio em que se achava, e diligenciou por se convencer que não estava sonhando.

— Ella! exclamou.

XIV

Sonho de uma noite de verão

A noite ia linda, e estava o firmamento esmaltado de um numero infinito de saphiras: dir-se-hia um veu de nupcias poetico e esplendido!

Mas o ar quente e abrasado parecia annunciar alguma trovoada imminente.

Guilherme da Cunha disséra mil vezes á sua propria consciencia, durante o caminho, n'essa noite memoravel, o que todo o homem diria na singular situação em que elle se encontrava:

— Que vou eu fazer, e o que quer dizer tudo isto?

A lua meia escondida n'um delicioso veu de nuvens brancas, prateava a superficie do mar por uma luz de tal fórma seductora, que o mancebo alongou a vista encantado e como n'um extasis suave e consolador pelas aguas resplandecentes do

Tejo, que ficava á direita do seu caminho, e embebido n'essa contemplação mysteriosa de indefinivel goso, sentiu consolar-se a sua alma ao aspecto de poesia que tudo a essa hora apresentava, hora quieta de amores e de sonhos, hora de mysterios e de sombras, em que tudo é melancholico e poetico!

Não seria facil contar com propriedade a impressão melancholica que constrangeu o coração do mancebo, no momento em que os seus olhos distinguiram ao longe entre as sombrias arvores do jardim a casa do barão de Sousa.

Dir-se-hia que todas as fibras da sua alma estremeceram n'esse instante de saudade, e de pena!

Lembrára-se das manhãs em que Sophia o esperava no mirante, para trocar com elle de passagem as rapidas e anciosas perguntas dos namorados:

«Tiveste saudades minhas? Lembraste-te hontem de mim?

Mas a atmosphera abrasada como lhe era agora de assustador presagio, e a luz melancholica das estrellas parecia convidal-o ainda mais a reconhecer-se perdido, e isolado no mundo e na vida, desde que o amor de Sophia deixara de dar animo áquelle coração afflicto!

A serenidade d'essa noite era magestosa e tocante. O silencio era tal que elle ouvia unicamente o ruido surdo e compassado dos seus proprios passos.

—Que vou eu fazer, e o que quer dizer tudo *isto?* perguntou uma vez ainda a si proprio, sen-

tindo que o seu amor, um instante adormecido, accordara de novo vehemente e phrenetico, ao simples avistar de aquelles sitios queridos e memoraveis.

Devo dizel-o. Guilherme da Cunha chegou a lembrar-se de não proseguir no seu caminho: faltou-lhe talvez a coragem para vencer a distancia breve de vinte passos, pouco mais, que o separava apenas d'aquella casa de tão fatal memoria para elle. E' certo que ia succumbindo ao impulso de retroceder.

Mas a lua, essa mysteriosa protectora dos erros do amor, despediu n'esse momento um dos seus raios prateados e magnificos que illuminou o vulto alvejante da donzella.

Ai! acabaram e ahi morreram todas as idéas de não proseguir: ou julgou ver o rosto de Sophia; que era até pallido á luz do sol como o lirio, pallido agora ao clarão da lua como não ha com que se compare de melancholia e seducção!

Então, os passos de Guilherme foram vivos e precipitados, e n'um momento o mancebo se encontrou, como outr'ora, parado defronte do muro, olhando Sophia, a sua adorada Sophia!

Que digam, que pensem, que por um instante imaginem os que já na sua vida amaram com violencia e ardor, o que sentiria aquella alma captiva de um tão grande affecto, ao ver de novo a fronte pallida da sua amante que elle desenhara a todo o instante na phantasia durante um certo tempo, mas de que até o cogitar continuo lhe desvanecera

as feições e os traços na confusão das idéas e das reminiscencias?! que digam, que pensem, que por um instante imaginem os que já na sua vida amaram com violencia e ardor, o que sentiria aquella alma captiva de um tão grande affecto, ao ver de novo a fronte pallida da sua amante que elle desenhara a todo o instante na phantasia durante um certo tempo, mas de que até o cogitar continuo lhe desvanecera as feições e os traços na confusão das idéas e das reminiscencias?! que digam, que pensem, que por um instante imaginem os que ainda crêem nos amores verdadeiros e devastadores, qual seria a impressão excentrica, misturada de alegria e de tristeza, que comprimiu o peito do pobre moço, avivando-lhe a saudade e quem sabe se acordando-lhe novamente a esperança?!

Havia no muro uma porta praticavel para o jardim: Guilherme tinha visto por vezes essa porta aberta de dia, mais é facil de se imaginar que havia na casa o maior cuidado de logo á noite a fecharem.

N'essa noite a porta do jardim estava aberta, e Guilherme ao passar por ella, ouviu a voz meiga e doce da sua namorada dizer lhe apenas:

— Sobe!

Guilherme era um digno e honesto caracter: a paixão poder-lhe-hia consentir um crime, o calculo frio e pausado nunca lhe ministraria uma má acção: por isso Guilherme não viu de começo no — Sobe! — de Sophia, mais do que uma expressão de momento, nascida de um acaso feliz, que fizera com

que os criados não se houvessem lembrado de fechar a porta, e lhes proporcionara terem agora occasião de se falarem de mais perto.

E Guilherme subiu.

A lua tocara o seu occaso, mas a luz das estrellas espalhava uma debil e frouxa claridade que ainda mais convidava ao amor.

A brisa vinha tepida e embalsamada pelo perfume das flores do jardim misturar-se ao vago perfume da noite.

Sophia vinha de branco como as namoradas das baladas e das chacaras. Vestia uma blusa larga e escura, e a pallidez do seu rosto destacava ainda mais á debil claridade d'aquella seductora noite de verão.

Sophia era um d'esses caracteres que se devoram pela triste inquietação que obriga as maiores almas a procurarem muitas vezes a grandiosidade até no crime!

Dotada de um espirito exaltado e poetico, de uma alma apaixonada e terna, possuia todas as qualidades que conduzem a uma certa faculdade d'illusão, a uma aspiração phrenetica para um ponto que nem é a saudade nem a esperança, mas talvez o desejo em toda a sua intensidade devoradora!

Lastimae-a em vez de a accusardes, puritanos modernos, incapazes de sentir e de amar, que condemnaes o sentimento, por que Deus não vos achou dignos de vos fazer poetas!

A namorada chegou até junto de Guilherme,

ajoelhando deante d'elle disse-lhe com uma expressão arrebatadora de mysticismo e de poesia, enxugando as lagrimas que saltavam dos seus lindos olhos, e affastando do rosto os cabellos para deixar descoberta aquella fronte onde o dedo de Deus parecia haver marcado o sello de um mysterioso infortunio:

— Deus que me ouve e que nos está vendo sabe se eu sou culpada, oh anjo meu! O destino poude mais do que o nosso amor, mas o nosso amor ainda resiste ao destino!

«Estou innocente e sei que tambem o estás, querido! mas nem o meu peito deixou de te adorar, nem a minha alma de cogitar em ti. Ennegreceram-te a meus olhos, e degradaram-me aos teus! Innocentes ambos, ambos parecemos culpados: sei tudo!

«Pobre, perdido, ou assassino, eu ainda me sacrificaria por ti, e te havia de consolar: amando outra, como eu cuidava e como tudo parecia demonstrar-m'o, nem podia amar-te nem perdoar-te!

«Mas dize, ó meu querido Guilherme, se eu não seria mais criminosa em consentir-te nos braços de outra, do que parecendo desde esse instante riscar para sempre a tua memoria!

«Não sabe ninguem no mundo a que amarguras me entreguei! mas se guardasse todas as lagrimas que derramei, ellas formariam um rio de pranto!

«E' um segredo entre mim e Deus o poema de amor e ciume que se tem passado na minha alma: mas foram agudas de mais as dores que se me *prepararam*! succumbi a ellas.

«Vi em ti, no meu fiel e apaixonado Guilherme de outr'ora, um amante traiçoeiro e que não me amava por mim mesma! Oh! foi doloroso o instante em que este peito teve que luctar entre o amor e o despreso, entre o affecto que me abrazava ainda por ti, e o desejo, o dever, de te deixar, de te esquecer, de te votar ao aviltamento do teu proprio proceder! O mancebo suffocado em lagrimas, abriu os braços á namorada, e conchegou-a ao peito n'um delirio phrenetico de enthusiasmo affectuoso.

— Anjo! oh anjo meu! disse Guilherme: perdoa-me como eu te perdôo, esquece como eu já esqueci! seja de flores a existencia que nos quizeram preparar de espinhos!

«Amas-me ainda? dize, minha pobre querida? amas-me como d'antes? como nos primeiros, como nos ultimos tempos do nosso amor?

— Querido meu! as flores da esperança reverdecem com as lagrimas do arrependimento! Os dias de amargura ficam já compensados por estas doces horas do ceu! Meu bom Guilherme, disse ella encostando a face pallida ao hombro do mancebo, meu bom Guilherme eu amo-te!

— Anjo meu!

Uma quente aragem veiu n'esse instante colher o perfume das flores, e baloiçar docemente os ramos escuros das arvores.

— Que noite! disse Guilherme; oh! meu anjo, que linda noite temos! como seria cruel morrer no meio d'esta esplendida festa que a natureza concede ao homem!

«Respira os perfumes que se exhalam em torno de nós, e este divino e harmonioso concerto do vento nas folhas, do zumbir das abelhas, e do canto das aves!

E o mancebo collou os seus labios ardentes e phreneticos aos labios pallidos e frios da namorada.

Mas Sophia não resistiu, não fez o mais leve movimento, e abrindo os braços a Guilherme, balbuciou com voz fraca e debil:

— Sou tua!

— E o ardor da paixão auxiliado pelo magestoso silencio da noite originou em ambos a vertigem do amor.

Abraçaram-se como loucos, e beijaram-se com delirio.

— Minha! tu és minha! dizia Guilherme incendiado pela paixão e pelos sentidos, apertando-a ao peito, beijando-lhe as mãos, as faces, os braços, os cabellos, n'um fervor de enthusiasmo e de phrenesi.

— Guilherme! Guilherme, disse ainda a namorada; que fazes tu, meu anjo?

E Guilherme, como louco, cobria de beijos a arvore em que ella collocava a mão, a relva em que ella poisava os pés!

— Guilherme... Guilherme, meu anjo, amo-te... adoro-te!

E Sophia caíu como morta sobre a relva do jardim.

.....

Foi como um sonho divino que teve um acordar terrestre.

Guilherme da Cunha passou as mãos pela fronte da sua namorada, como hesitando em acreditar que estavam ambos reunidos, e que se passára tudo que acabava de ter logar.

— Sophia... Sophia? és tu ou não, meu amor, que eu abraço agora mesmo, que cinjo ainda ao meu peito? dize se és tu ou não?

Pobre Sophia! A voz expirava-lhe nos labios, e ella nem teve forças para responder!

E novos abraços e novos beijos, e mil caricias repetidas se seguiram, da parte de Guilherme que foi eloquente de paixão, e que acompanhou as mais seductoras meiguices, chamando Sophia pelos mais ternos nomes.

Mas Guilherme observára já que aquella casa de ordinario tão tranquilla e deserta, estava ainda ás duas horas da noite entregue a surda agitação: as luzes que brilhavam nos differentes quartos extinguiam-se de repente, depois brilhavam de novo, como se as fizessem gyrar em diversas direcções, ouvia-se confusamente a voz dos criados, e o ruido dos seus passos ao subirem e descerem a escada do primeiro andar para o segundo, porque, como já se disse, o barão de Sousa occupava os dois andares. O mancebo teve um presentimento vago, mas atterrador e funesto!

— Sophia! disse elle.

A donzella parecia entregue a uma idéa fixa; não lhe respondeu, e nem sequer o ouviu.

— Sophia! balbuciou de novo o namorado; dize-me, querida, porque estás tão pallida e por que estão frias de neve as tuas mãos? Ah! Bem sei! é a pallidez das noivas, a deliciosa pallidez da felicidade!

— Oh! disse a namorada! Abraça-me outra vez!

Mas quando os braços do mancebo cingiam de novo a cintura de Sophia, os olhos d'elle encontraram ainda as luzes que gyravam pelos quartos e pela escada.

— Estão acordados ainda em tua casa? perguntou Guilherme petrificado.

Sophia fitou a vista enfraquecida nas janellas da casa de seu pae, allumiadas ainda, e com um sorriso inexplicavel e mysterioso, mas d'expressão triste e resignada, respondeu ao seu amante:

— Estão acordados, estão. Vae-te!

E um beijo phrenetico acompanhado de lagrimas ardentes e escaldantes que saltaram dos olhos da namorada, acompanharam estas palavras simples, ditas n'um tom de melancholia despretenciosa e impressionativa.

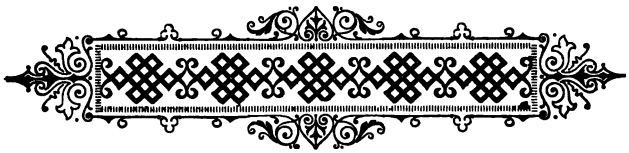
Guilherme julgou aquellas palavras nascidas do arrependimento, do remorso, pelos erros d'essa noite:

E o mancebo respondeu áquelle ultimo beijo de Sophia, com outro não menos vehemente, e exclamou:

— Adeus, minha esposa! até ámanhã!

Mas essas palavras perderam-se na noite como *um triste* presagio do destino d'ambos!

A namorada chorava perdidamente, e suffocada em pranto e em soluços, o empurrou brandamente, porque nem já tinha animo de o conservar perto de si mais tempo sem lhe revelar o segredo que o leitor saberá mais tarde!



XV

Em que verdadeiramente principia o romance

Ao romper do dia, Guilherme da Cunha recebeu a seguinte carta:

«Morri para ti, Guilherme, morremos um para o outro!

«Parte de Lisboa, se queres libertar-me da maior das vergonhas por que possa atravessar, da mais dilacerante angustia que a minha alma possa soffrer — a de nos encontrarmos no mundo!

«Parte, foge, deixa-me! Parte sem olhares para traz, sem nunca mais te recordares de mim!

«Estou casada.

«Não me accuses. Era tarde para remediar tudo sem um escandalo que nos perderia, quando soube que não havias sido indigno do meu amor pelo que

ouvi sem ser vista, pelo que disseste sem me saberes perto de ti!

«Tarde! Oh! tarde era já para a nossa felicidade, tarde é agora para a salvação da minha alma!

«Perdi-me por ti, perante a minha consciencia. Entreguei-te a minha coroa de virgem, porque a idéa de que eu preferia ao teu amor a posição e a grandeza, poder-te-hia fazer julgar que eu fizera d'ella um leilão de impudicicia, que a entregára áquelle que mais lançou!

«Entreguei-me a ti, sim, é bem verdade, mas se fiz um dever de um excesso do meu amor, se considerei que tinhas direito, pela superioridade do affecto que me tens dado, a que os braços de outro homem, embora a egreja e as instituições sagrassem essa união, me não estreitassem primeiro do que os teus, é porque tambem n'esse instante a minha dignidade de mulher ponderou á minha dedicação de namorada, que no dia seguinte eu seria moralmente viuva de Guilherme, e poderia então sacrificar-me a ser esposa de outro!

«Serás toda a minha vida a imagem querida de um sonho feliz. Qual de nós dois vae soffrer mais, não sei! Não és tu, talvez.

«Só a ti amei, só a ti amo ainda; mas quero atravez da minha desgraça, julgar-me ainda digna do amor que me tiveste. Por isso morro hoje para ti!

«Ser de dois homens, nunca.

«Assim só engano um — aquelle com quem vou casar; mas engano-o uma vez, e é na vespera de estar casada.

«Depois, ser de ti e d'elle... Esta idéa horrorisa-me. Nunca!

— Esquece-me, se puderes. Odeia-me e despresa-me se me julgas digna do teu despreso e do teu odio. Mas Deus parece dizer á minha consciencia que portando-me assim sou martyr, mas não sou vil.

«Adeus, Guilherme, anjo da minha alma, adeus!

Sophia.

O mancebo demorou a vista vagamente sobre a carta que lêra. E o olhar annuviado pela sensação que o accommetteu nem as lettras lhe deixava bem distinguir.

Ao cabo de uma pausa, em que as suas idéas perdidas, attonitas e confusas, pareceram reunir se n'um impeto de resolução sublime, passou a mão pela fronte banhada em suor frio e copioso, e exclamou com uma expressão grandiosa:

— Impossivel!

Depois, pallido e convulso amarrotou a carta entre as mãos, e sentiu que os olhos se lhe innundavam de lagrimas escaldantes, que rebentavam vehementes e phreneticas. Levou então aos olhos, como para enxugar o pranto, essa mesma carta fatal que lh'o suscitára.

— Vêl-a! disse. — Quero vêl-a!

E saíu.

Caminhou machinalmente pelas ruas, sem ao menos tomar a direcção de Santa Apolonia, onde,

como o leitor ouviu no primeiro capitulo, morava o barão de Sousa.

Encontrou um amigo: um d'estes amigos que parece quererem alviçaras por nos darem primeiro que ninguem uma má noticia. Era o advogado que o leitor já conhece.

— Então casa-se hoje o teu namoro antigo! Acabo de encontrar o cortejo.

— Onde? perguntou Guilherme com ancia.

— O noivo vae morar para casa do sogro.

— Mas o cortejo?...

— Isto de mulheres! como ella já está casada! Bem vês que elle é um homem que tem uma posição.

— Dize onde encontraste o cortejo, emfim? exclamou Guilherme.

— Ah! o cortejo. A Santo André; foram receber-se á egreja da Graça, ouvi dizer que em consequencia de ser n'esta freguezia que a pequena foi baptisada: um capricho do pae, provavelmente...

Quando o advogado Mendonça voltou a cabeça, viu que estava a falar sósinho, porque o mancebo tão depressa ouvira que era na egreja da Graça, desapparecera com a velocidade de um relampago.

Não encontrou durante o caminho um unico *tivoli* por felicidade sua, aliás teria feito a mais deploravel figura n'este mundo, porque o seu desejo era apparecer na egreja na occasião de se receberem os noivos, e vêr ao menos que impressão significava o olhar de Sophia ao encontrar o seu!

Caso estranho, mas mais natural do que se jul-

gará! o mancebo pensava no casamento, e não se lembrava do marido. Via apenas n'esse acto a sua namorada, não via mais ninguem, não via mais nada. Podia ter perguntado a Affonso de Mendonça quem era o noivo, podia depois durante o caminho pensar n'isso — não se lembrou d'elle sequer!

Ao chegar justamente ao largo da Graça, viu sahirem da egreja, e entrar para os trens, os padrinhos e os noivos.

Viu então Luiz de Lima, e um presentimento imperioso e violento lhe bradou: — E' elle!

N'uma rapida vista que volveu sobre Sophia, viu a pallida e livida como expirante. A noiva por felicidade da sua alma não pensou sequer por um momento que o seu amante da vespera estivesse tão perto d'ella. Ia, ou parecia ir, triste e desconsolada.

Era tão visivel e pronunciada a amargura que se lhe desenhava nas feições, e a angustia que o olhar melancholico traduzia, que os mendigos que estacionavam á porta da egreja, e que são por experiencia longa, sabios juizes para estes discernimentos, disseram uns para os outros com um olhar de máu presagio:

«A noiva não vae contente!

Os trens partiram.

Em quanto ás particularidades do casamento, o leitor terá mais tarde de as conhecer a fundo, por que d'ellas será consequencia todo o futuro dos noivos, e isto constitue o traço mais estudado d'este quadro que emprehendemos.

Guilherme da Cunha ficou olhando os trens que desappareciam rapidos, até de todo os perder de vista.

Então, encostando-se á muralha do largo da Graça, espalhou a vista tristemente, e viu a cidade deitada a seus pés.

Atterrado de vêr que todas as suas esperanças se iam desfolhando e perdendo, soltou então a pergunta proverbial das almas fracas e irresolutas que nada sabem prever:

— Porque?

— «Se tinha de ser assim, em que seria então que eu offendi Deus ou o destino? Fatalistas somos todos os que nascemos debaixo da influencia d'este vivo sol de Portugal; fatalista sou tambem, mas nem sei se accuse pelos meus infortunios o poder da fatalidade ou o do accaso!

«Cruelmente me enganei se esta mulher é falsa! Cruelmente me estará illudindo agora esta carta, em que se me diz que ao receio de um escandalo se deve o passo que deu!

«Mas — que assim fosse! — não tenho eu direito a indignar-me de que se attenda ao mundo, ás estereis conveniencias sociaes, a tudo que ha-de pequeno e insignificante — primeiro do que ao nosso amor?

«N'isto te reconheço bem, Lisboa! Porém, pobre da terra onde as mulheres attendem tanto ao que o mundo chama ter juizo!

«Qual é então o condão d'este sol esplendido, *ardente e poetico*, se até na edade da vida em que

a natureza sabe ter voz para nos consolar o coração, em que os diversos sons da creação se reunem n'uma harmonia inspirada e opulenta, em que o vento que geme, a ave que canta, e a corrente que suspira parecem erguer um hymno de esperança e de amor — sois vós, creaturas que pareceis meigas e ternas, as que melhor sabem enganar e fingir?

E os olhos do mancebo, um instante fixos no sol magnifico que principiava a doirar Lisboa, baixaram humidos e tristes, perseguidos pelo circulo escuro que acompanha a vista do imprudente que se atreve a fitar o rei dos astros.

«E todavia as mulheres de Portugal valem mais do que os homens, em tudo que póde provir da intelligencia e do coração! Mais nobres, mais dignas, em tudo superiores a estes Belizarios do senso commum que apenas são capazes de adorar o *veado de oiro*, deus moderno cujo brilho offusca o da honra e o do talento, aos olhos d'esta miseravel Lisboa que só estima os que nada valem!

Que terra, a nossa, em que só se dá aos ricos!...

E ficou pallido, attonito, com a vista parada sobre o grande panorama de Lisboa.

Principiava a chegar-lhe aos ouvidos o motim confuso da população que encetava o seu gyro d'esse dia. Mas elle pensou n'esse momento na outra população, na outra Lisboa — na que ainda dormia a essa hora , porque recolhera de madrugada dos bailes, do jogo, ou de Cintra. E um supremo impeto de coragem grandiosa, lhe encheu de repente a alma de resolução e de energia, por-

que lhe lembrou que se o amor fugira d'elle, restava-lhe a politica, e o jornal villarista havia de sair d'ahi a dois dias.

— Querem aniquillar-me? exclamou. Pois vencerei! Agora eu, Lisboa!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

UNIVERSITY OF MICHIGAN

INDICE

DOS

CAPILULOS DO PRIMEIRO VOLUME

	PAG
A' critica	V
I — No Marrare	9
II — Na Floresta Egypcia	19
III — Uma ceia de Domingo Gordo	37
IV — Quem era o barão de Sousa	57
V — A filha do barão de Sousa	65
VI — Millessimas cousas urgicas	75
VII — A marqueza de Villar	95
VIII — Antes do baile	109
IX — Prologo de grandes desgostos	115
X — O sr. advogado Affonso de Mendonça	125
XI — Ritinha	131
XII — Por fallar se lucra	159
XIII — Peripécia	169
XIV — Sonho de uma noite de verão	179
XV — Em que verdadeiramente principia o romance	191

PARCERIA

ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA-EDITORA

OFFICINAS

TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54

LISBOA